

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO

JOÃO VITOR CASSELA NOVOA

**OS ÚLTIMOS DIAS DE UNIÃO SOVIÉTICA: ANÁLISE DA SÉRIE DE  
REPORTAGENS “A SEGUNDA REVOLUÇÃO”, DE ZERO HORA**

PORTO ALEGRE

2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO

JOÃO VITOR CASSELA NOVOA

**OS ÚLTIMOS DIAS DE UNIÃO SOVIÉTICA: ANÁLISE DA SÉRIE DE  
REPORTAGENS “A SEGUNDA REVOLUÇÃO”, DE ZERO HORA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo -, pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof. Dra. Sandra de Deus

PORTO ALEGRE

2012

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus pais, primeiramente, por fornecer a energia e tranquilidade para superar momentos pessoais difíceis durante o período de faculdade, bem como fornecer a estrutura para que eu entrasse na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e demonstrando a cada dia o orgulho e o carinho por mim. À minha professora-orientadora, Sandra Batista de Deus, um abraço fraternal pela enorme paciência que precisou para me conduzir ao final deste trabalho de conclusão durante dois semestres. E, por último, e não menos importante, meus amigos e demais familiares, pelo acolhimento e amizade que sempre demonstraram comigo. O mínimo que poderia fazer para orgulhá-los tentei realizar nesta obra.

*É preciso investigar muito. Existem jornalistas e matérias jornalísticas de diversos níveis. É possível fazer um grande jornal apenas relatando os fatos, mas acredito que um jornal assim não é capaz de cumprir o seu papel, já que não vai até o fim das coisas e deixa ao leitor a incumbência de julgar por si só.*

*Cláudio Abramo, A Regra do Jogo*

## RESUMO

Esse trabalho busca entender o olhar do jornal Zero Hora, uma das principais publicações do Rio Grande do Sul em tiragem, para o final da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, em dezembro de 1991. Embora a data derradeira de existência do país fundado em 1917 sob as luzes ideológicas de Lênin e Trotsky seja de 31 de dezembro daquele ano, o conteúdo analisado foi dos dias 1 a 10 de dezembro de 1991, período em que saiu uma série de reportagens especiais sobre o fim da URSS, realizadas pelo correspondente Marcelo Rech, hoje editor-chefe do periódico, sob o título de “A Segunda Revolução”. O jornalista ficou no país do leste europeu em novembro daquele ano. A análise de conteúdo das dezenas de matérias levou em consideração todos os procedimentos metodológicos necessários separando nas categorias neutras, positivas e negativas para a URSS. Para aprofundar o material ao ponto de observador distante e mero receptor foi discutido o conceito de poder e discurso da mídia no campo político.

Palavras-chave: Fim da União Soviética, URSS, jornalismo e política, Zero Hora.

## LISTA DE FIGURAS

<b>1. CAPA DA EDIÇÃO DO DIA 1 DE DEZEMBRO.....</b>	<b>65</b>
1.1. PÁGINA 24 DO DIA 1 DE DEZEMBRO DE 1991.....	66
1.2. PÁGINA 25 DO DIA 1 DE DEZEMBRO DE 1991.....	67
<b>2. CAPA DA EDIÇÃO DO DIA 2 DE DEZEMBRO.....</b>	<b>68</b>
2.1. PÁGINA 20 DO DIA 2 DE DEZEMBRO DE 1991.....	69
2.2. PÁGINA 21 DO DIA 2 DE DEZEMBRO DE 1991.....	70
<b>3. CAPA DA EDIÇÃO DO DIA 3 DE DEZEMBRO.....</b>	<b>71</b>
3.1. PÁGINA 16 DO DIA 1 DE DEZEMBRO DE 1991.....	72
3.2. PÁGINA 17 DO DIA 1 DE DEZEMBRO DE 1991.....	73
<b>4. CAPA DA EDIÇÃO DO DIA 4 DE DEZEMBRO.....</b>	<b>74</b>
4.1. PÁGINA 18 DO DIA 1 DE DEZEMBRO DE 1991.....	75
4.2. PÁGINA 19 DO DIA 1 DE DEZEMBRO DE 1991.....	76
<b>5. CAPA DA EDIÇÃO DO DIA 5 DE DEZEMBRO.....</b>	<b>77</b>
5.1. PÁGINA 18 DO DIA 1 DE DEZEMBRO DE 1991.....	78
5.2. PÁGINA 19 DO DIA 1 DE DEZEMBRO DE 1991.....	79
<b>6. CAPA DA EDIÇÃO DO DIA 6 DE DEZEMBRO.....</b>	<b>80</b>
6.1. PÁGINA 18 DO DIA 1 DE DEZEMBRO DE 1991.....	81
6.2. PÁGINA 19 DO DIA 1 DE DEZEMBRO DE 1991.....	82
<b>7. CAPA DA EDIÇÃO DO DIA 7 DE DEZEMBRO.....</b>	<b>83</b>
7.1. PÁGINA 16 DO DIA 1 DE DEZEMBRO DE 1991.....	84
7.2. PÁGINA 17 DO DIA 1 DE DEZEMBRO DE 1991.....	85
<b>8. CAPA DA EDIÇÃO DO DIA 8 DE DEZEMBRO.....</b>	<b>86</b>
8.1. PÁGINA 24 DO DIA 1 DE DEZEMBRO DE 1991.....	87
8.2. PÁGINA 25 DO DIA 1 DE DEZEMBRO DE 1991.....	88
<b>9. CAPA DA EDIÇÃO DO DIA 9 DE DEZEMBRO.....</b>	<b>89</b>
9.1. PÁGINA 20 DO DIA 1 DE DEZEMBRO DE 1991.....	90
9.2. PÁGINA 21 DO DIA 1 DE DEZEMBRO DE 1991.....	91
<b>10. CAPA DA EDIÇÃO DO DIA 10 DE DEZEMBRO.....</b>	<b>92</b>
10.1. PÁGINA 18 DO DIA 10 DE DEZEMBRO DE 1991.....	93
10.2. PÁGINA 19 DO DIA 10 DE DEZEMBRO DE 1991.....	94

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>08</b>
<b>2. TEORIAS DO JORNALISMO.....</b>	<b>11</b>
a. O PODER DA IMPRENSA E O DESAFIO DA REPORTAGEM.....	11
b. MÍDIA, ÉTICA E POLÍTICA.....	14
c. O JORNALISTA VIVENDO A HISTÓRIA.....	17
<b>3. CONCEPÇÃO METODOLÓGICA.....</b>	<b>20</b>
a. COMO ESTUDAR UM JORNAL.....	20
b. ZERO HORA.....	21
c. ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	24
<b>4. CONTEXTO HISTÓRICO.....</b>	<b>26</b>
a. O PERÍODO SOVIÉTICO.....	26
b. A GLASNOST E A PERESTROIKA, A ERA GORBACHEV.....	31
c. O GOLPE DA LINHA DURA COMUNISTA.....	35
d. MARCELO RECH NOS DIAS DE FALÊNCIA DO ESTADO SOVIÉTICO.....	37
<b>5. ANÁLISE DA SÉRIE “A SEGUNDA REVOLUÇÃO” .....</b>	<b>39</b>
a. EDIÇÃO DO DIA 1 DE DEZEMBRO DE 1991.....	39
b. EDIÇÃO DO DIA 2 DE DEZEMBRO DE 1991.....	41
c. EDIÇÃO DO DIA 3 DE DEZEMBRO DE 1991.....	43
d. EDIÇÃO DO DIA 4 DE DEZEMBRO DE 1991.....	45
e. EDIÇÃO DO DIA 5 DE DEZEMBRO DE 1991.....	48
f. EDIÇÃO DO DIA 6 DE DEZEMBRO DE 1991.....	50
g. EDIÇÃO DO DIA 7 DE DEZEMBRO DE 1991.....	53
h. EDIÇÃO DO DIA 8 DE DEZEMBRO DE 1991.....	55
i. EDIÇÃO DO DIA 9 DE DEZEMBRO DE 1991.....	56
j. EDIÇÃO DO DIA 10 DE DEZEMBRO DE 1991.....	58
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>61</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>64</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O estudo do período histórico de existência da URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) sempre foi algo que me interessou. As trocas de poderes no *Politburo*, o Executivo soviético, a participação nas guerras mundiais e o sistema econômico e político do antigo conglomerado de nações do leste europeu que provocava temor no mundo ocidental me motivava a sempre saber mais sobre o tema.

A busca por matérias e conteúdos relacionados a URSS me fez perceber o viés da maioria dos veículos da grande imprensa em se tratando do tema. Rótulos como “ditadura”, “sistema decadente”, “falência do Estado comunista”, os “crimes contra a humanidade”, coincidentemente ou não, estiveram em todas as matérias relacionadas ao tema. E nesta série de reportagens estudadas em Zero Hora, entre 1 e 10 de dezembro de 1991, sob o título sugestivo de “A Segunda Revolução”, me fez despertar para o assunto, a ponto de estudá-lo e discuti-lo em uma monografia.

Desde a sua fundação, em 1922, ou cinco anos após a Revolução de Outubro<sup>1</sup>, a URSS foi alvo de estudos, fanatismos pró e contra, subversões no mundo inteiro. Para os russos, ucranianos, cazaques etc., até a década de 1970 era um país-modelo para o mundo desenvolvimentista. Eles eram conhecidos como Segundo Mundo para os ocidentais, preocupados antes de tudo em colocar o sistema capitalista como líder na ordem global. Ao mesmo tempo, eram vistos como propagadores de uma ordem que se estabeleceria no mundo inteiro, cedo ou tarde. O chamado “perigo vermelho”, usado na mídia pró-ocidental e pró-capitalista no mundo todo.

Esse receio se tornou clichê com os mccarthistas norte-americanos nas décadas de 1950 e 1960, com outros governos ocidentais e, também, com as ditaduras militares latino-americanas a partir da década de 1960. Os generais Augusto Pinochet, no Chile, Jorge Videla, na Argentina, e o regime militar brasileiro, principalmente na época de perseguições e do dito “milagre econômico brasileiro” com Emílio Garrastazu Médici, entre 1969 e 1974. O lançamento do AI-5 e a Guerrilha do Araguaia são exemplos claros do combate a tudo que representava os ideais de Lênin e Trotsky.

E a imprensa de larga escala – exceto a subversiva, como o Pasquim, por exemplo – foi, desde o golpe de 1964 ativamente contra o ideário comunista, seja por medo de

---

<sup>1</sup> Na realidade, foi em novembro de 1917 para o nosso calendário, o gregoriano. A Rússia czarista era tão atrasada na época, durante a Primeira Guerra Mundial, que ainda utilizava o calendário juliano, atrasado em algumas semanas em relação ao gregoriano



ingerência do governo, dos donos de empresas anunciantes, do dono do veículo ou pelos próprios jornalistas. O jornalismo político sempre tratou o tema com ressalva, colocando o ex-líder soviético Leonid Brejnev como o homem mais poderoso e temido do mundo, mais ainda do que os então presidentes norte-americanos Richard Nixon e Jimmy Carter.

Durante o regime militar e até mesmo depois, na abertura democrática brasileira com os governos Sarney e Collor, poucas pessoas ousavam defender abertamente o ideário comunista, principalmente pelo atentado letal à propriedade privada e ao regime capitalista. Além disso, todo o mundo ocidental aprovou as medidas do emergente líder Mikhail Gorbachev para driblar a política comunista e a falta de transparência do jogo político daquele país. No entanto, a abertura da economia em um país que já sofria com a grave crise do petróleo, da década de 1970, fomentada pela Guerra do Yom Kippur que provocou a alta nos preços do combustível e a interrupção de políticas desenvolvimentistas em várias partes do mundo, e com a Guerra do Afeganistão, na década seguinte, provocou o desmantelamento do país apenas seis anos após ter assumido, em 1986.

O apoio às medidas de Gorbachev, que brilhava nos holofotes ocidentais em eventos com a sua esposa Raisa<sup>2</sup>, foi grande. E a imprensa gaúcha não destoou disso. Muitos jornalistas comentavam agradados com as posições do líder, mesmo não tendo ciência do que se passava no interior da estrutura soviética. Prova disso, é de que Gorbachev tentou se eleger presidente em 1992 nas primeiras eleições democráticas da história russa, contra Boris Yeltsin, então prefeito de Moscou e líder da resistência à linha-dura soviética (stalinistas). Ele conseguiu apoio de apenas 1% do eleitorado russo, segundo o livro Dossiê Moscou, de Geneton Moraes Neto.

O estudo então busca analisar como a mídia ocidental/capitalista, representada pelo maior veículo impresso de comunicação do Rio Grande do Sul e partindo do princípio da Teoria da Ação Política de Nelson Traquina e das ideias, principalmente, de Noam Chomsky, abordou o fim do país que foi contraponto do seio liberal por aproximadamente sete décadas. O trabalho busca explicar o “consenso produzido” elucidado por Chomsky em suas obras.

Além dos fins acadêmicos, esta monografia serviu para o campo pessoal também, já que me interessava pelo assunto desde o 2º grau e sempre quis conhecer o viés de Zero Hora neste assunto para comparar com outras coberturas, como a renúncia de Fidel Castro, as invasões/ocupações do MST (Movimento dos Sem Terra), etc., realizadas pelo veículo.

---

<sup>2</sup> Mikhail Gorbachev foi o primeiro líder soviético a aparecer com a primeira-dama em eventos públicos e oficiais

A série de reportagens mostrou os últimos dias de existência do país. Quando ela acabou, em 10 de dezembro de 1991, o país respirou por mais 20 dias apenas, trocando a bandeira vermelha pela tricolor russa em 31 de dezembro daquele ano. A mídia aceitou e apoiou Yeltsin, mesmo que menos de oito anos depois, quando ele entregou o cargo ao então primeiro-ministro Vladimir Putin com um país mergulhado em uma grave crise econômica, educacional e política. Além dessas derrotas, Yeltsin escondia o problema do alcoolismo. Mas a falta de gerência política e estratégica do líder só foi criticada depois do apoio ao fim da União Soviética pela mídia ocidental, é claro. E Gorbachev segue sendo enaltecido, mesmo sendo duramente criticado pelos russos. É interessante de analisar a simbiose entre o jornalismo político com as tendências apontadas e indicadas por agências estrangeiras (sempre as pró-capitalistas) e defendidas pela ordem capitalista, seja através da pressão dos anunciantes ou dos proprietários da grande mídia.

O trabalho parte, após a discussão teórica e metodológica, para a análise de conteúdo de Lawrence Bardin. Cada matéria – cerca de 40 – de dez dias coletados de reportagem especial será analisada. O autor do trabalho elaborará o trabalho de acordo com a análise categorial. A categorização será dividida entre matérias positivas, neutras e negativas para a União Soviética. O estudo procurará palavras chave e termos, tais como “fim da ditadura”, “sistema decadente”, “falência do Estado comunista”, “crimes contra a humanidade”, entre outros, para rotular uma matéria de acordo com este tipo de análise.

A análise categorial foi feita levando-se em conta apenas esses quesitos, pois, sem uma entrevista em profundidade, outras categorias teriam caráter subjetivo, o que não é o objetivo deste trabalho. O tratamento dado a fontes obscuras e sem credibilidade, bem como de manchetes acusatórias também serão debatidos. A análise de conteúdo procurará realizar esse trabalho de desconstrução de 20 páginas de Zero Hora para o fim iminente da União Soviética.

No fim, há a conclusão sobre o enfrentamento do jornalismo no seio político e ideológico mundial no ano de 1991. Apesar de passados quase 21 anos da veiculação da reportagem, o trabalho visa a ser uma ferramenta de percepção do jornalismo político praticado em Zero Hora.

## 2. TEORIAS DO JORNALISMO

### 2.1. O poder da imprensa e o desafio da reportagem

O jornalismo, em todas suas frentes, seja na entrevista, reportagem ou simples matérias esconde a falsa imparcialidade em relatos pessoais do acontecimento. Berger (1998)<sup>3</sup> defende a tese ao analisar o papel de Zero Hora na cobertura de notícias do Movimento dos Sem Terra.

Num acontecimento histórico da Era Moderna também. Cada grupo de mídia global representa a ocasião de formas diferentes. Embora possa haver um ligeiro preconceito ideológico hegemônico ou inevitáveis deslizes na chamada imparcialidade, o jornalismo apresenta o seu relato como o definitivo para o seu público-alvo.

É disso que se trata uma longa reportagem, como é o caso do estudo desse trabalho. Em Discurso das Mídias<sup>4</sup>, Charaudeau reconhece que a reportagem não consegue fugir de certa forma a algum tipo de roteirização e dramatização do acontecimento para o espectador.

A produção da notícia e a escolha dos personagens a serem entrevistados segue a linha editorial e comercial dos meios de imprensa. Numa série de reportagens, então, a escolha aleatória das fontes dizima a referida imparcialidade expressa no lead da maioria dos textos do estilo. O receptor, assim, é refém dos caminhos escolhidos pelo emissor na publicação de uma série de informações que grande parte de quem lê, assiste ou escuta não está familiarizada. É nesse poder de construção da realidade que o jornalismo navega e por, vezes, naufraga, já que o profissional está inserido num pré-conceito inevitável. Há, portanto, a parcialidade da notícia que muitos meios de comunicação – em nosso país, principalmente, os grandes grupos – tentam esconder para mostrar um grau de profissionalismo tanto consolidado quanto estudado.

Para Norman e Chomsky (1989), o conteúdo das notícias não é predeterminado ao nível macroeconômico. Segundo a Teoria da Ação Política de esquerda, que conta com o linguista Noam Chomsky como seu principal ideólogo, existe um diretório dirigente da classe

---

<sup>3</sup> “A compreensão do jornalismo passa, portanto, do nosso ponto de vista, pela problematização da referencialidade, pois (...), o presente/real existe, só sendo acessível, no entanto, ao ser editado”.

<sup>4</sup> CHARAUDEAU, Patrick. Discurso das Mídias. 2006. Pags. 221 e 222. “(...) a reportagem deve adotar um ponto de vista distanciado e global e deve propor ao mesmo tempo um questionamento sobre o fenômeno tratado. É por isso que recorre a roteirizações (...) para, por um lado, satisfazer às condições de credibilidade da informação, por outro, satisfazer às condições de sedução da finalidade de captação (dramatizações destinadas a tocar a afetividade do espectador).

capitalista que dita aos diretores e jornalistas o que sai nos jornais. Há o reforço dos pontos de vista do establishment, como ilustra Nelson Traquina, em *O Estudo do Jornalismo no Século XX*. Se o jornalista, de alguma forma, optar por valorizar a ideologia contrária ao pensamento e linha editorial, poderá sofrer sanções que vão desde um simples aviso à sua demissão. É uma espécie de “censura tácita” o que Herman e Chomsky afirmam. Segundo os autores, há cinco fatores que comprovam que o jornalismo não está imune às pressões externas: 1) a estrutura de propriedade dos meios de comunicação; 2) a sua natureza capitalista; 3) a dependência dos jornalistas de fontes governamentais e fontes do mundo empresarial; 4) as ações punitivas dos poderosos; e 5) a ideologia anticomunista dominante entre a comunidade jornalística norte-americana. Todos eles visam o consenso produzido.

Ainda conforme os autores, “um tema ou acontecimento é capaz de servir às relações públicas ou exigências ideológicas de um grupo de poder”. Seguindo nessa linha, a dupla reconhece que é impossível trilhar o caminho da imparcialidade, principalmente, em um momento político tão importante para a história do século XX. No entanto, o modelo de Herman e Chomsky pode esbarrar no desespero ideológico de ter sempre que comprovar ameaças externas ao trabalho jornalístico.

Chomsky (2005) trata do tema da hegemonia de pensamento. Ele cita Edward Bernays, o guru da indústria das relações públicas norte-americana no século passado, e o intelectual Walter Lippmann. Os dois, segundo Noam Chomsky, durante a campanha da Primeira Guerra Mundial, disseram ter descoberto como se controla a opinião pública. Usando o termo famoso de Lippmann, o “consenso produzido”, Bernays explicou que os membros mais inteligentes da comunidade podem direcionar a população através da “engenharia do consenso”, no qual ele considerou a essência do pensamento democrático. O linguista norte-americano mostra que hoje em dia o poder, seja na imprensa ou fora dela, está situado no princípio madisoniano, chamado “A riqueza da nação”. Nele, acredita-se que as pessoas são muito perigosas. O poder deve estar, assim, concentrado nas mãos da “riqueza da nação”, pessoas que respeitam a propriedade e os seus direitos.

Percebendo a teoria de ação política como uma visão macro do trabalho jornalístico, podemos apontar alguns defeitos deste viés, como lembrado por Traquina. Os donos se encontram raramente com os diretores de jornais na maioria das empresas; o corpo de funcionários não sabe quem chefia o conselho de administração do conglomerado; incomodam a elite com determinadas matérias contra os interesses do poder instituído e reafirmam diariamente o seu entendimento pelo que é uma notícia.

Para a teoria de ação política, a reportagem está concentrada nas mãos dos mesmos que negociam acordos comerciais e fazem políticas editoriais nas empresas jornalísticas. O fato de não haver críticas ao sistema capitalista e dezenas de alfinetadas no sistema socialista em jornal com proposta capitalista mostra que não há imparcialidade. Como a questão da imparcialidade é de uma discussão eterna no campo jornalístico, a teoria usada no presente estudo lembra do “consenso fabricado”. Para ela, por ignorância de um determinado fato ou um mero deslize na leitura confirma e espalha a mensagem dita como verdade pelos *mass media*, sem quaisquer estudos históricos ou estando a par dos acontecimentos.

Os seguidores desta teoria acreditam que a proposta editorial deve estar ligada com a realidade do público-alvo. Se os leitores não crerem no ideal desenvolvido ao longo de dias de uma série de matérias sobre um tema, ele será colocado em descrédito. Chomsky, no entanto, brinca em *Imperial Ambitions*, ao apontar uma entrevista com o embaixador mexicano nos Estados Unidos para mostrar que em determinados casos um jornalismo de má instrução e tendencioso não consegue atingir o seu objetivo. Em 1961, no auge das tensões diplomáticas entre Estados Unidos e Cuba, com a Crise dos Mísseis, o presidente norte-americano John Kennedy conclamou todos os seus aliados mundo afora para apoiar uma invasão à ilha cubana por matéria de “segurança nacional”. O México foi contra nessa campanha. Para o embaixador daquele país, “se houvésemos declarado que Cuba é uma ameaça a nossa segurança, 40 milhões de mexicanos morreriam de rir”.

O engajamento dos jornalistas em um tema complexo é visto como uma afronta à imparcialidade e à objetividade, termos tão comuns em nosso campo e que soam desonestos para os profissionais da área, embora, para a sociedade, seja a tarefa dos comunicadores. Chomsky diz que atualmente um jornalista dito como “engajado” é visto como um propagandista do governo. Essa explicação é perfeita se formos analisar as redações de jornais do Brasil inteiro. A maior parte, senão todos, dos manuais de redação das empresas citam os termos imparcialidade e objetividade como buscas essenciais do profissional contratado, algo como um dever ético. O engajamento é visto como uma afronta. E um engajamento anticapitalista no seio de uma empresa desse porte é pior ainda. Por isso que a escolha de fontes e vieses de matérias são feitas seguindo essa linha. Em um dia em que não há contato com fontes de relevância e engajamento com a matéria, o jornalista pode cair na tentação de entrevistar “qualquer um” na esperança de ter a sua reportagem finalizada e entregue no prazo, ou deadline, da empresa jornalística. E se essa escolha de fontes não segue um padrão bem definido para representar um momento histórico de uma nação – no caso, a troca de sistema econômico e político -. o resultado é parcial e subjetivo, não abrange toda a

comunidade, mesmo quando é referido no texto introdutório de que a escolha das fontes procurou contemplar todos os espectros da sociedade estudada.

## 2.2. Mídia, ética e política

Para os jornalistas, o termo Quarto Poder, que designa a influência da mídia na sociedade, é visto muitas vezes com orgulho. O profissional fica satisfeito em desempenhar um papel tão importante para a convergência de interesses do público, mesmo que muitas vezes não seja nem eticamente responsável ou intelectualmente capaz. O envaidecimento prevalece na atividade profissional em muitos jornalistas, pois encontra-se ao lado de autoridades que ele mesmo pode derrubar com um escândalo investigativo. Os três poderes, têm, segundo a teoria do Quarto Poder, o mesmo peso que a comunicação, em uma sociedade liberal. O jornalismo denuncia e transmite informações ao público; o Executivo comanda ações para o povo; o Legislativo cria e transforma leis de acordo com as necessidades do povo e através da pressão popular e política. O Judiciário julga e investiga ações que é o jornalismo, em muito casos, que relata. Por isso, a definição de quarto poder para a imprensa não é desproporcional ao seu peso real na sociedade.

Noblat (2005) explica, contudo, que o poder de decisão do profissional de comunicação é limitado pelos interesses escusos de donos de conglomerados de mídia. Noblat descreve que o jornalismo impresso é guiado por princípios do jornalismo televisivo, ou seja, são publicadas apenas notícias que o leitor quer ou que pensa que quer. E da forma que ele quer.

Na obra, o experiente jornalista diz que a lógica predominante nos grandes jornais é de que o “jornalismo é um negócio como qualquer outro. Se não der lucro, morre. Por isso deve estar sempre atento às necessidades dos leitores”. Por outro lado, Noblat (2002) explica que jornal é um negócio diferente de qualquer outro. Existe para servir antes de tudo ao conjunto de valores mais ou menos consensuais que orientam o aperfeiçoamento de determinada sociedade. Valores como a liberdade, igualdade social e o respeito aos direitos fundamentais do ser humano. Ferindo essa lógica, o deadline imposto pela conjuntura do padrão capitalista dos *mass media* no Brasil torna impossível a apresentação do jornalismo histórico. O embasamento através de fontes apuradas e de um texto bem editado é reduzido ao desespero

da produção rápida e com erros e pré-conceitos incompatíveis com o que o leitor inteligente espera de um grande jornal.

Para Motta (2002), a ética então é atrofiada pela falta de tato do jornalista para com uma notícia importante do mundo. A falta de preparo e a preguiça para apurar todos os lados de uma informação também. Isso reduz o jornalismo a uma subjetividade sem tamanho. Ora, se ao apresentarmos um fato introduzindo um texto dizendo que ouviremos fontes de todos os lados para ilustrar uma notícia, não é lógico nem ético fazer o contrário. Se o comunicador fizer uma reportagem com fontes sem crédito para apenas corroborar a sua ideia inicial, o objetivo de um jornalismo dito imparcial não foi alcançado. E é isso que ocorre cotidianamente nas redações de todo o país. Principalmente com reportagens que exigem um apuro mais detalhado e com maior embasamento do que simples notas divulgadas por assessorias de imprensa ou notícias de agências internacionais.

Na área política, o problema é ainda maior, já que a preservação da independência editorial está alinhavada, muitas vezes, com interesses externos dos conglomerados e pela ideologia de seus anunciantes. Motta afirma que a tarefa da defesa da democracia e da liberdade de imprensa busca refúgio no jogo da imparcialidade política, através do distanciamento na observação. A imprensa se assume como o Quarto Poder da sociedade moderna, ao lado do Executivo, Legislativo e Judiciário. Ao lado. Nunca abaixo, pois esse argumento sempre seria usado para a busca e manutenção da liberdade de expressão. A imprensa posiciona-se, assim, como a legítima representação neutra da vigilância política democrática. Gislene Silva (2005, pág. 95-107), em artigo publicado na revista acadêmica da UFSC, defende que a imprensa é uma produtora de sentidos, já que o cidadão comum tem como único de informação, muitas vezes, apenas o seu periódico diário. E se um fato de relevância nacional ou global é retratado por apenas um jornalista, conclui-se que esse possa mostrar para a maioria dos leitores a sua visão como uma única e verdadeira da realidade.

A imprensa é, portanto, um instrumento capaz de tornar a subjetividade – preguiçosa ou não – a verdade sobre determinado fato ao leitor. A distribuição em massa e os índices de venda de um periódico influenciam outros jornais menores a reproduzirem a notícia em escala maior do que apenas o seu público-alvo. Quando um jornal menor copia uma informação de uma agência de notícias de outro aumenta-se a importância da credibilidade do emissor inicial e também o dano provocado, se não houve ética na elaboração da notícia.

Traquina (2001 – pág. 22) cita Molotch e Lester (1974 / 1993 – páginas 34 -36) ao definir que todas as pessoas precisam de notícias para terem conhecimento de um local ou algo que não estiveram presentes. “O conteúdo das concepções de um indivíduo (...) vem a

depender dos (...) acontecimentos públicos se transformarem em recurso do discurso nos assuntos públicos”.

Seguindo essa ideia, se os leitores podem ser feitos de marionetes do jornalista e seus interesses, o mesmo se pode dizer dos periodistas para com políticos e demais fontes, bem como com seus patrões. Não tanto marionetes, mas ludibriados com a ideologia padrão e aceita nos conglomerados onde trabalham ou, no caso do público-alvo, com a promessa da imparcialidade e credibilidade da publicidade institucional das empresas.

O receptor, no entanto, pode estar mais a par do problema explicado em uma matéria que o próprio jornalista. Se houvesse uma informação errada, perderia o crédito perante esse receptor. No entanto, como a maioria dos jornais estaduais ou nacionais se ocupam das notícias de uma cidade – exceto capitais – em breves espaços, o leitor geralmente está distante do acontecimento. Esse fato torna-o mais suscetível a acreditar que a leitura da reportagem é a verdade descrita. Lang e Lang (1981), também na obra de Traquina, argumenta que a influência da mídia é ainda maior quando o público não tem contato direto com o problema. E nesse caso a construção da credibilidade não tem obstáculos.

Segundo Christa Berger, o campo do jornalismo: “(...) detém, privilegiadamente, o capital simbólico, pois é da natureza do jornalismo fazer crer. O capital do campo do jornalismo é, justamente, a credibilidade” (p. 21). A credibilidade para a autora tem a ver com a persuasão, pois, no diálogo com o leitor, valem os “efeitos de verdade”. A exclusão de determinadas fontes ou modos de percepção da realidade é determinante para a construção do sentido de que quer se dar a um fato. O discurso jornalístico antecipa causas e anuncia consequências a partir de seus interesses. A escolha de manchetes, leads e testemunhas seguem o caminho de comprovar a mensagem inicial do emissor. Seja com tendência política comprovada ou camuflada na expressão “imparcialidade”. O jogo político faz parte da imprensa desde seu início. No Brasil, a imprensa foi criada como propagandista. Para Franco (2012), no Rio Grande do Sul, tivemos jornais borgistas e assististas; na Segunda Guerra Mundial, alguns de bairro em Porto Alegre que promoviam o debate positivo em torno do nazismo. É da natureza da nossa imprensa a parcialidade ou engajamento. Mas na Era da exigência da profissionalização em todos os níveis e da objetividade, o leitor está refém, na realidade, da subjetividade e dos pré-conceitos. E ainda não sabe disso. Pelo menos, a maioria.

Por outro lado, a teoria interacionista do jornalismo rebate a teoria estruturalista, que se baseia na teoria de ação política de esquerda. Traquina afirma que as notícias provêm da percepção, seleção e transformação dos acontecimentos. Os jornalistas estão fadados à



pressão do deadline, são relativamente autônomos e partilham de uma cultura comum. Os comunicadores são membros ativos no papel de construção da realidade, não apenas agentes passivos de seus empregadores.

A teoria construcionista, por sua vez, rebate a teoria do espelho ao afirmar que é impossível estabelecer uma distinção radical entre realidade e a mídia noticiosa que deva “refletir” esta realidade, pois as notícias ajudam a construir a própria realidade. Ela leva em conta as limitações financeiras de cada grupo midiático na tarefa de construir a sua representação dos acontecimentos, bem como da hierarquia e aspectos organizacionais. A linguagem “imparcial” também é impossível para os construcionistas. A linguagem não pode ser objeto principal para a transmissão de significados.

### **2.3. O jornalista vivendo a história**

Os correspondentes de guerra são alguns dos profissionais mais requisitados no meio acadêmico para demonstrar aos estudantes o que passaram em zonas de conflito pelo trabalho de informar o público. Ele é o homem escolhido para passar ao público leitor do veículo a sua visão de um acontecimento que mobiliza uma nação estrangeira e que não é facilmente captado, se não houver um diálogo imparcial e multifacetado do ocorrido.

Geralmente são esses repórteres que são escolhidos para receber prêmios Pulitzer ou ganharem status de lenda, como o norte-americano Robert Capa, fotógrafo de guerra que soube captar em suas lentes momentos marcantes do século XX, como a Guerra Civil Espanhola e a Segunda Guerra Mundial. Suas imagens do desembarque na Normandia correram o mundo, pois ele foi o único correspondente na praia de Omaha. Suas imagens registraram a intensidade e adrenalina dos fatos. E sua visão virou história registrada em livros escolares.

O primeiro autor a reconhecer o jornalismo como o registro da história foi Tobias Peucer, considerado o fundador da Teoria do Jornalismo. Em sua defesa de tese de doutorado, na Universidade de Leipzig, na Alemanha, no século XVII, o alemão mostra que o jornalista deveria lidar com uma “história sem ordem”, ou seja, que não se ligasse a uma sequência precisa de fatos cronológicos. O jornalista, segundo ele, deve seguir caminho oposto ao da história considerada “universal”, e que se apresenta “como um fio contínuo, conservando a sucessão precisa dos fatos históricos” (PEUCER *apud* SOUSA, p. 06).

O relato jornalístico, conforme o autor, também não pode ser levado de forma literal como um relato de fato histórico, apenas quando houver uma documentação detalhada. “há de se compreender que nem todos, mas somente de uns poucos, os que foram registrados com uma certa acurácia e aplicação é que passam à história” (PEUCER apud SOUSA, p. 07).

Tendo em vista esse propósito, o jornalista deve conceber o seu relato em base documental. Isso quer dizer fontes precisas e com credibilidade, documentos de registro, declarações oficiais e demais formas de comunicação. Além desses fatores, o conhecimento dos fatos. Caso a tarefa de reportagem ocorra em outro país, como do enviado especial ele deve ter um cuidado especial para saber comparar uma outra cultura política e econômica com a sua. Saber trazer ao leitor leigo uma experiência com base em investigação precisa e sem pré-conceitos. Assim, exige-se a história.

Poucos repórteres atrevem-se a fazer uma cobertura internacional de crise política e econômica de forma imparcial e com precisão de dados. O mais conveniente é buscar a intelligentsia estrangeira na mídia, ou seja, as agências de notícias internacionais, como Reuters, Associated Press e France Presse na tarefa de facilitar o trabalho. Os comunicados oficiais da Casa Branca, em Washington, são levados a cabo como prioridade pela imprensa brasileira para assuntos de crise internacional. Nas maiores publicações brasileiras, a linha editorial seguida dificilmente é contrária ao discurso dos presidentes norte-americanos nas guerras ao terror, no século XXI, nas guerras ao narcotráfico, nos anos 1980, na Era Reagan, na Guerra Fria ou na campanha sistemática de agressão e isolamento comercial contra Cuba. O discurso dominante é o chamado por Pearce de “história universal”. É aquela história linear e repetida até que se torne verdade, simplesmente porque é. Não porque há uma explicação factível e com análise imparcial e com provas concretas para o jornalista.

Além do fotógrafo Robert Capa, outro a ter iluminado os relatos frios e sem peculiaridade dos fatos foi outro jornalista de guerra, John Steinbeck. Em *Um Diário Russo* (2002, Companhia das Letras), o repórter faz um relato da reconstrução da União Soviética de forma precisa e baseado em sua experiência no antigo conglomerado de nações. O trabalho é registrado com fotos e de maneira crível e humana. Sua obra é até hoje apontada por estudiosos como um dos principais relatos e formas de percepção dos norte-americanos aos soviéticos por décadas. Pelo menos, no estilo de vida e tradução dos problemas econômicos pós-Segunda Guerra Mundial.

Outro a ter contado um relato impecável do ponto de vista jornalístico e ter feito milhões terem conhecido sobre um microcosmos no planeta foi John Reed. *Dez Anos que Abalaram o Mundo* (1917, LPM Pocket). O relato do jornalista e um dos fundadores do

Partido Comunista nos Estados Unidos virou best-seller e ponto de partida para estudantes de história e áreas afins que precisam conhecer sobre o período de Revolução Bolchevique. Ele apresentou um relato envolvente e cheio de detalhes, embora acreditasse na ideologia pregada pelos bolcheviques e pelo líder inspirador da tomada de poder, Lênin. Sua importância na divulgação da revolução mundo afora foi tão proeminente que seu corpo, após morrer, foi transferido para os muros do Kremlin, sendo enterrado ao lado dos maiores líderes da história da civilização russa, como Pedro, o Grande, Catarina, Nikita Krushev e Leonid Brejnev.

A “história multiforme” apresentada por Peucer é vista nos autores citados. Deve ser por isso que eles não passaram despercebidos na história e, mesmo os reticentes sobre qualquer ponto de vista, não podem taxa-los de “mentiroso” ou “enganadores” em suas obras por causa da riqueza de detalhes, olhar multifacetado e fontes seguras.

### 3. CONCEPÇÃO METODOLÓGICA

#### 3.1. Como estudar um jornal

As estruturas de poder dos periódicos são complexas e nem sempre perceptíveis ao público. Ficam escondidas nas estranhas do jogo comercial e conceitos imutáveis e símbolos das corporações midiáticas proprietárias dos grandes jornais. Landowski ensina que para se entender um jornal deve-se ter em questão a “*totalidade de significação*” (1989, p. 118). Ela é dividida em três fatores: “pessoa”, tempo e espaço.

Na primeira, o jornal deve ter uma “imagem de marca” (ibidem, p. 120), isto é, provocar atitudes através do emissor das mensagens, mas de uma forma padronizada e seguindo um propósito de manter o leitor como um aliado. A matéria deve ser bem digerida ou provocar uma reação de descontentamento e raiva, mas leitor e receptor seguindo o mesmo caminho.

O segundo fator é o tempo. A possibilidade de dar as notícias do dia ao leitor produz, segundo Berger (1998, p. 45), “um tempo social objetivado, fazendo uma história do presente” ao leitor. Este, por sua vez, se insere no mundo e no discurso repetido. O jornal confirma ao leitor a possibilidade de seguir o seu viés ao apelar para uma manchete sugestiva ou seguir uma ordem de notícias subjetiva, mas, para o receptor, objetiva. As matérias de jornal não são explicadas de forma equânime. Seguem uma agenda estabelecida pelo alto escalão da empresa jornalística. E o leitor digere essa escolha editorial como imparcialidade ou objetividade à risca.

Por último, o discurso jornalístico não sobrevive sem apelar para o senso comum. Todas as matérias seguem uma ordem ou rotina de pensamento para os repórteres mais experientes. As notícias sempre se enquadram em algum estratagema do jornalista. Essa rotulação de notícias pode seguir as fontes oficiais, ou a possibilidade de fazer matérias “novas” para o leitor, como dramas sociais provocados por uma enchente ou o dia-a-dia de uma personalidade da música. São histórias repetidas e que seguem um modelo, mas contadas de uma forma aparentemente original.

Berger cita ainda a divisão de tendências em jornais no mundo. Um tipo é o “jornal de referência ou prestígio”. No outro lado, está a “jovem imprensa”. O primeiro dialoga com o seu leitor de forma concisa e apelando para a imparcialidade e objetividade dos textos, criando uma atmosfera aparente de realidade dos fatos. São eles, para a autora, *O Globo*, *Le*

*Monde e Jornal do Brasil*, alguns desta tendência. O leitor deste absorve o texto como objeto de conhecimento.

No outro lado, está o vanguardismo da nova imprensa, apontado como a *Folha de São Paulo* e o *Libération*. Nela, o receptor quer a rubrica de um intérprete reconhecido. Geralmente, um articulista ou intelectual de prestígio para traduzir ao grande público a informação. Na jovem imprensa, o discurso está “ligado ao fato vivido e com permissão à subjetividade”.

Mais um aspecto importante é o grau de autonomia de um jornal. Ele é medido em função da publicidade público ou privada; a de um jornalista, depende da sua hierarquia na redação e do grau de concentração da imprensa em cada região<sup>5</sup>. No caso do Rio Grande do Sul, o fenômeno é latente. Há talvez uma das maiores concentrações midiáticas de todo o país. Está nas mãos de uma família há décadas, pois são afiliadas da Rede Globo, o maior veículo de comunicação do país. Segundo o IVC (In), os jornais do Grupo RBS têm tiragem diária média de 400 mil exemplares. Seus concorrentes mais próximos ficam bem atrás. O primeiro deles é o jornal *Correio do Povo*, que padece com apenas 80 mil exemplares – apenas *Zero Hora* tem 188 mil exemplares diários. Tanto a publicidade privada quanto a pública estão presentes no jornal em grande peso. Como o mercado é concentrado em pouquíssimas empresas, sendo que uma detém a maior parte do mercado, o jornalista, segundo Bourdieu, é mais propenso a aceitar versões oficiais – dos anunciantes, das fontes e do proprietário. Isto explica-se pela insegurança no emprego, em virtude da vasta oferta de profissionais em um mercado tão concentrado. O que leva também a arrocho salarial (note-se que o piso salarial no Rio Grande do Sul para o jornalista é mais baixo que o mercado paulista, por exemplo, muito menos concentrado nas mãos de uma família apenas).

### **3.2.Zero Hora**

No Rio Grande do Sul, segundo dados da ANJ<sup>6</sup> (Associação Nacional de Jornais) de 2011, o periódico *Zero Hora* teve tiragem diária média de 188 mil exemplares, o que o consolida como o sexto maior do país e primeiro lugar absoluto no Estado. Se for somado, os jornais do Grupo RBS, que é proprietário da marca *Zero Hora*, concentram mais de 400 mil de tiragem em impressos como *O Pioneiro*, *Diário de Santa Catarina* e *Diário*

---

<sup>5</sup> BOURDIEU, Pierre. *L'Emprise du Journalisme* (1994).

<sup>6</sup> <http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/majores-jornais-do-brasil>

Gaúcho, outro fenômeno, com mais de 155 mil versões impressas. Este é segundo no Rio Grande do Sul e oitavo no país. O concorrente mais próximo é o Correio do Povo, com 149 mil edições ao dia, em média. A concentração de mídia em outras mídias da RBS é visível, como a Rádio Gaúcha, que bate os 80% de audiência na jornada esportiva e pouco menos no índice geral. No caso da RBS TV, emissora afiliada da Rede Globo, a audiência também existe.

Sérgio Caparelli, no livro *Campos em Confronto*, de Christa Berger, explica a concentração de mídia no Estado até a década de 1980:

(...) duas únicas empresas, a Caldas Jr. e a Gaúcha Gráfica e Editora Jornalística S.A., com quatro diários, controlam, portanto, 80% da circulação de jornais em Porto Alegre e pouco menos no Rio Grande do Sul, devido à concentração da imprensa na capital: a tiragem global dos jornais da Capital representa cerca de 70% da tiragem total dos 72 jornais do Estado, dos quais 16 diários (BERGER, 1976, p. 161).

Nascido no dia 4 de maio de 1964, pouco mais de um mês após o Golpe Militar, Zero Hora ocupou o lugar do jornal Última Hora, chefiado por Samuel Weiner. Ary de Carvalho, então, assume o jornal e muda o seu nome para Zero Hora. Trazia em seu editorial o seguinte: “Nasce hoje um novo jornal. Autenticamente gaúcho. Democrático. Sem compromissos políticos. Nasce com um único objetivo: servir ao povo, defender seus direitos e reivindicações, dentro do respeito às leis e às autoridades”.

Segundo Berger, em dezembro de 1965 a editora que fazia o Última Hora e, posteriormente, o Zero Hora, passava a se chamar Empresa Jornalística Sul-Rio Grande S.A., sob a tutela de Maurício Sirotsky Sobrinho. Dois anos depois, a empresa afilia-se à Rede Globo, maior empresa de mídia da América Latina e uma das maiores do mundo atualmente. O deflagre do monopólio só foi possível, no entanto, mais de uma década depois. Em meio a uma administração ultrapassada e com dificuldades financeiras, a empresa Caldas Júnior, que controlava o Correio do Povo, suspende a circulação, em 1979, do jornal Folha da Manhã. Em 1983 é a vez da Folha da Tarde, e um ano depois o Correio do Povo não aguenta o sufoco financeiro que a empresa passava e encerra as atividades. É nesse contexto que a Zero Hora surge como projeto jornalístico dominante no Estado.

O jornal mais tradicional da época, o Correio do Povo, volta em 1986, sob a administração do empresário do setor agrário Renato Ribeiro. O novo dono transforma o jornal em tablóide, tirando desta forma uma das características principais do Correio, o formato standard.

O Grupo RBS, por outro lado, concentrou suas forças em modernizar seu parque gráfico e investiu na publicidade entre suas mídias. Outro fator que contribuiu para o primeiro lugar geral entre os jornais gaúchos foi os classificados. O Correio do Povo era detentor do mercado na área, há muitos anos. O periódico do Grupo RBS soube popularizar e investir no segmento, crescendo com solidez e provocando a sensação de que só se poderia conseguir a venda se fosse sob a tutela de ZH.

A força do periódico, além dos fatores mencionados, é reforçada diariamente, por nomes como Antônio Carlos Macedo, no programa Chamada Geral Primeira Edição, na Rádio Gaúcha, ou com outro radialista. Eles comentam em cima ou pautam os programas com matérias do jornal. Em outros programas, como os noturnos – no caso, o esportivo de Marco Antônio Pereira – traz as manchetes do dia seguinte. A RBS TV, todos os dias, traz, em sua programação ou em comerciais, algumas manchetes dos cadernos especiais de ZH As propagandas na televisão do jornal, em 2012, valorizam o trabalho dos jornalistas - mesmo que às vezes jovens – com o slogan “A gente faz pra você”. Cinco deles são escolhidos, filmados e têm depoimentos gravados com suas respectivas manchetes do dia seguinte, geralmente em edições dominicais, que trazem maior número de cadernos e uma tiragem maior.

Na mesma linha, a RBS TV, nos comentários dos seus jornalistas, valoriza o trabalho realizado por Zero Hora e jornais de outros Estados, se for o caso, mas nunca os da concorrência. Para o leitor/espectador/ouvinte, a sensação é de que se a notícia não foi passada pelos veículos do grupo não tem credibilidade, ou é notícia secundária, tamanho o apelo midiático da corporação.

O apelo regional é outro fator lembrado por todos os leitores e conhecedores do jornal, no geral. Em muitas manchetes, há a vontade, já expressa anteriormente no editorial de lançamento do jornal, nos anos 1960, de trazer as notícias para a esfera regional. O que é importante é o daqui. Em diversos casos, temos esses exemplos. Na edição posterior ao caso do norte-americano que matou 12 pessoas e feriu outras 59 em um cinema de Denver, nos Estados Unidos, na metade deste ano, a capa de Zero Hora trazia uma matéria sobre um gaúcho que esteve na sessão de Batman, em que o maníaco disparou contra os presentes ao local. Em diversas outras ocasiões, o jornal encontra um cidadão gaúcho para fazer suas matérias. Um “brasileiro” não interessa, na maioria dos casos. A ideia é trazer a regionalidade aos fatos. O que um gaúcho pensa? Como o gaúcho viu? A tradução do sentido das notícias na visão da população local e para a população local. Esse é o recado de Zero Hora, e explicado por Umberto Eco (1984) na busca da auto-referencialidade.

Ciro Marcondes afirma que esse “narcisismo” existe baseado no

(...) fato de os jornais construírem as notícias de fatos absolutamente extrajornalísticos ou não-jornalísticos, no fato de fazerem matérias ou série de matérias sobre si mesmos, olhando-se como espelhos narcísicos (MARCONDES, 1993, p. 104).

Essa tendência egocêntrica e claramente regionalista do jornal está presente também em matérias que buscam a reafirmação pública através do poder midiático do Grupo RBS. Christa Berger (1998), em *Campos em Confronto*, ilustra o exemplo de Zero Hora, em matéria assinada por Milman (1995):

Clarice Herzog, hoje com 54 anos, resolveu estudar a reabertura do processo sobre a morte de seu marido depois da publicação por Zero Hora de série de reportagens sobre os desaparecidos políticos no Brasil. (MILMAN, 7 ago. 1995, p. 8).

É com esse pensamento que Zero Hora chama seus leitores também a participarem do conteúdo do jornal, com as *Cartas do Leitor*, em que dá ao leitor a chance de aparecer no maior periódico do sul do país para trazer a sua opinião. Em edição de 1993, o então editor de redação, Augusto Nunes, chama o leitor de dono, dando ênfase ao slogan da época do jornal “Seja você dono do seu jornal”:

Os leitores de Zero Hora têm constatado que, entre o começo e o final do período da assinatura, o jornal sempre se modifica, e se modifica para melhor. (...) Os assinantes merecem, porque são eles, não custa repetir, os verdadeiros donos de Zero Hora. (...) Esta correspondência direta com os assinantes foi concebida para informa-los detalhadamente sobre o que está acontecendo com o jornal. É um dever de ZH. É, acima de tudo, um direito de quem é seu verdadeiro dono (NUNES, Augusto. Outubro, 1993).

### **3.3. Análise de conteúdo**

A metodologia utilizada neste trabalho será a Análise de Conteúdo, com base na obra de mesmo nome de Bardin (1977). Segundo a autora, é um método que tem a pretensão de “desconfiar dos pressupostos” colocados no texto ou praticados na fala. A análise de conteúdo combate a subjetividade do emissor, desconstruindo o texto em análise, “dizendo não à leitura simples do real”.



Mas qual o objetivo de desconstruir o objeto? Para torna-lo mais instigante a ponto de ser tratado como um documento produzido por um meio de comunicação em massa para milhares ou milhões de pessoas, e que serve como ferramenta de propaganda de ideias e de pré-conceitos. A desconstrução do referido serve para estudarmos o campo da análise de conteúdo. Ela, segundo Bardin, é: “um método muito empírico, dependente do tipo de “fala” a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo. Não existe coisa pronta em análise de conteúdo” (2011. Pág. 36).

A interpretação que Bardin trata pode ser medida, neste trabalho, pela análise categorial. Nela, reúne-se a totalidade do texto, passando pelo crivo da classificação e do recenseamento, segundo a frequência de presença (ou ausência) de itens de sentido. Isto é, um método dentro da análise de conteúdo que procura categorizar através de percentuais e situações em que sentidos negativos ou positivos para o objeto em questão apareçam. É necessária essa rotulação para melhor avaliação dos pontos de partida de discussão do objetivo do texto.

Como qualquer texto ou fala pode ser submetido a uma análise de conteúdo, conforme P. Henry e S. Moscovich, o estudo procura evidenciar também inferências do emissor no texto. Elas podem ser psicológicas, sociológicas, históricas ou econômicas. No caso, todos esses campos estão contemplados na série de reportagens. A inferência pode responder a duas questões da análise de conteúdo: o que levou a determinado enunciado (causas) e quais as consequências do enunciado (efeitos).

As causas podem ser de natureza meramente jornalística e objetiva. Contudo, para autores já mencionados em capítulos anteriores essa hipótese é praticamente descartada, ainda mais se tratando de uma série de reportagens em um país desconhecido para o emissor e com tanta variação de fontes – algumas com pouca ou nenhuma credibilidade.

O que se busca em uma análise é “uma correspondência entre as estruturas semânticas ou linguísticas com as estruturas psicológicas ou sociológicas dos enunciados” (pág. 47). A análise de conteúdo, na realidade, serve como instrumento para se documentar o que pensamos ou refletimos sempre que lemos um texto, com a desconstrução do mesmo, através da busca do sentido e do viés abordado e defendido. A análise de conteúdo, para Bardin, leva em consideração as significações (conteúdo), eventualmente a sua forma e a distribuição desses conteúdos e formas (índices formais e análise de coocorrência).

Serão analisadas, assim, mais de dez dias de reportagem especial sobre o tema, através da análise categorial. Serão mais de 40 matérias decifradas pela análise de conteúdo levando-se em conta a positividade das mensagens para o regime político-econômico, a neutralidade e

a negatividade destas (melhor explicados no capítulo 3.0). Serão dez dias de cobertura e 20 páginas analisadas.

## **4. CONTEXTO HISTÓRICO**

### **4.1. O período soviético**

Tratar de 74 anos de história de um conglomerado de nações que suplantou economicamente as principais potências ocidentais e capitalistas por muitos anos é praticamente impossível em um trabalho. Fundada como Rússia socialista em 1917, após a Revolução Bolchevique no mesmo ano, a União Soviética só assumiu essa terminologia em 1922, depois das incorporações da Ucrânia, Geórgia e outros países satélites no seu “projeto” comunista.

Outras nações somaram-se ao poderio crescente dos soviéticos, principalmente após a Segunda Guerra Mundial, quando o país venceu a batalha de Stalingrado contra os alemães e, posteriormente, chegaram ao parlamento alemão antes de qualquer outra nação, terminando ali, em 7 de maio de 1945, o regime nazista e a guerra em seu front ocidental – a guerra nipo-americana terminou alguns meses mais tarde, quando os aliados lançaram bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki.

Em 1922, mesmo ano do surgimento do conglomerado de países, a União Soviética lançou a NEP (Nova Política Industrial), em que abria mão de algumas áreas para a propriedade privada. A retomada do plano e a subsequente liberalização da economia só ocorreriam novamente em meados dos anos 1980, com a Era Gorbachev.

Antes um país atrasado politicamente, com o monarca de uma das famílias mais antigas em reinado na Europa, Nikolai Romanov ou Nikolai II, que concentravam boa parte da riqueza econômica de um país eminentemente rural e precário em educação – dados apontam que apenas 2% da população sabia ler e escrever o complicado alfabeto cirílico eslavo, a União Soviética se desenvolveu em todas as áreas, exceto pela democracia na forma ocidentalizada. Isto é, no conjunto de ações que formam uma república, como conhecemos, ou seja, através do voto, da pluripartidaridade ou por meio da imprensa livre e liberdade de expressão. Havia repressão, acentuada pelo fortalecimento dos dispositivos policiais do Estado, como a Tcheka, que daria, posteriormente, nome à NKVD, na época stalinista, e à KGB, no final do governo de Stalin em diante.

No entanto, a educação era de acesso a todos. A saúde teve um papel determinante na longevidade da população, que alcançou níveis comparados aos países escandinavos e ocidentais. A Crise dos Mísseis, em Cuba, em 1962, mostrou ao mundo o poderio armamentista e a ameaça crescente vermelha no universo capitalista. A crise deflagrou a chamada Guerra Fria, outro episódio que os socialistas reais de Moscou tiveram que duelar ao longo das três décadas seguintes, com investimento pesado em espionagem, militarização e a chamada corrida espacial. Estados Unidos e União Soviética bipolarizavam ideologicamente o mundo e o espaço. Enquanto os norte-americanos levaram o primeiro homem à lua, em 1969, os soviéticos levaram o primeiro ser, a cadela Laika, ao espaço, em 1957, a bordo do foguete Sputnik II. Quatro anos depois, os russos tiveram a honra de apresentar o primeiro cosmonauta que viajaria ao espaço, Yuri Gagarin, a bordo do Vostok-1.

O investimento feito só foi possível pelas intermináveis reservas minerais da própria União Soviética e do seu esquema econômico internacional, o Comecon (Conselho para Assistência Econômica Mútua). Nele, os países socialistas no mundo tinham o seu “mercado”. Trocavam produtos primários por outros de maior valor intelectual. O programa foi lançado em 1949 e serviu de base de crescimento econômico de todos os países comunistas, aliado ao fato da planificação da economia.

Um dos motivos do crescimento do poder econômico soviético foi os planos quinquenais de industrialização, idealizados por Stalin entre o final da década de 1920 e o fim de seu governo e eventual morte, em 1953. Esses planos de industrialização forçadas do campo, majoritariamente entre 1937 e 1953, para favorecer a indústria pesada trouxe, segundo Golin:

(...) excedentes incalculáveis com o suporte de relações feudais e escravistas. Milhões de camponeses dependiam do “passaporte feudal” para deixar o seu local de trabalho. Produziam para si apenas no pequeno espaço de terra próximo às residências, em troca do trabalho para o Estado. Stalin manteve em campos de concentração de 12 a 14 milhões de pessoas, cifras que alguns historiadores estendem para até 20 milhões. Eram submetidas a uma carga diária que poderia oscilar entre 12 a 15 horas de trabalho escravista. (Golin, 1992, p. )

A indústria de base soviética, o pouco que havia até o início da Segunda Guerra Mundial, teve de ser movida para além dos Montes Urais, depois da invasão nazista na Operação Barbarossa, que implodiu o pacto de não-agressão germano-soviético, o pacto Ribbentrop-Molotov, em homenagem aos dois ministros do Exterior daqueles dois países

antes da guerra, o alemão Joaquim Von Ribbentrop e o russo Viacheslav Molotov, um dos poucos homens de confiança do líder incontestado Stálin.

Em 1953, Stálin morre, mas não a ideia de industrialização forçada do país, que levou milhões à morte, por não terem o suficiente para comer, pois tinham uma grande cota da produção agrícola destinada às fazendas coletivas e, subsequentemente, ao Estado. A maioria trabalhava nelas, mas mesmo assim não conseguia ter alimento de sobra.

No mesmo ano da morte do ex-“Timoneiro da Nação”, “Guia Genial dos Povos” e “Grande Pai”, Nikita Krushev, o ucraniano reformista, assume o poder no coração do Partido Comunista. Ele vira secretário-geral da sigla, o equivalente à presidente da República em um regime desse tipo.

Krushev, embora tenha subido ao alto escalão do partido na época stalinista, delata os crimes cometidos por Stálin nos *Processos de Moscou*. Os relatos foram contados na reunião do XX Congresso do Partido Comunista soviético, em 1956. Até então, a população tinha Stálin como o maior estadista mundial e líder da vitória russa na Segunda Guerra Mundial, apesar das 20 milhões de baixas soviéticas ao longo do conflito – para Stálin, “a morte de um é uma catástrofe; a de milhões, é estatística”.

Krushev deu início ao período da Guerra Fria e foi responsável pela vitória soviética aos aliados norte-coreano, ao lado dos chineses, na Guerra da Coreia – o país, após o conflito, ficou dividido em duas nações: Norte, comunista; Sul, capitalista, no paralelo 33. Também em seu período como governante máximo, Cuba fez a sua revolução marxista em 1959, com os líderes Fidel Castro, Ernesto “Che” Guevara e Camilo Cienfuegos. Embora o regime cubano fosse declaradamente nacionalista em sua fundação, logo depois rumou para a aliança com os soviéticos, um gesto bem recebido por Krushev.

Depois de sua saída do comando soviético, o reformista foi substituído pelo conservador e membro da linha-dura do Partido Comunista, Leonid Brejnev. O político foi o principal líder da União Soviética entre 1964 e 1982. Em sua trajetória, houve altos e baixos. Como pontos positivos para o regime, houve vitórias importantes, como a Guerra do Vietnã, em que os vietnamitas do norte, apoiados por Moscou em armas, munição e dinheiro, humilharam os norte-americanos, aliados do sul daquele país, pró-ocidente.

Em 1974, Angola deu início ao seu governo comunista com a Revolução dos Cravos, em Portugal, onde o fim da ditadura salazarista encerraria o controle lusitano das suas colônias. Para vencer, Cuba cedeu efetivo militar e a URSS, armas. Outro exemplo de sucesso em seu governo são os dados estatísticos. A Rússia, em 1964, detinha a taxa de 28,8 por 1000 habitantes em mortalidade infantil. Vinte anos depois, em 1984, quase o período que

contempla todo o seu mandato à frente do império soviético, o número baixou para 20,9 casos por 1000 (2008, *Russia Facing Demographic Challenges*, United Nations, p. 56).

Os pontos positivos de seu governo, contudo, não foram lembrados pela população com a crise do petróleo, de 1973, na guerra do Yom Kippur, que derrubou bolsas e fez o preço dos combustíveis disparar. Assim como o Brasil, os soviéticos não contiveram os gastos supérfluos, principalmente os militares, com novas bases a cada dia e produção desenfreada e sem sentido para um país sem investimento em tecnologia da informação como os Estados Unidos já praticava nos anos 1970. A base da economia planificada ainda priorizava o setor primário. Isso só mudou no pensamento comunista em 1985 com Mikhail Gorbachev e em 1979, com o chinês Deng Xiaoping, que abriram os mercados centralizados comunistas ao ocidente.

Outro erro que desencadeou o término da força econômica e do poder de barganha e charme da União Soviética perante a opinião pública mundial foi a Guerra do Afeganistão. Ela durou dez anos e foi iniciada por Brejnev em 1979 contra os *muhajeddin* islâmicos, liderados por um regime intitulado talibã e apoiados por Ronald Reagan e os Estados Unidos contra a invasão soviética ao inóspito país da Ásia Central, cheio de montanhas, com população pequena, sem tradição política socialista e com a base da economia na exportação de ópio.

Foi o Vietnã soviético. Os norte-americanos apoiaram com armas os guerreiros santos, que tinham no jovem Osama Bin Laden um de seus principais líderes contra a invasão dos ateus comunistas ao país muçulmano. A guerra durou até 1989, quando os soviéticos já estavam quebrados economicamente com tantos gastos militares e milhares de soldados mortos no conflito.

Um ano após o início do conflito, a União Soviética, no canto de cisne do governo Brejnev, organizou as Olimpíadas de Moscou. O ursinho Misha, mascote do evento, quebrou todos os paradigmas de cerimônias, e, inclusive, “chorou”, com uma apresentação memorável através de um mosaico montado por milhares de pessoas no estádio Lênin, atualmente Luzhniki, campo de jogo do clube de futebol Spartak de Moscou. Foram investidos mais de \$ 9 bilhões para a organização do evento. Mas os soviéticos e, principalmente, o combalido por doenças Brejnev não esperaria que haveria um boicote de mais uma centena de países ocidentais contra a invasão ao Afeganistão. O líder do boicote foi o ex-presidente norte-americano Jimmy Carter – em 1984, os países comunistas, liderados pela União Soviética, boicotaram as Olimpíadas de Los Angeles, em 1984, como retaliação ao ocorrido quatro anos antes.

Era a prova de que os soviéticos estavam praticamente sozinhos no mundo da diplomacia mundial e, embora militarizados até os dentes, não conseguiam encerrar rapidamente a guerra no Afeganistão.

Em 1982, morre Brejnev, e assume em seu lugar, primeiramente, o ex-chefe da KGB, polícia secreta soviética, Yuri Andropov. Mas ele não dura mais que um ano. Assim como seu sucessor Konstantin Chernenko fazem governos breves, finalizados com suas respectivas mortes. É o fim da gerentocracia soviética, que governou desde 1964 o país e o levou a guerras e à derrocada econômica. Ganha poder um agrônomo novo para os padrões soviéticos – tinha 54 anos em 1985, quando assumiu. É a chamada Era Gorbachev, da inclusão dos termos *Perestroika* e *Glasnost* no vocabulário global.

#### **4.2.A Glasnost e a Perestroika, a era Gorbachev**

Em meados da década de 1970, a União Soviética, sem investir em tecnologia, aliado ao fato do baixo crescimento econômico e do investimento crescente na competição com os Estados Unidos na corrida espacial e na indústria bélica, baixou o padrão de vida de seus cidadãos. Pelo menos, a maioria deles. Os membros de maior hierarquia do Partido Comunista tinham benefícios que a maioria da população não possuía nem teria condições de conquistar algum dia. Enquanto a população enfrentava filas para adquirir alimentos e produtos de necessidade básica, os soviéticos do Politburo tinham chalés de verão em praias, como Sochi, o destino preferido dos figurões do partido.

Durante os anos 1970, os apartamentos dos cidadãos comuns eram apertados e abarrotados. Pão e batata formavam boa parte da dieta, e nem sempre havia frutas e vegetais frescos, mesmo no verão. Existia uma economia paralela. No início da década de 1970, um jornal russo denunciava que um em cada três carros particulares “emprestava” gasolina dos tanques e bombas estatais (BLAYNEY, Geoffrey. Uma Breve História do Século XX. 2006, P. 262)

Em 1975, o governo soviético assinou o Acordo de Helsinque, relativo aos direitos humanos. Foi a sentença para que não houvesse mais intervenções militares com o intuito de sufocar protestos dos países-satélites, como a Hungria em 1956, a Tchecoslováquia em 1968 ou a Alemanha Oriental por diversas vezes, desde a implantação do Muro de Berlim, em 1961. Apesar da assinatura do acordo por Brejnev, a situação social era tão precária quanto a econômica na década seguinte para os russos. A moral do sonho comunista foi corrompido

com o governo despótico do Camboja, onde houve uma revolução financiada pelos soviéticos em 1975, cuja consequência foi a morte de duas milhões de pessoas pelo tirano Pol Pot e o Khmer Vermelho.

Três anos depois, Karol Wojtyła, um cardeal polonês, assume o trono papal. O país mais religioso do bloco comunista agora tinha como seu representante máximo na Igreja o próprio papa! Em 1979, o papa visita a sua terra natal e faz um discurso para mais de dois milhões de fieis em Varsóvia, capital do país. O governo ateu polonês não tinha muito o que fazer. O seu poder começou a minguar, assim como a engenharia cultural do bloco comunista. O país começou a aceitar a atuação da Igreja Católica. Em 1980, surgia o Movimento Solidariedade, o maior sindicato da Polônia. Ele era liderado por Lech Walesa, um eletricitista que convocou seus participantes às greves, as primeiras da Cortina de Ferro.

Para piorar a situação no bloco, dois fatores contaminaram ainda mais o discurso oficial soviético no ocidente. Em 1981, João Paulo II sofreu um atentado de um turco que – conhecida a história depois – teve o apoio do governo comunista búlgaro. Mas outro fator marcou a década de forma negativa para o poderio soviético: a eleição do republicano Ronald Reagan para a presidência dos Estados Unidos. O conhecido discurso da sigla de diminuição dos impostos para dinamizar a estagnada economia norte-americana e a elevação dos gastos militares foram o estopim da queda do bloco socialista.

Foi nesse furacão de problemas que, em 1985, Mikhail Gorbachev assume o cargo de secretário-geral do Partido Comunista, órgão máximo do conglomerado de nações. E para começar lançou um pacote econômico para levar o país a ser protagonista novamente no mundo. Era a chamada *Perestroika*. No mesmo ano, em novembro, se encontrou pela primeira vez com Reagan para discutir a diminuição do arsenal nuclear e de mísseis balísticos dos dois países. Foi o chamado plano Salt (Strategic Arms Limitation Talk). “Cumprimentamo-nos como amigos”, declarou Gorbachev após o acordo (BLAINEY, p. 268).

No entanto, o líder norte-americano tinha pretensões que os soviéticos não conseguiam mais suportar. Reagan anunciou a sua intenção, na época, de fazer mísseis e estações de monitoramento espaciais. Era a chamada Guerra nas Estrelas. Os russos, por outro lado, tinham ideias bem mais modestas. O controle da inflação e o combate à corrupção foram os nichos de governo de Gorbachev. Para esse anúncio à população de que a economia e a estrutura do império comunista estava prestes a desabar acontecer, a imprensa teria que fazer o seu papel. Se os órgãos oficiais protegiam os problemas do combalido Estado, a imprensa privada começou a surgir. Dados da revista Ogoniok, de tendência liberal, provam que o

centralismo político e midiático não poderia mais existir com a *Glasnost*. Em 1987, o número de assinantes da revista era de 561 mil; em 1988, passou a 1,3 milhão. Por fim, no ano seguinte, chegou a 3,08 milhões de exemplares comercializados, segundo Schnaiderman (1997).

Os problemas começaram a aparecer para o grande público através da denúncia de intelectuais e jornalistas. Os crimes e atrocidades humanitárias cometidos por Moscou seriam discutidos por pessoas como Aleksandr Trieplov, jornalista da referida publicação. Ele publicou um artigo chamado “Trabalhador de Algodão”, onde denunciava a situação de trabalho escravo de crianças no cultivo de algodão no interior do país. O exemplo dado no artigo foi uma visita sua a uma plantação em Tachkent, no Uzbequistão.

(...) E ali encontrou crianças que trabalhavam das nove da manhã às seis da tarde, sob um calor de quase 40 graus, alimentadas sem verduras e sem frutas, numa região famosa por sua fruticultura. (SCHNAIDERMAN, 1997. P. 20)

Ao mesmo tempo que as crianças soviéticas trabalhavam, a propaganda oficial publicizava de Moscou que não havia esse problema. O jornalista via outdoors mostrando o contrário. No final de seu proclamado artigo, Trieplov comentava: “Talvez alguma coisa valha a pena retirar: os cartazes das ruas ou as crianças do campo?”. Era o ponto de partida da crítica ao regime. Na mesma época, Gorbachev liberou a criação de outras publicações, como a conservadora *Litieratúrnaia Gazeta*, dentre outras. O poeta Yevtushenko afirmava, em 1986, que a União Soviética “era um fracasso completo”, pois dentro do próprio país, os russos tinham de portar passaportes e vistos de residência, ou, como declarou o intelectual, “noções vergonhosas de escravidão” (BLAINEY, p. 270).

Prova dessa abertura midiática ao Ocidente foi o desastre de Chernobyl, na Ucrânia, em 26 de abril de 1986. Em outros tempos, o Estado soviético teria camuflado o problema e as eventuais mortes por anos. Isso se não os tivessem escondido deliberadamente. A opinião pública mundial percebeu no desastre nuclear que o sonho de uma pátria comunista enfrentava enormes decepções. A mídia ocidental registrou que a evacuação começou de forma tardia. Passaram-se 37 horas do acidente na usina. Cerca de 135 mil pessoas foram retiradas dos arredores do complexo nuclear ucraniano. Mas não a tempo de evitar uma das maiores tragédias humanitárias do século XX. Os bombeiros que atenderam a emergência não possuíam os equipamentos necessários para a operação. “As botas de alguns ficaram presas no betume derretido” (BLAYNEY, p. 271).



Ao mesmo tempo em que Gorbachev tentava sair de um constrangimento como o de Chernobyl, aparecia a lembrança da guerra que já durava anos, no Afeganistão. A economia soviética precisava de mudanças. O novo líder optou por tirá-la do caminho da planificação para a privatização. Em 1987, uma nova lei entrou em vigor que garantia a abertura de empresas privadas, apesar de não haver permissão para que houvessem empregados nelas.

A situação econômica do bloco era precária, principalmente com a falta de tecnologia e a teimosia da guerra no Afeganistão. E foi no final da década de 1980 que o golpe final no poderio soviético foi dado. O nacionalismo, com a sucessão de crises, a falta de mobilidade da emperrada burocracia socialista e o fim da repressão às vozes contrárias, se fortaleceu.

Em 1989, a Hungria, o mesmo país que na década de 1950 havia tentado dar um sopro de liberdade na esfera soviética, abriu a sua fronteira com a Áustria. Foi a debandada para milhares de pessoas que estavam “presas” na Cortina de Ferro. Era a prova que a União Soviética não mandava mais. As famílias de alemães orientais e ocidentais, separados desde 1961, finalmente tinham um canal de acesso para se encontrar.

No mesmo ano, o Solidariedade venceu as primeiras eleições livres dos países-satélites, com o líder e amigo do papa, Lech Walesa. Além de amigo de Karol Wojtyla, Walesa contava com o apoio irrestrito de Reagan para demolir o sistema comunista na Polônia. O primeiro-ministro sueco, Olof Palme, em 1982, relatou a Ronald Reagan que a fronteira sueca com a Polônia ajudaria no fortalecimento do sindicato. “Como simpatizante do Solidariedade, o primeiro-ministro assegurou a Reagan que a alfândega sueca faria vista grossa ao que era exportado para Gdansk” (SEBESTYEN, Victor. 1989, A queda do império soviético. P. 131).

No mesmo ano, a Romênia, do presidente Nicolai Ceaucescu, vivia uma revolta sem precedentes no obscuro mundo comunista. Nem mesmo a *Securitat*, grupo de elite que protegia o líder, conseguiu salvar a captura de Ceaucescu e de sua mulher, Elena, na fronteira do país, onde o casal tentava escapar. Eles foram pegos na fuga e enforcados. Era o cenário de uma morte anunciada.

Os romenos, com seu típico humor negro, chamavam o regime de socialismo em família. Ceaucescu preencheu altos cargos do país e do partido com seus irmãos, sobrinhos, sobrinhas e parentes não consanguíneos. (SEBESTYEN, 2009. P. 209)

Além do nepotismo, o país comandado pela mão de ferro de Ceaucescu por mais de três décadas indicava 25 mortes em mil nascimentos de crianças. A taxa de mortalidade infantil era três vezes a da média europeia.

Além da Romênia e Hungria, os países bálticos – Estônia, Lituânia e Letônia - pediram exclusão da União Soviética. Foram os primeiros a perceberem que nem mesmo a *Glasnost* e a *Perestroika* recuperariam o vigor do Comecon<sup>7</sup> (sistema de trocas de produtos entre países socialistas). Todor Zhivkov, líder búlgaro por 35 anos, foi outro a ser deposto também em 1989. Outros foram caindo, um a um. A Iugoslávia, sem rumo desde a morte do Marechal Tito, no início da década, fragmentou-se. Entretanto, a cena que simbolizou o início de uma nova Era na região foi a queda do Muro de Berlim. Nada comoveu mais as multidões no mundo inteiro do que aquele 8 de novembro de 1989, onde milhões de alemães ocidentais e orientais finalmente puderam se abraçar. A União Soviética via com bons olhos todas as iniciativas, em especial o seu líder Gorbachev. Mas não esperava que a ruína chegasse também em Moscou.

### **4.3.O golpe da linha dura comunista – agosto de 1991**

Embora o reformista Gorbachev estivesse ainda na chefia do Partido Comunista soviético, os stalinistas estavam descontentes com o rumo privatizante da economia e com a forma imparcial do governo de lidar com a escalada de independência dos países-satélites. A União Soviética estava a beira do caos no início da década de 1990. A economia, em 1991, tinha mais de 100 bilhões em dívidas. “O déficit orçamentário da URSS (...) no terceiro mês do ano de exercício atingiu 31,1 bilhões de rublos. Isso representou um verdadeiro caos, pois o déficit anual previsto era de 26,9 bilhões. Os órgãos econômicos declararam que a economia estava ‘à beira da catástrofe’” (GOLIN, P. 36).

Para piorar – aos stalinistas -, em 7 de fevereiro de 1990, Gorbachev anunciou o pluripartidarismo e eleições livres para as presidências das repúblicas que ainda formavam o país no próximo ano. Boris Yeltsin, prefeito de Moscou, era o candidato favorito na Rússia. Ele, ligado aos ultrareformistas, atacava Gorbachev por ser lento para botar em prática o liberalismo econômico. Yeltsin venceu a eleição em junho de 1991 e, logo em seguida, viajou com Gorbachev a fim de encontrar com o presidente norte-americano George Bush. No encontro, mostraram o plano de privatização total da economia em até seis anos. Ao mesmo tempo, o Congresso soviético aprovava a Lei de Privatizações no Soviete Supremo, cujo

---

<sup>7</sup> Sistema de trocas de produtos entre países socialistas. Terminou em junho de 1991, em reunião na Hungria. Em julho, foi a vez do Pacto de Varsóvia ser encerrado, durante encontro na Tchecoslováquia dos países socialistas.

objetivo era de que até 1995, 70% das empresas estatais passassem ao controle do mercado. (GOLIN, 1992).

A tensão era tão grande com a economia em ruínas e o desespero por soluções que grupos stalinistas, como o Soyuz – tentou demitir Gorbachev em abril daquele ano, durante reunião do Partido Comunista -, que generais ortodoxos construíram o chamado Golpe de Agosto. A KGB, com sua rede de três milhões de empregados e contatos, apoiou Valentim Pavlov, do grupo Soyuz, para presidir o chamado Comitê Estatal de Emergência. Ele seria o responsável pela volta à economia planificada e por uma espécie de purificação partidária. Além da sigla, dois outros grupos se destacavam: a Plataforma Bolchevique, liderado por Nina Andreieva, que acusava Gorbachev de “trair os ideais comunistas”, e o Terceira Força, uma das principais vozes contrárias aos princípios privatizantes do embrionário governo de Yeltsin (GOLIN, P. 47). A ala conservadora do outrora poderoso Partido Comunista tomou o poder em 19 de agosto de 1991, sob o pretexto econômico e fronteiriço. A dissolução da União Soviética iminente, e o novo Tratado da União, preparado por Gorbachev e que estabelecia regras mais brandas na relação com as outras repúblicas, prestes a ser assinado trouxe o grupo de stalinistas a depor Gorbachev e enviá-lo para uma casa de campo na Crimeia.

O novo governo durou somente mais dois dias. Em 21 de agosto, Boris Yeltsin liderou as tropas militares a intervir a favor da legalidade do governo e ao mesmo lado dos milhões de manifestantes que não queriam uma volta ao ambiente fechado do socialismo real stalinista. A consequência do golpe foi o fim da própria União Soviética. Yeltsin, popularíssimo por ter ficado ao lado da maior parte da população na questão das reformas, teve a força política de terminar um golpe apoiado pela KGB, o maior aparelho de segurança no mundo comunista. Só aceitou colocar Gorbachev no governo novamente se ele se dispusesse a demitir todos os seus ministros de Estado, a quem acusava de terem sido coniventes com o golpe, e a se retirar do cargo de premiê soviético em dezembro. Também exigiu de Gorbachev o confisco de propriedades do Partido Comunista, bem como a exclusão de quadros da sigla na KGB, Ministério do Interior e Forças Armadas. Os países bálticos também foram reconhecidos como independentes.

Contribuiu também com o golpe o atraso do socorro capitalista<sup>8\*</sup> e a submissão vexatória do líder soviético, percorrendo o mundo na posição de pedinte. A tentativa de usurpação ortodoxa, por outro lado, modificou o ritmo do socorro externo.

---

<sup>8</sup> O socorro ocidental pedido por Moscou chegou a casa de 250 bilhões de rublos, mas a ajuda que realmente chegou foi apenas de caráter humanitário, como roupas, alimentos e remédios.

Todavia, o seu espectro ressurgiu com o prosseguimento do caos econômico. Essa é a razão pela qual o reformismo investiu no enfraquecimento das estruturas do PCUS (Partido Comunista da União Soviética), da polícia secreta e das Forças Armadas, pois representam a referência ao imenso lastro popular formado pelo socialismo real. (GOLIN, 1992. P. 55).

O separatismo nas repúblicas ficou evidente com o apoio de Yeltsin à independência da Lituânia, em acordo com o presidente daquele país, Vitautas Landsbergis. Era o fim do período experimental da *perestroika* e *glasnost*.

#### **4.4. Marcelo Rech nos dias de falência do estado soviético**

O repórter de Zero Hora não poderia ter chegado em melhor momento para o desenrolar de sua reportagem sobre o fim da União Soviética. Ele ficou no país durante boa parte do mês de novembro, e as matérias circularam de 1 a 10 de dezembro no jornal. Embora a falência do Estado soviético fosse inevitável, a volta do jornalista ao Brasil foi prematura. Em 1 de dezembro de 1991, 90% da população ucraniana votou pela independência do país ante à URSS.

A república era a principal parceira econômica russa e um dos motores comunistas no campo siderúrgico e agrícola. Os campos de centeio e trigo ucranianos fortaleciam a dieta soviética em todas as repúblicas. O país, inclusive, teve a honra de ter um secretário-geral no Partido Comunista, que comandou o país por uma década, Nikita Krushev. A Ucrânia era importante também na questão de publicidade ao mundo ocidental, embora prejudicada com o desastre de Chernobyl. Os feitos nas olimpíadas e demais competições esportivos dos soviéticos vieram, em boa parte, dos atletas enviados pelo país vizinho. Sergey Bubka, recordista mundial e campeão olímpico em 1988, em Seul, no salto com vara, e Oleg Blokhin, um dos maiores jogadores de futebol da União Soviética e técnico da seleção ucraniana na Eurocopa de 2012, são alguns dos exemplos do serviço esportivo do país eslavo ao coirmão por mais de sete décadas.

Uma semana depois do anúncio ucraniano no plebiscito, foi a vez da Bielorrússia juntar-se à mesa com os presidentes ucraniano, Leonid Kravchuk, e russo, Boris Yeltsin. Stanislav Shushkevich assinou, ao lado dos outros dois, os termos para o fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas em 8 de dezembro de 1991. Na declaração do acordo,

estabeleceu-se: “Constatamos que a URSS, como sujeito do Direito Internacional e realidade geopolítica, deixou de existir” (GOLIN, p. 63).

No lugar do velho conglomerado socialista, ergueu-se a CEI (Comunidade de Estados Independentes), formada por Rússia, Bielorrússia, Cazaquistão, Azerbaijão, Armênia, Moldávia, Ucrânia, Tadjiquistão, Turcomenistão, Quirguistão e Geórgia (como observadora). A data de início da nova fase de aliança ocorreu no dia 20 de dezembro de 1991. O cargo de Gorbachev como premiê da União Soviética oficialmente deixara de existir.

Em um discurso de apenas 12 minutos no dia 25 de dezembro, o último líder soviético, em certo trecho, previu os problemas que viriam durante o restante da década de 1990:

*- (...) O golpe de agosto trouxe a crise geral ao limite. A coisa mais perigosa sobre esta crise é o colapso do Estado. Eu estou preocupado com o fato de que as pessoas neste país estão deixando de ser cidadãos de uma grande potência e as consequências podem ser muito difíceis para todos nós lidarmos com elas. (...) Eu considero que é vitalmente importante preservar as conquistas democráticas que foram estabelecidas nos últimos anos. Nós pagamos com toda a nossa história e experiência trágica por essas conquistas democráticas e elas não deverão ser abandonadas, quaisquer que sejam as circunstâncias e os pretextos. De outro modo, todas nossas esperanças pelo melhor serão enterradas. Eu estou dizendo isto para vocês honesta e diretamente porque este é o meu dever moral. (...) Desejo o melhor para todos”<sup>9</sup>.*

As belas palavras, no entanto, não aliviaram o impacto negativo ou da celeridade nas reformas ou da inconformidade com o modelo econômico da perestroika para os russos. Mikhail Gorbachev recebeu, segundo prognósticos da eleição de 1992, realizada após o fim oficial da União Soviética, apenas 1% dos votos, contra o vencedor Boris Yeltsin e o comunista ortodoxo Gennady Ziudanov. O jornalista Geneton Moraes Neto, em Dossiê Moscou, descreve o momento máximo em que o primeiro e único líder soviético a ter votado em eleições livre foi um vexame nas urnas. Para o repórter, que acompanhou o primeiro pleito definitivamente democrático na história da civilização russa, “a maioria do eleitorado joga sobre os ombros de Gorbacheva culpa pelo colapso da União Soviética e pela condução de reformas econômicas que afundaram o país numa crise” (MORAES NETO, Geneton. Dossiê Moscou, pgs. 50-51).

---

<sup>9</sup> Extraído de Folha de São Paulo, 26 de dezembro de 1991 (em Golin, p. 68).

A história seria, agora, contada por outros. Não mais pelo simpático reformista aliado dos Estados Unidos e reconhecido mundialmente pela marca de nascença na testa até hoje.

## 5. ANÁLISE DA SÉRIE “A SEGUNDA REVOLUÇÃO”

Neste capítulo, a série de reportagens “A Segunda Revolução”, lançada entre os dias 1 e 10 de dezembro de 1991 por Zero Hora será desmembrada de acordo com a análise categorial de conteúdo de Bardin (1977). As matérias serão divididas entre “negativas para a União Soviética / a favor da promoção do capitalismo e dos ideais ocidentais”, “positivas para a URSS / elogiosas em relação ao sistema comunista” e as “neutras: meramente informativas ou que não apresentem juízo de valor para nenhum dos lados”.

As palavras chaves e expressões escolhidas para a análise das “negativas” são: capitalismo, ocidentalização, perestroika, economia de mercado, corrupção e suborno comunistas, liberalização de preços, liberdade de imprensa e diversidade de pensamento. Nas “positivas”, a escolha das palavras fica reduzida a: mercado negro no capitalismo, orgulho, patriotismo, estabilidade pré-perestroika e segurança nas ruas. Nas “neutras” não há uma escolha de determinados termos para indicar se é positiva ou negativa para a tradição e cultura política e econômica da União Soviética. São, na maioria, meramente informativas ou ilustrativas da situação de crise econômica em que o país vivia à época da fragmentação de seu território no final de 1991.

As matérias estão divididas por data. As primeiras de cada dia são os abre de página de cada reportagem. As subsequentes ou são secundárias ou retrancas. Ao lado do título de cada uma, há a definição de categoria de análise de conteúdo.

### 5.1. Edição do dia 1 de dezembro de 1991

#### **O voto é pela independência. NEGATIVA**

Totalmente contra a união da Ucrânia com a URSS. Autor, inclusive, cita o bom trânsito do favorito às primeiras eleições presidenciais ucranianas, Leonid Kravchuk, em Washington (EUA) e com outros países ocidentais como os principais bastiões de um governo de “reconhecimento internacional”. Marcelo Rech, de Zero Hora, apresenta ainda Kravchuk como “ex-ideólogo do Partido Comunista, agora um convertido à democracia”. A foto principal e lide da matéria traz o case de um casal que está celebrando o casamento em plena queda da URSS. O homem ainda diz que espera que seus filhos nasçam “em uma Ucrânia livre”. O autor ainda aponta dados estatísticos de forma aleatória, sem dizer qual o instituto.

Um exemplo é os 70% dos votos a favor da independência ucraniana. O autor ainda exalta a Ucrânia como o futuro quarto maior país da Europa, com arsenal bélico, com a ocidentalização iminente, com um presidente recém convertido à democracia e ainda que quer se ver livre de 300 anos de dominação russa em “seu” território. O golpe de Agosto também é referido, bem como na página seguinte, como prova de que a URSS está falida moralmente e só resta aos outros países buscarem a independência ao invés da uma união. A Ucrânia, embora tenha organizado a Eurocopa de futebol em 2012, em parceria com a Polônia – país vizinho, inclusive, onde o primeiro presidente da era democrática ucraniana, Kravchuk, nasceu -, não conseguiu manter uma estrutura dita “libertária” e ocidental. Após dez anos de presidência de um líder pró-Rússia (a minoria de ascendência russa representa 20% da população e está concentrada na chamada “bacia do Donetski, onde estão as principais do país), a Ucrânia viveu a Revolução Laranja em 2004. Neste ano, o candidato do ocidente Viktor Iuschenko se sagrou presidente depois de eleições conturbadas, com indícios de fraude eleitoral para Victor Yanukovich, candidato ligado a Moscou. Em 2010, Yanukovich foi eleito presidente, justamente na vaga de Iuschenko. Este viveu um drama enquanto presidente, após ganhar as manchetes no mundo com um suposto envenenamento orquestrado pelo seu rival eleitoral e por membros do governo russo. A Ucrânia continua sendo um país ligado à Rússia, principalmente na questão do fornecimento de gás, já que os gasodutos que saem do país-irmão e chegam na Europa Ocidental para abastecer a população da zona do Euro atravessam o país.

### **O nascimento de uma nova potência nuclear. NEUTRA**

A página seguinte tem uma matéria secundária NEUTRA onde o autor mostra que o arsenal nuclear soviético em território ucraniano é base de discussão. Dá a versão de um general soviético, inclusive, sobre o temor.

### **População espera reconhecimento imediato. NEGATIVA**

Como destaque desta página, há uma entrevista de meia página com o jurista responsável por tornar a independência ucraniana legal. A apresentação da fonte dispensa comentários quanto a sua credibilidade, pois se trata de figura notória da nova ordem “democrática” no leste europeu. Rech refere-se a Serhij Holowaty como alguém com “currículo”: além de mencionar que é Phd em legislação internacional, o jornalista logo depois lembra que ele é opositor ferrenho do comunismo, embora logo depois argumente ao dizer que o jurista “não tem filiação partidária”. Na entrevista, a fonte diz que espera que não



aconteça uma intervenção militar russa em solo ucraniano por causa do plebiscito. O entrevistado também alfineta a linha dura soviética pelo golpe de agosto, ao referir que a discussão sobre a posse da Crimeia foi criada “artificialmente” pelos golpistas.

### **União Soviética perderá o seu celeiro. NEUTRA**

Na matéria complementar sobre o que a URSS perderá com a saída da Ucrânia, o autor cita dados de produção, como as de açúcar, aço e carvão. Mostra ainda que a nação eslava apresenta “uma das melhores qualidades de vida da União” e que possui controle da inflação e da oferta de alimentos, diferentemente de Moscou.

## **5.2. Edição do dia 2 de dezembro de 1991**

### **O país que não existe mais. NEGATIVA**

Marcelo Rech faz uma matéria negativa sobre o fim da União Soviética. Ele descreve a URSS como um país que não existe mais – apesar de só ter sido decretado o fim alguns dias depois - e que foi construído a “ferro a fogo pela utopia da igualdade social, onde o indivíduo foi reduzido a tijolo da muralha estatal”. Critica a anexação de territórios e etnias realizadas de forma “artificial”, embora a maioria dos países do leste europeu seja eslavo, assim como a Rússia. Chama o regime de autoritário e que morreu caduco. Rech exalta o capitalismo de forma efusiva, ao mencionar que a URSS pode ser o embrião do maior e mais promissor país capitalista do planeta, o que obviamente não ocorreu.

Colocou na mesma categoria Lenin e Boris Yeltsin, ao chama-los de semideuses. Um pela figura verdadeiramente representativa para a formação da URSS; o outro pelo seu papel singular na luta contra o golpe de agosto. Na década seguinte, no entanto, Yeltsin desgovernou o país ao abri-lo rápido demais, vendendo as estatais a preço de barganha para os novos ricos russos, ou seja, funcionários de carreira que se aproveitaram do fim do país para adquirir. Além de provocar a ruína do sistema financeiro russo, quando teve que pedir ajuda ao FMI (Fundo Monetário Internacional) , era alvo de tom irônico da mídia ocidental pelo seu problema grave com o alcoolismo. Na matéria também há espaço para a crítica a Yeltsin. O chama de “canastrão, beberrão e populista demagogo”.

### **Novo golpe virá das ruas. NEUTRA.**

Nesta matéria, como prenuncia o título, o teor é alarmista. As fontes são o então chefe da KGB e último da polícia secreta, Vadim Bakatin, e uma economista do Instituto de Economia da URSS, Kiria Leikina. Ambos profetizam que poderá haver um novo levante com o aumento do racionamento de bens primários. Kiria profetiza que o novo golpe deveria acontecer “no início da primavera”. Rech ironiza ao afirmar também que a legião de comunistas que foram às ruas no aniversário da Revolução de 1917 terão a companhia de pessoas sem “liberdade de imprensa” e sem direito a votos e partidos políticos.

### **Gorbachev, presidente só para embaixadas. NEUTRA**

Refere que Gorbachev perdeu muito poder, ao perder, além de todo o apoio político depois do golpe de agosto, onde não mostrou resistência contra os stalinistas que tentaram tomar o poder, o Gosbank, banco central soviético, e o banco de comércios da URSS para a jovem nação russa. Também é visto como alguém sem força política, pois não conta com o apoio de países vizinhos, como a Moldávia, Azerbaijão e Geórgia, pertencentes até então ao regime soviético. Por fim, apresenta o antigo líder soviético como o “homem que permitiu a reviravolta no Leste Europeu e contribuiu para a derrocada do comunismo em quase todo o planeta”.

### **Comunista assumido culpa Yeltsin pela crise geral. POSITIVA**

Entrevista de um quarto de página com Ivan Ripkian, o líder do Partido Social dos Trabalhadores, uma das siglas que se formaram após o desmembramento do Partido Comunista em agosto, depois do golpe, sob ordens de Yeltsin. Zero Hora dá espaço para apresentar o lado positivo do regime sob a voz de um líder comunista. Ele critica a política econômica de Yeltsin e Gorbachev, e rebate a pergunta sobre se os comunistas são os principais culpados pela situação instável na época: “Sem dúvida, mas não vamos esquecer que a URSS era a segunda potência do mundo. E os primeiros anos da perestroika também eram comunistas. Eu gosto de lembrar a história do meu pai: ele passou o horror da II Guerra, foi mutilado em combate, era um agricultor que deu aos seus cinco filhos ensino superior”. A entrevista é claramente contemporizadora e menos agressiva que em outras matérias de teor crítico a URSS.

### **Político muda mais que economia. NEUTRA**

A matéria é informativa e ilustra a nova abrangência de partidos com o fim da União Soviética, alguns sem expressão alguma, como o “Deputados Sem Partido”.

### 5.3. Edição do dia 3 de dezembro de 1991

#### **Fantasma do racionamento ronda Moscou. NEGATIVA**

No terceiro dia da série A Segunda Revolução, o repórter mostra o problema da falta de alimentos e itens de primeira necessidade, como roupas, nos estabelecimentos de Moscou. A foto da matéria principal, de duas colunas e meia, mostra multidões de senhoras russas procurando por frutas e verduras em uma feira. Se associarmos ao infográfico logo abaixo de grande destaque também, cujo título é Economia Despenca, passa-se a ideia de que o país está em ruínas, tanto economicamente quanto moralmente, pois não há nem alimentos em grande quantidade para a população.

No texto, Marcelo Rech aponta o diálogo de uma mãe, Irina Stesko, com sua filha, Masha, de cinco anos. “Mamãe, quando eu crescer vai ter comida para mim?”, “E roupa será que vai ter?” eram as indagações apresentadas pelo repórter em aspas de Masha. Nesta linha, Zero Hora entrevista Valentine Miagkov, doutora em economia do Instituto de Pesquisa de Mercado do Ministério das Relações Exteriores da URSS. Ela indica que a economia russa só deverá voltar à normalidade em aproximadamente seis anos. Em uma de suas falas, a economista afirma que o problema da economia soviética é não possuir “mercadorias, fundos para importação e tampouco divisas”.

Para corroborar a ideia de que a economia estatal está em frangalhos, o repórter afirma que a questão-chave está no “artificialismo com que a economia foi tratada durante o regime comunista”. Uma afirmação com posição, afinal toda economia comunista ou do socialismo real no leste europeu foi feita sob os moldes da planificação de mercado. A posição contrária ao tipo de desenvolvimento econômico realizado no país é evidente.

#### **Paciência na privatização. NEGATIVA**

Como matéria secundária, sob o título de “Paciência na privatização, pois não há regras” é descrito ao leitor como funciona o novo sistema de banheiros públicos na rua Arbat, apresentada como uma espécie de “Rua da Praia” (via de comércio popular em Porto Alegre onde passam apenas pedestres). Ela, como um exemplo dos novos tempos de abertura econômica, privatizou o espaço e passou a cobrar 15 copeques por uso. O autor elogia a medida, já que os banheiros “ganham asseio e – supremo conforto – lenços de papel”. Em seguida, Rech ataca o governo soviético mais uma vez, declarando que os novos mictórios “são uma novidade para os moscovitas, habituados a um serviço público com a qualidade equivalente ao preço pago ao Estado, ou seja, próxima do zero”.

No mesmo texto, o repórter alerta ao fato de que empresários estrangeiros possam ficar temerosos ao investirem no país, comprando indústrias, pelo fato de não haver qualquer proteção de patentes ou uma justiça especializada em solucionar disputas comerciais e trabalhistas. Ele finaliza com os “padrões de contabilidade aceitos no mundo capitalista”. O sistema bancário soviético, por exemplo, é taxado de estar na “idade da pedra”. O exemplo vem de um bancário brasileiro que trabalhava na agência de Moscou do banco. “Parece que é uma carroça que leva”, explica o bancário sobre a demora das transferências bancárias no sistema de bancos soviético. Aparentemente nada se salva.

### **Uma babushka com medo das filas cada vez maiores. NEGATIVA**

Na página seguinte da reportagem que saiu no dia 3 de dezembro de 1991, a babushka (como os russos chamam suas avós) escolhida como case da matéria que ilustra a falta de opções na mesa de uma tradicional família soviética foi uma aposentada de 60 anos que trabalhou como operária e bibliotecária. Larissa Vlassova é apresentada como uma pessoa com dificuldades de esperar na fila por tantas horas para adquirir alimentos. O autor explica que não há mais ovos em sua geladeira, como um exemplo de que a situação para as senhoras está ficando cada vez pior pela alta dos preços. A entrevistada reclama que desde agosto ela não compra açúcar. Ela finaliza com “A fila é para mais de mil pessoas”.

No intertítulo da matéria, Larissa mostra seu saudosismo pela época de vagas gordas de Stalin quando havia cerca de 15 tipos de queijos nos mercados e até mesmo caranguejos enfeitavam os mercados em Moscou. Como o case uma senhora de 60 anos que fica em filas para comprar produtos de extrema necessidade e sente falta de um passado glorioso não é o bastante, a fonte elogia a conduta dos democratas, agora no poder. “Eu gosto dos democratas, não tolero essas coisas de Politburo. Eles não sabem fazer nada e viviam dando ordens. Agora, estão sabotando como podem. Enterram carne, roubam vagões, desviam tudo para que a economia não dê certo. Estou com medo”.

A fala é legitimamente constrangedora, pois não se trata da opinião de um especialista sobre a economia ou o modo de fazer política na época comunista, mas um juízo de valor. Não há, por exemplo, outra fonte. A entrevistada é vista como imparcial, pois se apresenta em dado momento como “uma comunista sem partido”. É importante ressaltar em todas as matérias esse fato.

### **Na Sibéria, grandes lucros. NEGATIVA**

Os novos ricos russos, que se converteram rapidamente à economia de mercado, são ilustrados como o dínamo que conduzirá o país aos novos tempos. Em suas fábricas, o salário pago aos empregados, como no case de um engenheiro proprietário de uma empresa especializada em compra e venda de produtos e de serviços em marketing, é até “sete vezes o salário de um médico que trabalha num hospital estatal russo”.

A defesa ao novo capitalista é evidente, pois, além de ganhar 20% de lucro em cada movimentação financeira em seu trabalho, ele irá se casar e planeja uma lua de mel no exterior, apesar das dificuldades. A sua noiva declara a Zero Hora que seria “um sonho” visitar Viena, na Áustria, um país ocidental. O autor emenda dizendo que a mulher, ao comentar sobre a possível viagem, estava com olhos brilhando.

#### **Na Kalinina, um mendigo não vê nada de bom no futuro. POSITIVA**

O mendigo Anatoly (fonte sem sobrenome) exalta, na matéria, o sistema soviético, pois ele o protege desde um acidente em 1967, quando teve uma de suas pernas decepada por um trem. Marcelo Rech, por outro lado, menciona que a imagem do mendigo pedindo esmola era “desconhecida dos moscovitas até há poucos anos”. Embora Anatoly, na matéria, diz que a população o ajudava mais antigamente, pois agora “não se encontra trabalho”, o autor responde ao argumentar que ele está “sem razão”, pois tem um rendimento mensal superior à maioria dos russos. Apesar da crítica, o jornalista mostra o novo sistema de mercado livre na URSS, onde o mendigo encara “quando pode” os preços cobrados para adquirir um prato de comida e uma cama quente em uma pensão de “quinta categoria”. Ao indaga-lo sobre o futuro que imagina para a URSS, o russo, com os olhos cheios de lágrima, segundo o texto, diz que é até “difícil falar”. A matéria, embora critique a atual falta de ajuda do estado soviético, mostra pontos ainda não mencionados ao fim do terceiro dia da série de reportagens, ou seja, os problemas do sistema capitalista, como o aparecimento de mendigos nas ruas da capital Moscou.

### **5.4. Edição do dia 4 de dezembro de 1991**

#### **A Máquina do PC desmontada. NEGATIVA**

O final de uma era anunciado na linha de apoio da matéria de meia página sobre a transição política e econômica soviética é um ataque ao Partido Comunista. Principal força na esfera política da União Soviética, a sigla é denunciada no texto com a acusação de que seus líderes

tinham benefícios especiais, como descontos especiais e “obscuros” na compra de dachas (casas de campo), ou em investimentos como os 50 milhões de rublos despendidos em um instituto de pesquisas nucleares ou os 40 milhões de rublos destinados ao Fundo Soviético para a Promoção de Pequenos Negócios.

A sigla é apresentada como corrupta com os exemplos mostrados. O autor faz a associação dos novos capitalistas com os dirigentes do Partido Comunista, ao afirmar que eles possuíam os “melhores contatos internos e externos e que tinham dinheiro suficiente para instalar seu próprio negócio”. Eis que surge a primeira fonte, um antigo dirigente do partido (não há indicação de cargo), Victor Polyakov. O entrevistado, agora dono da empresa Mir-91, é apresentado, antes de sua fala, como um intermediário de negócios no setor primário. Inexplicavelmente, as aspas referem-se ao juízo moral de dirigentes comunistas. Polyakov fala: “Na URSS, como em qualquer parte do mundo, há pessoas honestas, meio honestas e ladrões”. O jornalista de Zero Hora, com uma dose de ironia, finaliza ao declarar que o ex-dirigente tocou num ponto-chave: “nem todos os comunistas de carteirinha podiam ser enquadrados como incompetentes ou larápios do Estado”.

Os ex-dirigentes do Partido Comunista, no final da matéria, ainda são lembrados como indivíduos que souberam o momento oportuno de abandonar o barco (crise comunista), como Boris Yeltsin e Eduard Shevarnadze, ex-ministro das Relações Exteriores soviético e um dos principais aliados de Gorbachev. Os políticos do partido são atacados no texto por terem adquirido as propriedades mais valorizadas de Moscou.

### **Segredos do KGB podem ser revelados. NEUTRA**

A matéria secundária da primeira página da série “A Segunda Revolução”, de Marcelo Rech, em 4 de dezembro de 1991, de Marcelo Rech, é ao mesmo tempo informativa quanto depreciativa no que tange ao serviço secreto soviético, a KGB. Informativa pois busca mostrar que os documentos secretos do órgão estavam em vias de serem revelados e apresenta detalhes importantes para a história mundial que apenas a KGB poderia saber, como a suspeita de ligação do serviço com o assassinato de John Kennedy e a tentativa de assassinato ao papa João Paulo II. Uma das dúvidas é levantada no texto e respondida, através de uma fala do chefe da KGB, em novembro de 1991. Vadim Bakatin confirma que Lee Oswald Jr, o artífice do tiro que matou o presidente norte-americano nos anos 1960. É a deixa para o jornalista “desmontar” a KGB.

Ele aponta a organização como uma estrutura que controlava sete milhões de aparelhos de telefone e famosa por ter construído uma rede de “dedo-duros por escolas, fábricas, hospitais, fazendas e repartições que chegava a 500 mil homens”.

### **Museu que guarda história de Lenin está ficando sem verba. NEUTRA**

Não há ataques ao governo comunista ou a construção do próprio museu na matéria que abre a página seguinte do dia 4. Matéria meramente informativa, com um case de um comunista “saudosista” que enfrenta a “melancolia” do museu desde o golpe da linha-dura soviética em agosto, e, mesmo assim, leva seus dois filhos para passear pelas dependências do decadente museu. Os 190 funcionários que trabalhavam no local, bem como o acervo de 50 mil peças correm, segundo o jornalista de Zero Hora, o “risco de despejo a qualquer momento”. A matéria lembra o prejuízo de 700 mil rublos do museu e alfineta o ponto sagrado dos comunistas ao afirmar que o salário dos empregados do museu só não atrasaram ainda por causa de um fundo aberto por “empresas que surgiram com o fim do comunismo”.

### **Patrice Lumumba sofre com mudanças. NEGATIVA**

A Universidade Patrice Lumumba é mais um alvo de ataques sem fundamento do jornalista Marcelo Rech. O texto começa em tom irônico: “A morte do comunismo na URSS está levando para a tumba uma das melhores mamatas para estudantes do Terceiro Mundo”. A “mamata” a que o autor refere é o custeio de passagens aos estudantes, pagamento de bolsas, hospedagem e alimentação, como se fosse diferente em qualquer universidade estrangeira que oferece o mesmo tipo de auxílio atualmente. O problema dessa oportunidade dada aos jovens era que a universidade fazia isso em nome da “internacionalização do comunismo”. O tom irônico novamente é percebido no final do texto, após referir que já havia saído do local nomes de “governantes do Terceiro Mundo, como José Eduardo dos Santos”, presidente de Angola desde 1979.

Como a apresentação da universidade ao público gaúcho não poderia ficar pior, o autor terminou dizendo que a Patrice Lumumba é ainda famosa pelas “bebedeiras, badernas na vizinhança e sujeira” de seus estudantes. O apelido, segundo o autor dado pelos moscovitas ao local, também se mantém: zoológico.

### **Sai o marxismo, entram os empresários. NEGATIVA**

O alvo da vez é o Instituto de Marxismo e Leninismo, onde Rech o traduz como “uma construção soturna e envelhecida que servia como escolas de líderes comunistas”. O local foi

excluído após a decretação de ilegalidade das atividades do Partido Comunista pelo golpe de agosto, e virou, à época dos acontecimentos, um prédio comercial, propício a negócios capitalistas. O teor das palavras mostra o modernismo batendo à porta dos soviéticos com o advento da economia de mercado.

Há uma fonte, Nilolai Nikonikov, diretor de uma holding nas áreas comercial e científica. O autor explica que o recém-convertido à nova lógica recebe seus clientes com um antigo retrato de Lenin na parede. O termo “modorra” é usado para descrever o ambiente apático quando funcionava o Instituto de Marxismo e Leninismo. No final do texto, o jornalista comenta que as fichas de arquivos de dirigentes políticos de todo o mundo desapareceram.

## **5.5. Edição do dia 5 de dezembro de 1991**

### **Vivendo os novos tempos. NEGATIVA**

Pelo quinto dia seguido de reportagem, Zero Hora mostra as mudanças na população com a economia de mercado. Sempre de forma positiva e atacando os costumes e tradições soviéticas, como o uso do ábaco em detrimento à modernidade da calculadora, apresentada como um item de consumo capitalista. O ábaco é vendido, segundo o autor, por ambulantes, que nas ruas apregoam “Compre um computador russo”. A demora na transição é lembrada logo no terceiro parágrafo com um “o bem-bom do capitalismo está chegando até muito devagar”. Esse bem-bom referido é o pouco número de estabelecimentos ocidentais fincados na capital russa, como bares que cobram até cinco dólares a dose de uísque, como o Night Flight. Outro exemplo da demora para uma vida mais capitalista e, conseqüentemente, segundo o texto indica, melhor, é a chegada dos primeiros videogames aos jovens russos.

A venda, após 50 anos de proibição do “dicionário do way of life americano”, a revista Seleção Reader’s Digest, acontece como “pipoca em circo” nas ruas de Moscou. Com mais uma dose de ironia, o autor refere-se ao jogo Banco Imobiliário, em sua versão soviética. Ele mostra com “sinceridade” a economia soviética, ao ter em seu tabuleiro restaurantes disputados por preços caríssimos e fábricas estatais a preços irrisórios.

### **Aulas de inglês, maior atração da hora nobre. NEGATIVA**

Os costumes soviéticos são invadidos pela nova onda ocidental, e o autor celebra como se houvesse uma adaptação feliz aos novos tempos. Novelas mexicanas e norte-



americanas, segundo o autor, estão entre as preferidas do público, que agora pode compartilhar dos mesmos gostos ocidentais. Mas há o problema do atraso. As pesquisas de opinião, tão comuns no mundo ocidental, ou seja, a famosa audiência - importante para sustentar o lucro de um veículo de comunicação capitalista - estão “engatinhando na nova União”.

O autor finaliza o texto com um ar esnobe aos antigos costumes soviéticos e saudando a entrada de atrações no universo soviético. “Mas os soviéticos não parecem se importar. O neon, palcos hollywoodianos, dançarinas sexies e reboativas – de vez em quando até uma mulher nua – são suficientes para fazer a festa dos herdeiros renegados de Lenin”.

### **Só a publicidade pode salvar antiga voz da revolução. NEGATIVA**

O sarcasmo contra o fim do comunismo na URSS é mostrado outra vez na matéria que trata da situação de penumbra financeira da Rádio Moscou, principal veículo de comunicação russo no exterior por anos. A rádio, que transmitia em mais de cem línguas mundo afora, teve o seu contingente reduzido a 70 línguas como sinal dos novos tempos. No entanto, o papel da publicidade para o funcionamento da rádio é apresentado como essencial para a continuação do serviço.

O principal motor de um veículo comunista, a publicidade, é saudada pelo brasileiro que comanda a divisão brasileira da emissora, Vladimir Pugashev, ao afirmar entre aspas que a “audiência é grande”, e que podem fazer anúncios para todo o mundo. A liberdade de imprensa, outro bastião do capitalismo, é exaltado em outra fala do representante da nova rádio de Moscou. “Agora temos possibilidade de falar mais coisas, somos mais críticos e nosso material é mais aberto”.

A suposta anarquia organizacional das empresas estatais é, mais uma vez, lembrada por Marcelo Rech, ao colocar um repórter “contratado há quatro meses” e sem nome como fonte. Ele garante que nem sabe quem é o seu patrão atualmente, tamanha a bagunça que vinha passando o Estado soviético. A rádio, conforme Rech, estava no organograma do Conselho de Ministros da URSS, mas ficou sem um “proprietário” oficial.

### **Filho de Prestes é dono de empresa. NEGATIVA**

O case usado por Zero Hora desta vez para exaltar a vinda do capitalismo e o sinal dos novos tempos de bonança para a população é de ninguém menos do que João Prestes, filho do líder comunista brasileiro Luís Carlos Prestes. João, representante de empresas da Espanha e Brasil, é mais um comunista que aderiu ao capitalismo. “Hoje, João Prestes é o retrato da

nova mentalidade que invadiu a velha União Soviética”. O adjetivo “velha” em União Soviética foi usado para mostrar a precariedade da burocracia soviética, o atraso na economia e os velhos quadros políticos que abasteceram o país por décadas – a URSS foi um dos países que morreram mais jovens, com apenas 74 anos.

O retrato que o jornalista passa de João Prestes é de um empresário “moderno”, que “não dispensa um computador pessoal” e usa um Toyota japonês para circular pelas ruas de Moscou, além de possuir uma dacha e receber em dólares. O autor define que a Perestroika, em 1985, no início do governo Gorbachev, mudou a vida de várias pessoas, como João e sua mulher, Ielena, uma ex-comunista que aderiu também ao capitalismo. Rech finaliza: “Dos velhos tempos, João só estampa o bigode à la Stalin”.

### **Crime e violência também chegam com onda capitalista. POSITIVA**

Matéria secundária com ênfase nos problemas que o capitalismo trouxe à vida soviética, como a violência. Crimes como depredações de espaços públicos, exemplificados conforme o jornalista em cidades como Nova York, Bogotá ou Porto Alegre, são cada vez mais vistos nas ruas da capital russa.

Outro perigo são os assassinatos em espaços públicos, trazidos, para Rech, pelo advento da economia de livre mercado. Os crimes trouxeram o problema do armamento da população para se defender dos delinquentes. A matéria cita o surgimento do mercado negro, de onde se vendem armas, como o fuzil Kalashnikov por preços que variavam entre 10 mil e 12 mil rublos. Os compradores das armas são traficantes de drogas “que tiram proveito das vastas fronteiras do território soviético e da falta de experiência da polícia para lidar com o tráfico”. Os delitos cometidos contra estrangeiros também é lembrado na matéria de Zero Hora. O autor afirma que a taxa de cem apartamentos arrombados por dia é “uma face inesperada do capitalismo”. O juízo de valor e o viés pró-capitalismo, outra vez, são comprovados.

## **5.6. Edição do dia 6 de dezembro de 1991**

### **Nacionalidades em guerra. NEUTRA**

A matéria de página inteira elucida os problemas do separatismo nas repúblicas que formavam a União Soviética. Eram 15 países que formavam o conglomerado “estável” socialista, mais outras dezenas de regiões independentes, como a Ossétia do Sul, motivo de

grandes tensões com o governo de Moscou nos anos seguintes ao colapso comunista na Chechênia. O autor redige de forma explicativa, embora destaque que era tudo “balela” a propaganda da URSS mundo afora de que as nacionalidades conviviam em perfeita harmonia dentro do país.

A xenofobia e o racismo com minorias étnicas, como os uzbeques com a minoria meskhet ou os ucranianos com os habitantes de ascendência russa merecem elogios, pois o autor percebeu os problemas que os russos e os outros povos tiveram que enfrentar na década de 1990, principalmente. Territórios e etnias inteiras, que foram transferidas à força por Stalin nos anos 1930 e 1940 fizeram manifestações a favor da independência e contra as minorias. Rech adverte, inclusive, um desmanche e uma guerra civil semelhante à ocorrida na Iugoslávia, quando, após a morte do marechal Tito, governante que havia permanecido por quase quatro décadas à frente da nação eslava, morreu. Ele fora o único a administrar e conduzir a rivalidade entre os bósnios muçulmanos e os sérvios ortodoxos. No fim, a Guerra do Kosovo provocou milhares de mortos e o esfacelamento da Iugoslávia, hoje dividida em países como a Croácia, Sérvia, Montenegro, Eslovênia e Eslováquia, além do Kosovo, região muçulmana que, com a ajuda da OTAN, conseguiu a independência da Iugoslávia. O criminoso de guerra e ex-dirigente do Partido Comunista iugoslavo, Slobodan Milosevic, foi o primeiro prisioneiro de guerra ajuizado pelo Tribunal de Haia, com sede na Holanda.

### **General Dudauev comanda a guerra santa de Chechen. NEUTRA**

Seguindo na linha da matéria principal do dia 6 de dezembro, os textos da página seguinte mantêm-se neutros e informativos. Neste, sobre o general Dzhokar Dudayev, recém-eleito presidente da república autônoma da Chechênia, o repórter mostra qual é o principal ponto de tensão na questão do separatismo em território russo: a região do Cáucaso, palco de combates na década de 1990 e ponto importante na recente geopolítica internacional.

O autor acerta ao apontar que o general virou herói na região por ter reunido um exército de cerca de sete mil homens para defender-se da ocupação de Moscou. Boris Yeltsin, após 400 mil dos 600 mil eleitores terem boicotado o processo eleitoral checheno, enviou tropas para tirar Dudayev, um militar ligado às causas islâmicas – religião da maioria da população local -, do poder. O golpe foi “descabido”, segundo Marcelo Rech, pois provocou a revolta da população local, que passou a apoiar Dudayev.

A escalada dos conflitos na região aumentou nos anos posteriores ao fim da URSS. Moscou bombardeou a capital da Chechênia, Grozny, em 1994. Dois anos depois, o general morreu vítima de mísseis disparados pela Força Aérea russa.

### **Separatismo cria o caos na economia. POSITIVA**

O separatismo soviético é criticado explicitamente no texto, pelo menos no que tange aos contratos comerciais entre os países pertencentes a URSS. A economista Kiria Leikina, do Instituto de Economia da URSS, atesta, como fonte, sobre o perigo do desmembramento do país: “Será muito complicado viver separado da União”. O temor refere-se às trocas de produtos, principalmente artigos primários, entre os países. Era o chamado Comecon, o acordo entre os países que pertenciam a URSS e às outras nações do leste europeu ligadas ao comunismo de Moscou.

O texto mostra que na Bielorrússia, por exemplo, “as exportações para outras repúblicas responderam por 70%” de seu Produto Interno Bruto, antigamente referido como Produto Material Líquido, em 1988. Há ainda a advertência de que a maioria dos países não possui departamentos econômicos com o conhecimento, contatos e estrutura para tocar a área econômica. Outro dado que corrobora a tese da estudiosa usada como fonte por Marcelo Rech é de que a separação ajudaria apenas a Rússia, já que 91% do petróleo soviético, um dos principais dínamos da economia local, estava em solo russo. Como a venda através do Comecon era realizada “de pai para filho”, conforme o autor, os russos lucrariam muito mais em eventuais futuras vendas. A barganha econômica e política foi profetizada nesta matéria, já que a produção de gás natural, comercializada pela gigante Gazprom, foi usada como chantagem contra os ucranianos no governo do opositor russo Victor Iuschenko entre 2005 e 2010. O fornecimento de abastecimento foi interrompido, muitas vezes, em períodos pré-inverno, quando o gás é essencial para a calefação.

### **É duro ser um armênio na Ucrânia. NEGATIVA**

A fonte utilizada como case para descrever a xenofobia no seio soviético é contra o governo comunista. Valeri Hambartsuian, um armênio de “cabelo encaracolado” e que sofre preconceito diariamente, segundo a matéria, critica os comunistas por terem provocado essa aversão dos povos locais aos provenientes de outras repúblicas da esfera soviética. “A propaganda, a imprensa e os comunistas fizeram com que os outros povos ficassem contra os armênios”, ele explica.

Além do texto não explicar que a minoria russa também sofrera com a discriminação na Ucrânia em 1991, a fonte desenterra uma história de luta pela independência de seu povo, o armênio, por um enclave na fronteira com o Azerbaijão. Hambartsuian declara que na sua luta, entre 1969 e 1970, o seu melhor amigo fora preso em uma penitenciária comunista e

lamentava-se afirmando que a última vez que o vira, ele “estava com o fígado e rins arrebatados, era um inválido”. Claramente uma matéria que denuncia o óbvio: prisões soviéticas eram contra os direitos humanos, um apelo ocidental desde a Convenção de Genebra de 1948.

## **5.7. Edição do dia 7 de dezembro de 1991**

### **Renascimento religioso tem força total. NEGATIVA**

Com apenas uma fonte – uma beata de Vornova, a 60 quilômetros de Moscou, que se declara “feliz” pela reabertura das igrejas na URSS -, a matéria de página inteira sobre o renascimento da prática religiosa na União Soviética é a favor da diversidade de crença e contra o preceito ateu comunista. No lide, já provoca o regime antigo por ter posto abaixo a Igreja do Redentor, “uma das mais ricas da Igreja Ortodoxa Russa” e construída para comemorar a vitória do império dos czares contra Napoleão.

O islamismo, além dos cristãos e seitas, é lembrado por ter sido “sufocado” também pelos comunistas. O autor aponta que o Partido do Renascimento Islâmico já conta com 70 mil militantes, além de um rebanho de 60 milhões de pessoas. Os evangélicos norte-americanos, com propagandas na televisão soviética, também são lembrados como sinal dos novos tempos na esfera religiosa.

### **Padre Dmitry batiza até 20 pessoas por dia. E está feliz. NEGATIVA**

O teor de apoio às religiões permanece intacto na matéria que abre a página seguinte da série “A Segunda Revolução”, em Zero Hora. O case da vez é o do padre Dmitry Akinfiyev, da Igreja de São Nicolau. As mudanças no comportamento da população, sem o risco de “represálias no emprego”, por assumirem uma fé, são visíveis. Antes da lei promulgada em 1990 por Mikhail Gorbachev, denominada de Lei de Liberdade de Consciência, a média de russos batizados não passava de mil por ano. Hoje, à época da matéria, o número chegava a três mil.

O padre usado como fonte detona o regime comunista ao dizer que “não adiantou os comunistas terem destruído as igrejas ou prendido os padres”. Afirma também que a volta da participação do povo nos templos eram prova de que uma “pessoa pode ser feita de escravo, mas não a sua mente e sua crença”. Outro dado que comprova o teor nefasto contra as

medidas praticadas pelo regime soviético no que tange a prática religiosa é o de que o pai do padre fora morto em 1937 em prisões soviéticas. Os anos “negros do stalinismo” e o recrudescimento da repressão à prática religiosa nos governos de Nikita Krushev e Leonid Brejnev, quando o número de seminários fora reduzido a três com apenas 40 novos seminaristas formados a cada ano – a taxa em 1991, chegara a 164 alunos apenas no seminário de Moscou – também são informados na matéria.

### **Até estética leva muita gente às igrejas. NEUTRA**

O “modismo” ilustrado no texto coloca em questão a volta dos soviéticos às igrejas pelo simples fato de ser algo a ser descoberto pelos russos, onde antes havia muito “mistério” pois a prática da fé era proibida.

O casal usado como fonte, que fora visitar a Catedral de Vladimir, em Kiev, desconversou quando indagado pelo repórter de Zero Hora se haviam visitado o templo para profetizar a fé. Explicaram que vieram mais por motivos “estéticos” do que por qualquer outra razão. O homem entrevistado, inclusive, explica que antigamente ele e seus colegas visitaram o museu do ateísmo, em Pochiack, na Ucrânia, mas ficaram espantados com o mosteiro ao lado do museu. “Éramos obrigados a visitar o museu, mas estávamos interessados no mosteiro. Tinha sabor de coisa proibida”. A matéria é neutra, pois mostra que uma parte da população ou vai por modismo aos templos ou visita-os para conferir a arquitetura que nunca conheceram no auge da repressão soviética à fé.

### **Judeus que ficam pensam no futuro. NEUTRA**

Outra matéria que explica a dura realidade da minoria judaica no país, onde, desde 1972, cerca de meio milhão de judeus já tinham deixado a União Soviética rumo ao exterior por terem sido “perseguidos no regime comunista”. Embora comece com essa afirmação, o autor se esquece que a União Soviética fora a primeira nação a apoiar diplomaticamente a construção do Estado de Israel, logo após a União Soviética.

No restante da matéria, o teor é informativo e não agressivo. Trata da migração clandestina de pessoas que se declaram judias justamente para poder sair da União Soviética com mais facilidade. O testemunho ao fato é apontado pelo presidente da Sinagoga Ortodoxa de Moscou, Maarder Moshe, que se mantém na URSS para “manter acesa a vida judaica”.

## 5.8. Edição do dia 8 de dezembro de 1991

### **Onde a vida pouco mudou. NEGATIVA**

A matéria de três quartos de página abre a série de Marcelo Rech no dia 8 de dezembro, e trata da vida em uma aldeia nos arredores de Moscou, chamada Kristie. O lugarejo é visto como atrasado por causa dos moradores que não estão acostumados com estrangeiros, que não viram sequer uma nota de dólar na vida, não estão representados nos noticiários nacionais e que “seguem os dogmas comunistas”. O autor não indica quais dogmas são esses.

A matéria exalta a perestroika ao explicar que o sistema de venda de madeira na fazenda coletiva local promove a “produtividade”: “quem corta mais ganha mais”, diz o texto. No final, a única fonte da matéria, o ex-chefe do Partido Comunista de Kristie, Konstantin Mikhailovich, saúda os antigos comunistas porque “do jeito que está agora é horrível”.

### **A dúvida de Mikhail Vassilich. NEGATIVA**

O aposentado que dá o nome à matéria é – de novo – um case usado para corroborar a crise soviética na busca de alimentos e de outros artigos de primeira necessidade. Além de itens como pão, cigarro, leite e vodka não chegarem ao povoado de Kristie, o aposentado teme que as senhoras, ou babushkas, viúvas sofram com a ameaça crescente de fome.

O transporte de enfermos para o hospital mais próximo, a 30 quilômetros de distância, é atacado por Vassilish. A espera angustiada pelo ônibus é resolvida apenas com a força da comunidade que se apoia em vizinhos com carro e em melhores condições financeiras para ajudar. O repórter ainda afirma que o aposentado não tem água encanada em sua casa nem telefone na cidade – o mais próximo encontra-se a oito quilômetros. Ele finaliza perguntando ao jornalista se não será preso por dizer os problemas de seu vilarejo.

### **Aldeia é garantia de sobrevivência no inverno da fome. NEUTRA**

Matéria que dá sustentação à análise iniciada na reportagem de abertura do caderno especial de Zero Hora. O casal Yevgeni, de Kristie, traduz a intempérie da crise de alimentos no único mercado estatal da cidade. No entanto, os dois garantem que nas cidades grandes o problema é maior.

Perguntados sobre a escolha pessoal entre comunistas e reformistas democratas para liderar o governo, a mulher, Tatiana, desconhece e afirma que para ela “não faz diferença”. É mais uma escolha de fontes sem credibilidade e apenas como case de matérias.

### **Saudades do comunismo. Era alegre. POSITIVA**

O tom melancólico das matérias sobre o racionamento de alimentos segue com o texto sobre um casal do mesmo povoado que reunia os amigos para festas regadas a vodka na época do comunismo. O teor crítico com a crise instaurada na família soviética pelos erros governamentais é sentido pelo saudosismo do homem entrevistado, Evdakei Suhanov, de 61 anos.

Ele recorda que “a vida era mais alegre, a gente se reunia para comer e cantar. Agora não tem mais nada disso”. O homem dá luz ao texto ao criticar o atual sistema de abertura econômica ao deixar a questão no ar: “Deste jeito, o que podemos festejar?”. Matéria de cunho positivo para os valores e à economia soviética pré-perestroika.

### **Psicologia explica razões da crise. NEGATIVA**

O maior problema ressaltado na matéria que traz novamente a economista Kiria Leirina como fonte é a ineficiência da gestão no Estado soviético. A propaganda privatizadora no texto fica evidente quando o autor aponta que em nenhum outro segmento da economia soviética há tanta ineficiência como na produção e distribuição de alimentos, “um setor ainda fortemente estatal”. Está implícito no texto que as estatais fazem um serviço ruim. A ligação entre ineficiência e estatal está no jogo de palavras usado por Marcelo Rech.

A tese é reafirmada quando outra fonte é consultada. O professor de agronomia Anatoly Khisanov garante que não importa, nas fazendas estatais, se se produzi uma ou cem toneladas, já que o “o emprego está garantido”, então “para que trabalhar?” Outro entrevistado, também agrônomo, afirma que o camponês russo está acostumado com o velho sistema e, sem sentido algum – apenas como forma de sustentar a posição defendida contra o comunismo -, o autor abre outra aspas para o entrevistado, que sugere: “É óbvio que a maioria deles ainda tem medo de liberdade em seu sangue”.

## **5.9. Edição do dia 9 de dezembro de 1991**

### **A geração do pós-comunismo. NEGATIVA**

Não obstante a exaltação em outras matérias de ideais econômicos liberais ou capitalistas, neste há o fortalecimento da terminologia “individualismo” como algo positivo. Há uma espécie de revolução na educação soviética, como garante Zero Hora. “O antigo



método de abordagem ideológica coletiva deu espaço a uma nova Era com a perestroika: o estímulo à individualidade de crianças e adolescentes”.

Esses jovens, que representam a nova geração – que tanto fez barricadas em frente ao Parlamento russo no golpe de agosto quanto usa jeans, ouve rock, além de outros hábitos ocidentais. Esta nova sociedade que está emergindo com o fim do comunismo ou até mesmo antes, com a perestroika, ZH define como uma geração que “passa ao largo de valores marxistas e tenta se acomodar ao novo mundo”, ou seja, o mercado de trabalho competitivo.

Outra fonte sem credibilidade surge para promover mais valores ocidentais. Desta vez, uma dona de casa de 41 anos, de Kiev, na Ucrânia. Ela explica ao repórter do jornal gaúcho que a cultura soviética mostrava salas de aula de escolas norte-americanas como bagunçadas, que não tinham educação e estudantes saíam, inclusive, de suas classes durante as aulas seguidas vezes. Ao passo que o texto evolui, ela reclama que hoje em dia enxerga que aqueles filmes mostravam apenas que “pessoas podem se comportar de maneira diferente”. Outra frase que comprova o poderio das expressões que exalam tanto diversidade de pensamento (liberdade de imprensa e pluripartidarismo) quanto a não conformidade com as regras de uma suposta ditadura.

### **Rock e jeans, a vida de Gleb. NEGATIVA**

Retranca da matéria anterior. O case desta vez é Gleb Groshenko, um jovem de 19 anos que ouve rock, usa jeans e tem independência financeira por ter tido educação financeira com seus pais economistas. No final do texto, como prova de que a nova geração realmente mudou, o jovem atesta que o comunismo tem caminhos “impraticáveis”.

### **Da Sibéria até Moscou, só para ver Lenin. NEUTRA**

O segundo case da edição traz a história de um sargento de apenas 19 anos que diz estar confuso com a situação política do país, em visita ao mausoléu de Lenin, em Moscou – o jovem foi destacado para o extremo oeste do país. Afirma ainda ser católico e estar sem dinheiro atualmente para casar. Matéria meramente ilustrativa para mostrar que apenas poucos indivíduos ainda se habilitavam a manter as tradições comunistas.

### **A sociedade dos ambulantes quer só lucro na Arbat. NEUTRA**

Matéria que denuncia a prática de suborno a policiais no submundo do mercado negro. A máfia dos ambulantes recebe proteção, segundo as fontes utilizadas na matéria, uma dupla de jovens de apenas 18 anos que começou a vender as matriochkas nas ruas. Embora denuncie

o problema, o autor mostra que os jovens são, de certa forma, empreendedores e recebem quatro vezes mais salário do que o remunerado médio do país. Os adolescentes aparentemente nem se importam com o pagamento de suborno a policiais pela manutenção do espaço de ambulante. A escolha das fontes novamente sem credibilidade. Zero Hora demonstra que é a contingência dos tempos.

### **Era uma escola do PC. Hoje, forma empresário. NEGATIVA**

O capitalismo é exaltado novamente pelo exemplo da implantação de uma faculdade especializada em formar administradores e economistas com a maneira do mercado de fazer negócios. Um lembra: “somos pioneiros”. O diretor da faculdade explica, não obstante, que o melhor caminho de a ideologia ser difundida nos estudantes é simplesmente taxar que o comunismo “chegou ao fim da linha”.

O espírito de solidariedade comunista é comparado ao capitalista, nas aspas que Marcelo Rech abre para estudantes que querem dar uma contrapartida à sociedade, em caso de sucesso na vida profissional, ou seja, ganhos financeiros. Outro garante que o país precisa agora de uma “economia bem direcionada”.

## **5.10. Edição do dia 2 de dezembro de 1991**

### **Moscou, o centro do mundo. NEUTRA**

A matéria de abre de página final traz uma retrospectiva dos acontecimentos da União Soviética e ilustra, através de um jornalista do periódico norte-americano Washington Post, a perspectiva de que Moscou fosse o centro dos acontecimentos do mundo no final do século passado. Marcelo Rech compara a possível efervescência cultural de Moscou da década de 1990 com a Paris, da Belle Epoque, ou a Nova York pós-Segunda Guerra.

Se o jornalista imaginou uma década de crescimento econômico, inclusão social e paz social, ele errou redondamente. A crise cambial russa, no final da década de 1990 provocou enormes perdas no sistema financeiro mundial, e fez o presidente russo pedir auxílio ao FMI (Fundo Monetário Internacional). Logo depois, Boris Yeltsin se desligou do governo pelo seu precário estado de saúde, agravado pelo alcoolismo. A Primeira Guerra da Chechênia, em 1994, foi outro ponto negativo na década para a Rússia.

### **Meu nome é *nalyeva*, mas podem me chamar de jeitinho russo. NEGATIVA**

O mundo comunista é visto com desdém pelo repórter. Ele começa o texto principal da página seguinte ao abre mostrando que os russos, para driblar os problemas enfrentados no cotidiano com a crise, como dar um “jeitinho” para escapar de tais obrigações impostas aos demais cidadãos. Pouco tempo depois, no primeiro intertítulo, com o nome sugestivo de o “Dólar resolve”, o autor deixa escapar nas entrelinhas o juízo de valor. Ele afirma que “a estatização desmesurada sempre foi um estímulo à corrupção, ao suborno, à propina”, antes de citar exemplos de como os policiais são subornáveis ou de como os encanadores estatais agilizam o trabalho por uma vodka. O que mais chama a atenção é o jogo de palavras de que o que é do Estado, ou seja, o único motor de uma economia planificada, traz prejuízo e é factível a crimes de fraude, como se em uma empresa capitalista isso não acontecesse.

### **Onde o preço é em dólar, nada falta. NEUTRA**

Embora haja um juízo de valor nas citações de que boa parte dos chefes moscovitas permitam atrasos de seus empregados, uma clara afronta ao sistema da URSS, o autor ilustra na maior parte do texto a vida difícil dos soviéticos no período. A procura por manteiga, produto que sumiu das prateleiras há três meses, segundo Rech, bem como outros exemplos são citados. O apelo ao sistema capitalista é evidente quando trata de criticar a situação deixada pelas lojas estatais, como se nada funcionasse. No entanto, é a dura realidade da época, e há o uso de fontes para corroborar a informação, como a de senhoras donas de casa – novamente – que traduzem a Zero Hora a situação precária de enfrentar longas filas para garantir os produtos que sumiram dos estabelecimentos estatais. Há ainda a lembrança de que os mercados capitalistas apenas estão abastecidos ou por aceitarem dólares ou por importarem todos os tipos de produtos.

### **Conduzir a travessia, uma tarefa mais do que difícil. NEGATIVA**

A Segunda Revolução é citada com o objetivo de mostrar que os novos governantes russos terão um desafio enorme para conduzir a economia e o caldeirão social que se transformou a URSS. Os problemas do mercado negro, onde há a garantir de lugares para viajar de avião somente com dólares, e da cotação irreal do rublo em relação ao dólar, no mercado paralelo – o autor mostra que um médico, que recebe 700 rublos ao mês, não tem uma vida miserável, pois paga taxas baixas para diversos serviços públicos, como energia elétrica e água quente – são mostrados no texto.

A defesa da liberalização dos preços pela “irrealidade criada pelo engessamento quase secular” destes é outra bandeira da economia de mercado, que dita os preços, em detrimento

da planificação comunista. Apesar de promover a alternativa da economia de mercado, Zero Hora admite que os governantes devem buscar uma terceira via na disparidade envolvendo aqueles que recebem em dólar e os que são remunerados em rublo.

## CONCLUSÃO

As 46 matérias analisadas nas edições de Zero Hora lançadas entre os dias 1 e 10 de dezembro de 1991 sobre o final da União Soviética compõem majoritariamente uma afirmação do capitalismo iminente na sociedade soviética. São 25 matérias negativas para os padrões soviéticos, como o ataque à inoperância estatal, a crítica aos valores de coletivização no campo da agricultura, a sempre presente tentativa de ligação da linha-dura comunista que tentou o golpe em agosto de 1991 com o termo “comunismo”. Os “antigos” valores sempre são os comunistas, que abrem passagem ao furacão inerente da economia de mercado.

O ataque à arquitetura comunista, em clichês como “cinzenta”, “apática”, servem para mostrar ao leitor que o país se encaminha a passos largos para um futuro que todos os países ocidentais já adotaram – exceto Cuba –, e que parece brilhante. No entanto, não é o caso. A suposta segunda revolução propagandeada nas páginas de Zero Hora pelo repórter Marcelo Rech é apenas a ruína do sistema do socialismo real, colocado em prática no leste europeu na década de 1920 e que passou por diversas crises que não soube ultrapassar. A pior delas juntou a inoperância tecnológica e a eleição de Ronald Reagan para a presidência dos Estados Unidos, com a invasão da União Soviética no Afeganistão, em 1979, por Leonid Brejnev, ex-dirigente máximo do Partido Comunista daquele país por décadas.

A exaltação da liberdade de expressão, diversidade de pensamentos e a individualização exigida pelas fontes entrevistadas é um claro apoio ao capitalismo, em detrimento da economia planificada socialista e de sua suposta morosidade burocrática. O pensamento é confirmado em diversas matérias, onde as estatais são vistas como vilãs de um estado corrupto, precário e que não oferece mais condições mínimas de sobrevivência à população.

Das dez matérias principais da reportagem (os abre de página), oito criticam o modelo soviético e/ou celebram as possibilidades que surgem com o aparecimento da privatização e do investimento estrangeiro – duas são neutras –, além da difusão de valores e costumes ocidentais, como o uso da calça jeans e o rock 'n roll. Há um juízo de valor que prejudica a visão do leitor sobre os acontecimentos. O viés capitalista praticado busca mostrar as benesses do novo sistema econômico como o único sistema viável, já que, por diversas vezes, o autor garante que não há esperança para o reerguimento do comunismo.

Há uma tendência de apoio às reformas do presidente russo Boris Yeltsin pela força política demonstrada em agosto de 1991 quando destronou a junta militar soviética que havia deposto Mikhail Gorbachev. Em determinada matéria, no entanto, o repórter lembra de seu

problema com o alcoolismo, que ficou mais evidente ao longo da década de 1990, quando teve que se afastar do governo por algumas vezes pelo consumo excessivo de vodka, a tradicional bebida russa, e também o acusa de ser “populista”.

O uso excessivo de cases afeta o texto, pois demonstra uma certa falta de credibilidade nas informações, pois os entrevistados, além de não serem fontes confiáveis para tratar de temas complexos, como a crise política soviética, tem ocupações que não se relacionam com os temas propostos. Muitas casas – de moradores pobres - são visitadas para ouvir pessoas que possam comprovar a tese de que o país está frangalhos e que o novo sistema será muito melhor. Donas de casa comentam sobre a crise alimentar, mendigos denunciam o advento de problemas sociais outrora inexistentes na URSS, operários opinam sobre a política do país. A falta de critério na escolha das fontes, no entanto, não existe quando a matéria é sobre a implantação de empresas capitalistas na União Soviética. Neste caso, economistas com credibilidade são consultados.

O golpe de agosto é mencionado diversas vezes de forma negativa, pois trata-se da linha dura da sigla, contrária histórica do pluripartidarismo, pois segue os preceitos do Manifesto Comunista de Karl Marx, de 1848, que afirma que apenas o partido operário deve conduzir o processo rumo ao comunismo, passando pelo socialismo.

Já as matérias neutras somam 16 das 46 analisadas. São textos principalmente informativos, e que não tem viés ideológico nas entrelinhas. Alguns destes são ilustrativos, funcionam como retrancas das matérias principais. Outros contêm dados de economia, segurança e agricultura passados por fontes confiáveis.

As matérias que exaltam a União Soviética somam apenas cinco do total. Elas mostram que o país antes da abertura econômica - ou perestroika, promovida por Mikhail Gorbachev em 1985 – possuía uma relativa estabilidade social e/ou econômica. Nestas matérias, há fontes que saúdam a antiga forma de se fazer governo na União Soviética, ou seja, os linhas duras, como Brejnev e Stalin. Há uma escolha de fontes sem sucesso nestas matérias também, pois elas são apelativas, como a história do mendigo que afirma que antigamente era melhor a situação, pois o governo fornecia suporte à população, ou a história de um velho comunista de uma aldeia nos arredores de Moscou que tem saudade da “alegria” dos tempos comunistas, pois havia bebidas alcoólicas nos mercados estatais.

A série de reportagens define-se, ao longo de dez dias, como uma provocação ao fim da pátria que sonhava com a igualdade social e a revolução global sob a égide do socialismo. O lado bom do capitalismo é mostrado de diferentes formas, desde fontes que comprovam o sucesso do novo modelo e que estão surfando na onda de abertura econômica implantada com

o colapso comunista até de outras que finalmente podem assistir filmes, novelas e vestir roupas ocidentais, como se houvesse uma espera angustiante da população por esse momento da “liberdade”.

O fato é que os russos, histórica e culturalmente, são um povo acostumado a apoiar líderes fortes por longos períodos de tempo. Os crimes praticados por Stalin em quase três décadas de poder foram ocultados da opinião pública até Nikita Krushev denunciá-los anos depois. A população amava e respeitava o “guia genial dos povos” Stalin, e sempre conviveu durante longos períodos com o mesmo governante, como, por exemplo, os czares, Leonid Brejnev, por mais de duas décadas, e tantos outros. Hoje em dia, a figura de Vladimir Putin, eleito mais uma vez presidente russo, move a política no país. Seu partido, o Rússia Livre, é o primeiro nas pesquisas há mais de uma década. O Partido Comunista é o segundo, embora muito abaixo em número de votos.

Se os russos estão acostumados com líderes fortes e autocracias desde sempre, há um motivo: o cultural. E esta questão não é explicada por Zero Hora, que prefere abafar a questão para promover valores ocidentais e a entrada do mercado livre no país. O ponto crucial é que os russos ainda não souberam se desvencilhar de líderes fortes, e isto é importante para analisar a política e cultura local. O jornal, contudo, não abastece os leitores de mais informações ou uma análise mais elucidativa acerca da complexa cultura política russa. A afirmação democrática do jornal é uma bandeira e também um refugio para as ideias capitalistas e pró-ocidentais.

## BIBLIOGRAFIA

- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BERGER, Christa. *Campos em Confronto: a terra e o texto*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1998.
- BLAINEY, Geoffrey. *Uma breve história do século XX*. São Paulo: Editora Fundamento, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. *L'Emprise du Journalisme*. Paris: Liber, 1994.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. Bruxelas: Editora Contexto, 2006.
- CHOMSKY, Noam. *Imperial Ambitions*. Londres: Hamish Hamilton, 2005.
- DE HOLANDA, Nestor. *Diálogo Brasil-URSS*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1962.
- FRANCO, Sérgio da Costa. *Porto Alegre Ano a Ano – Uma cronologia histórica 1732/1950*. Porto Alegre: Antônio Suliani Letra&Vida Editora, 2012.
- GOLIN, Tau. *O fim da União Soviética. Da perestroika à desintegração*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1992.
- MARTINS, Frederick. *Correio do Povo e a Copa de 1950: uma análise do Maracanazo sob o ponto de vista da imprensa gaúcha*. Porto Alegre: UFRGS, 2011.
- MONTEFIORE, Simon Sebag. *Stalin, a corte do czar vermelho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- NETO, Geneton Moraes. *Dossiê Moscou*. São Paulo: Geração Editorial, 2005.
- NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.
- RUSSIA FACING DEMOGRAPHIC CHALLENGES. United Nations, 2008.  
[http://www.undp.ru/documents/NHDR\\_2008\\_Eng.pdf](http://www.undp.ru/documents/NHDR_2008_Eng.pdf)
- SCHNAIDERMAN, Boris. *Os escombros e o mito. A cultura e o fim da União Soviética*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SEBESTYEN, Victor. *A revolução de 1989. A queda do império soviético*. São Paulo: Editora Globo, 2009.
- STEINBECK, John e CAPA, Robert. *Um diário russo*. São Paulo: Cosac Naify, 1948.
- TRAQUINA, Nelson. *O estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.
- VASCONCELOS, Frederico. *Anatomia da reportagem*. São Paulo: Publifolha, 2007.



1. Capa do dia 1 de dezembro de 1991

**SCORMET**  
**PASTALUS**

**ZERO HORA**  
PORTO-ALÉXIS DE LONDRES — 11.12.91  
LONDRES — 11.12.91 — 11.12.91

# Entra em campo a paixão Gre-Nal

152 e 57

**HOJE**  
MUNDIAL AIES tem um quadro alarmante  
12 e 5  
REVISTA DE

*Pode nascer hoje o quarto maior país da Europa*

**INCIDENTE**  
Carro morto em SP  
10 e 11

**ZH**  
1.017 EMPRESAS 4.906 IMÓVEIS CLASSIFICADOS

**AUTOMÓVEIS**  
Distribuidora Perli de Porto Alegre profizise preços abaixo de tabela.

**Morre uma lenda brasileira: Sobral Pinto** 1/8

1.1. Página 24 do dia 1 de dezembro de 1991

24 Domingo, 1º de dezembro de 1991

**A SEGUNDA REVOLUÇÃO**

**UCRÂNIA**

# O VOTO É PELA INDEPENDÊNCIA

□ Em plebiscito, o povo prometeu referendar a decisão, aprovada pelo Parlamento, de abandonar a URSS. O novo país já nasce poderoso

**MARCELO RECH**  
Especial para O Globo

Como manda a tradição ucraniana, Sergi e Yelena Iasinova, ambos de 20 anos, foram cumprir o ritual no dia de seu casamento, um sábado chuvoso do final de novembro. As noivas da Via Dnieper, no centro de Kiev, se divertiram a dançar com suas fotografias sendo, assim, como se fosse o documento aos três filhos que fundaram Kiev. Junto aos pais, eles aproveitaram para brindar com champagne o futuro — o seu próprio e do novo país que está surgindo neste domingo das orras espalhadas pela Ucrânia. "Esperamos que nosso filho nascam numa Ucrânia livre", disse Sergi, funcionário de um banco de Kiev.

Este 1º de dezembro é uma data histórica para os 51,8 milhões de habitantes da Ucrânia, a segunda mais populosa república do que uma vez se convencionou chamar de União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Cerca de 20 milhões de eleitores vão às urnas não só para escolher o primeiro presidente do país, como para decidir, num plebiscito se queriam manter a Ucrânia como um país independente. Trata-se de uma homenagem da decisão tomada pelo Parlamento ucraniano em 24 de agosto, apenas três dias após o fracasso do golpe da sexta-feira sangrenta que tentou apertar Mikhail Gorbachev do poder.

O resultado deve dar uma vitória esmagadora pro-independência da Ucrânia. Durante o mês de novembro, as pesquisas de opinião atribuíam aproximadamente 70% dos votos favoráveis à criação do novo país. Para os que ainda se apegam com uma URSS é nada a fazer, o adeus da Ucrânia à União é uma decisão desastrosa. "Se por destino a Ucrânia preferisse a "colônia", preferiamos Lenin logo após a Revolução de 1917 para justificar a anexação de territórios ao Império Otomano.

Com a firma da qualificação exercido com a vitória das urnas, a bandeira azul e amarela da Ucrânia passou a ser reverenciada como símbolo da quarta mais populosa nação da Europa, um país que surge com seu próprio destino e cedejo para sobreviver ao caos econômico que temido tanto da URSS. Será também a quarta país a se desmembrar oficialmente da União, seguindo o exemplo da Lituânia, Estônia e Letônia.

A própria Ucrânia, porém, tem de provar do resultado sempre que está infingido à União. Com a finalização da independência, de vez com os movimentos separatistas na Crimeia e na bacia do Dnieper, que já significaram intensos movimentos para não ficarem sob a tutela de Kiev. O futuro país precisa vê-las também com a mesma

maior (22% dos habitantes, que preferiam ser a Ucrânia independente a um acordo com Moscou. Bem mais na Crimeia há se manifestam para não dar a impressão de concordar com acordos que anulariam os seus votos da URSS e atual presidente da república, Leonid Kravchuk, anunciou em Kiev que cada um que atrevesse contra a independência da Ucrânia.

**A SÉRIE** — Castelan e se tornar o primeiro presidente do país. Kravchuk tem, atualmente, 50 anos, de 28% a 33% dos votos de votos a se não teve no primeiro turno, vai para um segundo rodada com outros dois candidatos dentro de duas semanas. Ex-olímpico, de partido comunista na Ucrânia, Kravchuk é um convertido à democracia que recebeu rapidamente de apoio a internacionalmente importante a seu novo país. Já cresceu por Washington e atraiu a Kiev há mais de quinze anos, como chefe de missão dos Estados Unidos, antes de se tornar chefe da missão dos Estados Unidos. Não há mais de duas semanas, ele não voltaram também o assessor de Deputado do Estado de que o Estado Unidos, então deputado e acabou o novo estado político da Ucrânia.

Muito com um Parlamento de 300 dos 450 deputados que vão a ser com o Partido Comunista, membros dos candidatos à Presidência se servem a oposição a independência da Ucrânia. "Não importa se alguém e de quem se quer, todos querem um país livre e soberano", afirma Vadim Dolgushev, representante de Kiev, que, com um milhão de habitantes, se tornou na segunda mais populosa da Ucrânia, segundo de Kravchuk após pouco mais de um mês de independência e que se tornou. Após 200 anos de dominação russa, a Ucrânia quer agora ser levada a sério.





**Reino:** Sergi e Yelena Iasinova comemoram a noivado, tirando uma foto de casamento às margens do Dnieper



**Kiev:** Leonid Kravchuk, atual presidente da Ucrânia, anunciou em Kiev que cada um que atrevesse contra a independência da Ucrânia.



**Kiev:** Leonid Kravchuk, atual presidente da Ucrânia, anunciou em Kiev que cada um que atrevesse contra a independência da Ucrânia.

**CACIFE** — Com a firma da qualificação exercido com a vitória das urnas, a bandeira azul e amarela da Ucrânia passou a ser reverenciada como símbolo da quarta mais populosa nação da Europa, um país que surge com seu próprio destino e cedejo para sobreviver ao caos econômico que temido tanto da URSS. Será também a quarta país a se desmembrar oficialmente da União, seguindo o exemplo da Lituânia, Estônia e Letônia.

A própria Ucrânia, porém, tem de provar do resultado sempre que está infingido à União. Com a finalização da independência, de vez com os movimentos separatistas na Crimeia e na bacia do Dnieper, que já significaram intensos movimentos para não ficarem sob a tutela de Kiev. O futuro país precisa vê-las também com a mesma

1.2. Página 25 do dia 1 de dezembro de 1991

ZERO HORA

MUNDO

Domingo, 1º de dezembro de 1991/25

### O nascimento de uma nova potência nuclear

Casa a Ucrânia tem, até agora, apenas um país, mas uma nova potência nuclear. É a possibilidade de que alguns especialistas se atrevem a lançar o mundo numa cadeia de eventos e em um momento em que o mundo do século XXII se aproxima. Para tanto, analisamos o acordo firmado entre a Rússia e a Ucrânia, o Parlamento da Ucrânia aprovou o compromisso de abster-se de desenvolver, de seu território, dentro de cinco a sete anos e a criação do tratado START de redução das armas nucleares.

Embora 17% do potencial nuclear seja concentrado em território russo, o poderio nuclear em solo ucraniano é capaz de atingir o equador inteiro do planeta. Além de ser o maior produtor de energia nuclear do mundo, a Ucrânia também possui o maior número de reatores nucleares em operação. O acordo firmado com a Rússia prevê a redução de 25% da capacidade de produção nuclear da Ucrânia em sete anos.

O Parlamento ucraniano já decidiu também que não transferirá os reatores para a Rússia, embora o acordo prevê a troca nuclear de dois reatores — a Ucrânia se desliga de dois reatores e a Rússia se desliga de dois reatores — e a Rússia se desliga de dois reatores.

O tratado prevê também a criação de um órgão de controle para garantir que não haja transferência de tecnologia nuclear para a Rússia. O acordo prevê também a criação de um órgão de controle para garantir que não haja transferência de tecnologia nuclear para a Rússia.

O tratado prevê também a criação de um órgão de controle para garantir que não haja transferência de tecnologia nuclear para a Rússia. O acordo prevê também a criação de um órgão de controle para garantir que não haja transferência de tecnologia nuclear para a Rússia.

O tratado prevê também a criação de um órgão de controle para garantir que não haja transferência de tecnologia nuclear para a Rússia. O acordo prevê também a criação de um órgão de controle para garantir que não haja transferência de tecnologia nuclear para a Rússia.



Vista do Parlamento e sede do governo, em Kiev, políticos esperam nova frente

## População espera reconhecimento imediato



O deputado Moroz.

Para os políticos de antiga URSS, o deputado ucraniano Serhiy Holubnychyk é o principal dos novos políticos que emergem com a independência e o poderio nuclear. O deputado ucraniano Serhiy Holubnychyk é o principal dos novos políticos que emergem com a independência e o poderio nuclear.

O deputado ucraniano Serhiy Holubnychyk é o principal dos novos políticos que emergem com a independência e o poderio nuclear. O deputado ucraniano Serhiy Holubnychyk é o principal dos novos políticos que emergem com a independência e o poderio nuclear.

O deputado ucraniano Serhiy Holubnychyk é o principal dos novos políticos que emergem com a independência e o poderio nuclear. O deputado ucraniano Serhiy Holubnychyk é o principal dos novos políticos que emergem com a independência e o poderio nuclear.

polos ucranianos, como a Polónia, Hungria, Bélgica, Tchécoslováquia e — agora — a Rússia. E aí há de se discutir, via um tratado, como um país independente.

ZH — O senhor acredita que a Rússia aceitará a proposta e admitirá a Ucrânia como facto independente?

Holubnychyk: Naturalmente que não posso responder a independência, a Rússia vai nos reconhecer.

ZH — E como resolver a questão de Kiev? Será com a Rússia?

Holubnychyk: Temos alguns problemas, quando alguém diz que não quer a independência, não quer a independência. Mas, se alguém diz que não quer a independência, não quer a independência. Mas, se alguém diz que não quer a independência, não quer a independência.

## União Soviética perderá o seu celeiro

Quando as três repúblicas de Báltico vierem a se separar para a URSS e forem tratadas como países independentes, o primeiro governo soviético poderá estar desfeito. Certo a independência da Lituânia, a segunda será o mesmo. Certo a URSS, a Ucrânia produz 17,2% de toda a produção agrícola soviética.

Com o adeno das independências da Lituânia, o primeiro governo soviético poderá estar desfeito. Certo a independência da Lituânia, a segunda será o mesmo. Certo a URSS, a Ucrânia produz 17,2% de toda a produção agrícola soviética.

Embora dependente do primeiro recesso, a Ucrânia é uma das poucas repúblicas com condições de ter vida própria após a separação do poder central de Moscou. Na realidade, já há um super do vale ucraniano. O vale ucraniano produz 17,2% de toda a produção agrícola soviética.

Embora dependente do primeiro recesso, a Ucrânia é uma das poucas repúblicas com condições de ter vida própria após a separação do poder central de Moscou. Na realidade, já há um super do vale ucraniano. O vale ucraniano produz 17,2% de toda a produção agrícola soviética.

... e a possibilidade de que se torne independente da URSS, não sendo possível, como se tem...

## 2. Capa do dia 2 de dezembro de 1991

**ZERO HORA**

PORTO ALEGRE, 2ª FEIRA — 2.12.91  
ANO XXVIII — Nº 9587 — CxS 400,00

**SEGUNDO CADERNO**

*Gigantinho vibra com o mito Paul Simon*



**Espetáculo:** Gigantinho apresenta espetáculo com acústico, mas o público não pagava

# Vitória no clássico deixa Inter a um ponto do título

Com 1 a 0 obtido ontem no Olímpico, Inter precisa apenas do empate domingo que vem. Grêmio tem que vencer no Beira-Rio para forçar um terceiro jogo

O Inter precisa apenas de um empate, domingo que vem no Beira-Rio, para garantir o título de campeão gaúcho de 91. A

vantagem foi assegurada ontem à tarde, no Olímpico, na vitória de 1 a 0 sobre o Grêmio, gol do ponteiro-direito Alex, aos 32 minutos do segundo tempo. Agora, a situação do Grêmio ficou muito complicada: precisa vencer o próximo clássico e ainda um terceiro, que também seria disputado no Beira-Rio.

O resultado foi justo, mas o público de 34.581 pagantes de

suspensão. Foram esperados mais de 50 mil espectadores. O Inter teve mais técnica e objetividade, embora o número de faltas (67) tenha caracterizado um jogo muito travado. A bola rolava pouco. Claudio Duarte amou seu time com três marcadores no meio-campo e apostou nos lançamentos para o veloz Alex, que sempre se prontava com perigo às costas de Liza. Assim, o Inter

criou as melhores situações de gol. No Grêmio, a estratégia de Espinosa não deu certo. Ele tentou fazer um rolê de ataques, porém, ao último clássico que venceu por 1 a 0, mas o bom sistema de marcação da defesa adversária anulou o esquema gremista.

**/CADEIRÃO DE ESPORTES**



**Allegria:** Alex comemora com a torcida logo após o gol que deu ao Inter grande vantagem no clássico. Restou o empate domingo no Beira-Rio

## Brasil assina amanhã carta com FMI

**/CENTRAL**

**HOJE**

**AMÉRICA LATINA**  
Colômbia condena interferência externa

/14

**ESPECIAL URSS,** o país que não existe mais

/20 e 21

**UCRÂNIA**



Plebiscito confirma a independência

/16

**SANTA CATARINA**  
Família admite o seqüestro

/40

**LEIA**

**ZH CLASSIFICADOS**  
Hoje com 1.255 ofertas

2.1. Página 20 do dia 2 de dezembro de 1991

20 Segunda-feira, 2 de dezembro de 1991



2

# O PAÍS QUE NÃO EXISTE MAIS

URSS, uma união de 15 repúblicas com o socialismo como guia, não existe mais. Todos querem, agora, saber como será o futuro

MARCELO RECH  
Fotografia e Movimento

Que país é esse? Nos últimos 74 anos, ele fez girar a roda da história da humanidade. Para quase metade do planeta, era a estrela que guiava a civilização, a potência amestrada pelas mãos do proletariado, o povo amável que intermediava todos os seus atos. Oligarcado, a nação que, ameaçada pelo terrível quebra-quebra da impetuosa capitalista, estava disposta a se defender com sua arsenal de 30 mil ogivas nucleares. Era o país que marcou o primeiro batimento ao espaço, naturalmente um representante da sempre tão heróica comunismo. Esse país, imaginava-se e muitos temiam, era o futuro.

Esse país já não é mais sequer um país. Consumida a ferro e fogo pela onipota da inabilidade social, onde o indivíduo foi reduzido a figura da moirada estatal, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas — no o que resta dela — é hoje um conjunto de pontos que vive no limiar do desaparecimento. Após o fracasso da tentativa de golpe da velha guarda comunista em 19, 20 e 21 de agosto passado, o desafio que a URSS apresenta ao resto do mundo é a definição de sua status.

Pode-se considerar várias opções ao cenário geopolítico — um conjunto de repúblicas, uma comunidade de etnias, um aglomerado de numerosos estados. Nenhum deles tem sido o suficiente para substituir o país e o sistema artificial de mais de 100 povos diferentes idealizado por um regime autoritário que sempre existiu. A URSS desde final de 1991 tanto pode representar o início da terceira ou mesmo o começo de uma era, mas certamente não o começo de uma nova ordem mundial.

**CENTRÍFUGA** — Nos primeiros dias desta nova ordem, o país não existia, sua existência era Mikhail Gorbachev, o sucessor herdeiro da ordem antiga, a esperança máxima da terra que finalmente viria pelo ocidente. Gorbachev é hoje presidente de um país que se estende ao exterior. Desde o dia seguinte à queda de 23.812.200 quilômetros quadrados, um país desconhecido, estranhado que o país da história não-dormiu, tanto Lenin, e comunistas e outros, como Boris Yeltsin, líder da revolução.



Moscou: Lenin se manifesta como monumento.

stificação dos golpes de agosto e agora todo poderoso presidente de todas as Rússia.

Desde o derrubamento do governo Gorbachev, o Partido Comunista da União Soviética (PCUS), que, por sua vez, foi proibido por Yeltsin e teve seus bens confiscados, o presidente russo vem tentando preservar o vício de poder. Gaspar do Parlamento russo o mandou para legislar por decreto em matérias econômicas e o está utilizando a plena carga liberada preso, que devem triplicar nas próximas semanas, e autoriza a entrada e saída de praticamente todos os produtos sem dar satisfação ao governo.

Yeltsin, o czarista, o herético, o populista demagogo que se chegou presidente da Rússia no ano passado, se transformou no principal sustentáculo de vida dos soviéticos, embora ainda oficialmente apenas nos 150 milhões de russos e não nos 180 milhões que vivem nas outras 14 repúblicas que compõem a URSS. "É como uma força centrífuga",

compara um diplomata baseado em Moscou para resumir o que está acontecendo na União Soviética. "O que está ali do centro acaba operando de suas repúblicas".

**EFEITO DOLLER** — O centro e o centro continuam no Kremlin, onde sob os velhos corredores de sete do poder máximo da URSS tremula a bandeira vermelha com a lua e o machado e o pavilhão azul, vermelho e branco da Rússia. São os símbolos de dois regimes que vivem em um mesmo espaço físico e que agora dependem um do outro para impedir que o estabelecimento do mundo ocidental acabe numa guerra civil. Yeltsin, contudo, tem o seu próprio plano de substituir o atual modelo de estado no Kremlin. "Temos 70% de apoio, Gorbachev tem 30%", afirmou ele na semana passada. Pelo poder que detém e pela dificuldade que tem para sair, Yeltsin pode facilmente desmontar o Estado Soviético e se transformar no Gorbachev de situação.



## Novo golpe virá das ruas. Palavra do chefe do KGB

A URSS vive uma situação peculiar com a do Brasil de março de 1964. Pouco questionado se haverá mais um golpe — a dúvida é a data e de onde ele virá. Em 19 de agosto, quando Mikhail Gorbachev foi apresentado em sua dacha na Criméia, o golpe seria de uma capital reatada dos privilégios do passado e, sem apoio popular, foi ridicularizado nas ruas. Na próxima vez, deve ser diferente.

Para o novo chefe do KGB, Vadim Bakatin, um liberal indicado para o cargo com a missão de fazer uma limpeza no serviço de informações soviéticas, "o próximo golpe virá das ruas", basta lembrar a entrevista na semana passada do homem que, em teoria, dá as ordens militares da URSS, a declaração por ele feita de promoção. As portas do ataque estavam abertas, a União Soviética experimenta uma situação que não é diferente de qualquer país que ainda chega ao fim e o início da transição de uma economia centralizada para a economia de mercado. Há uma inflação superior a 200% ao mês, escassez generalizada de produtos, desemprego crescente e sinais de insatisfação com uma economia que só mostra indicadores negativos.

— Não estamos entre tentativas de golpe —, respondeu a economista Vera Leikina, do Instituto de Economia da URSS. Uma das tarefas do novo chefe do KGB, ele está preocupado de investigar os motivos do golpe de agosto passado, ele está convencido de que se não o tivesse que comandar a tentativa de derrubar Gorbachev teria sido a situação econômica do país a levar a isso, não sua incompetência. Para isso, ele está planejando um relatório de 150 páginas sobre o assunto. Ele está planejando

**AMANHÃ**  
O inseto da fome. Nem todos precisam ser mais aterrados do que nós. É preciso condições para que se transforme em realidade o que se tem em mente.

**DEBATE** — Por mais que, apesar de alguns fatos — a situação de um golpe de estado — não seja impossível de ocorrer, o cenário de um golpe de estado — não é impossível de ocorrer — não é impossível de ocorrer. O cenário de um golpe de estado — não é impossível de ocorrer. O cenário de um golpe de estado — não é impossível de ocorrer.

O cenário de um golpe de estado — não é impossível de ocorrer. O cenário de um golpe de estado — não é impossível de ocorrer. O cenário de um golpe de estado — não é impossível de ocorrer. O cenário de um golpe de estado — não é impossível de ocorrer.

2.2. Página 21 do dia 2 de dezembro de 1991

ZERO HORA

MUNDO

Segunda-feira, 2 de dezembro de 1991 (21)



Mikhail Gorbachev

# Gorbachev: presidente só para embaixadas

Mikhail Gorbachev sobreviveu ao golpe de agosto, mas agora está sendo considerado vivo pelas circunstâncias. Degastado por ter confundido aos ministros e líderes comunistas que tentaram derrubá-lo, ele comandou seu governo que se existe formalmente nos comitês de embaixadas soviéticas em Moscou. Se renunciar, como vem acontecendo com frequência crescente, o país não terá efeito de cessar-fogo na situação interna — seu renascimento é tão grande que a única alternativa viável seria o desmantelamento do intercâmbio da restrição do mundo com o que sobrou da URSS.

No poder desde março de 1989, Gorbachev tentou renunciar em 20 de novembro passado, quando chamou de volta Eduard Shevardnadze, seu ex-ministro de Relações Exteriores que renunciara 11 meses antes denunciando a ameaça de golpe. Shevardnadze é o mais conhecido

político da segunda metade da URSS no exterior e tem bons vínculos entre os presidentes de repúblicas — à exceção de Geórgia, terra natal do ministro e onde o líder Zinedin Zaid Gamsakhurdia é um inimigo político.

**ÚLTIMO ELDO** — Nem assim adiantava muito Gorbachev não ter prestígio sequer para convencer os presidentes de sete repúblicas (Rússia, Belarússia, Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão, Turcomênia e Uzbequistão) a chegarem a um acordo sobre a assinatura de um tratado que criasse uma União de Estados Soberanos. Sem as sete repúblicas bálticas, que já deram adeus definitivo ao velho império, e sem os presidentes da Ucrânia, Armênia, Azerbaijão, Geórgia e Moldávia evitando ao mesmo tempo em Moscou, Gorbachev ainda vive as repúblicas fiéis em seus territó-

rios. 70 milhões, mantidos para a sua URSS no exterior.

No sétimo plenário, o Parlamento russo se achava do Gorbachev, o banco central soviético, e do Vankhrowsbank, o banco de comércio exterior, subordinado do líder soviético mais dois tipos federais em sua margem de manobra no sistema. A Gorbachev só restava agora as forças armadas, um contingente de 4,5 milhões de homens que é o último elo de vínculo entre as repúblicas de Moscou com os efeitos desta unidade em seus territórios, o lastro que permitiu a reorganização em Leste Europeu e contribuiu para a derrocada do comunismo em quase todo o planeta sob o poder definitivo de poder a terra somente legião de líderes políticos.

**PREFEITO** — Um dos possíveis candidatos a sucessor de Gorbachev

— há eleições para a presidência da URSS em um ano que vem, se ainda houver algo que limite alguma União — é o prefeito de São Petersburgo, Anatoly Sobchak, de 54 anos. Sobchak não tem qualquer experiência política, ele foi o segundo principal líder de resistência ao golpe de agosto no momento de sua vitória e não participou do debate.

Um outro possível candidato se candidataria, alguém que se relaciona com as forças do velho comunismo e não se acredita. Mas, como bom candidato, não cometeu nenhum erro que poderia ser perigoso de São Petersburgo, ex-Leningrado, do que tem qualquer possibilidade de vitória em termos nacionais. Com Yeltsin em detrato e poder de fato na Rússia, o nome de Sobchak, um adepto do que persistiu da fundação do Movimento pela Reforma Democrática, será introduzido nos meios locais para a frente.

## Comunista assumido culpa Yeltsin pela crise geral

Ivan Rykalin tem uma qualificação na Rússia de hoje. Assume que foi comunista a que, apesar de criticar o comunismo, assumiu um risco. Com a proibição de funcionamento do Partido Comunista por Boris Yeltsin após o fracasso do golpe de agosto, Rykalin foi um dos membros do comitê de organização dos comunistas em 20 de outubro passado, data de fundação do Partido Social dos Trabalhadores, um dos legendas sob as quais os comunistas estavam hoje no Parlamento russo. Líder do partido no Congresso dos Deputados da Rússia, Rykalin foi seu primeiro dirigente de fazenda autônoma em Volgogrado, onde chegou a primeiro secretário do comitê do PC. Com uma bandeira da URSS na lapela, Rykalin falou à Zero Hora em um gabinete na Casa Branca, a sede do Parlamento russo. Trechos da entrevista:

**Zero Hora** — O senhor imagina-se que um dia os comunistas vão ser perseguidos neste país?

**Ivan Rykalin** — Nunca pensei que fosse acontecer alguma coisa assim. Quando por cerca de um ano no Parlamento era responsável por comunistas. Depois, de 1.600 deputados, 800 foram renomeados que foram escolhidos não por partidos mas individualmente — mas tanto a que eles se ligaram aos partidos.

**ZH** — Como o senhor avalia a proibição de funcionamento do PC?

**Rykalin** — O partido que criou que a proibição seria uma espécie de um novo tipo de erro. Um partido que teve tanta força para fazer tantas mudanças deveria poder enfrentar uma outra mudança para esta situação.

**ZH** — O senhor acha que o presidente Boris Yeltsin está sendo influenciado por facções no poder e PC?

**Rykalin** — Eu diria que pelo menos não um influenciado. A teoria de Yeltsin é de que o PC não é influenciado e não houve erro de escolha entre eles. Gorbachev, Shevardnadze e Yeltsin reconheceram sua situação antes do golpe, não se

deixaram ser transformados num grande período de reforma, um impulso social democrata.

**ZH** — No Ocidente a impressão é de que muitos contratempos e perigos do antigo regime continuam no poder. O senhor acha que aqueles são os mesmos?

**Rykalin** — Quando Lenin falou que, no início dos anos 20, o centro da economia russa, ele viu a mesma Lenin de 1914, 1918 e 1922. Quando se viu algumas fases dele do comunismo. Não poderia se tornar como uma mesma pessoa pode fazer tantas coisas diferentes. De qualquer forma, acredito que essas pessoas que estão no poder não acreditam em condições para mudar que realmente.

**ZH** — O senhor se acredita a fazer alguma previsão sobre o futuro da URSS?

**Rykalin** — Acredito que não as repúblicas vão ficar juntas de novo. Vamos ficar unidos não com um outro país, mas antes, mas unidos pela Europa. Esta é a grande diferença da URSS de antigamente e a do futuro.

**ZH** — E se a popularidade de Yeltsin continuar em queda, não restariam algumas condições para os comunistas recuperarem o cenário político?

**Rykalin** — O comportamento de Yeltsin é de um homem que não se dá por vencido, mas devemos respeitar os seus líderes — assim como ele deve respeitar aos outros.

**ZH** — O senhor não acha que os comunistas têm muita culpa pela situação reatada hoje?

**Rykalin** — Sem dúvida, mas não vamos esquecer que a URSS era a primeira potência do mundo. E se a situação atual da economia russa não tivesse estado assim, não teria sido possível a facção de hoje no poder, de hoje em dia. Eu gostaria que houvesse um erro de escolha a favor do B. Gorbachev. Eu gostaria que houvesse, não um erro de escolha que deu que não tinha sido mesmo possível. Porém mesmo se fosse assim, não seria um grande erro que houvesse perdido os últimos 15 anos.



Problema: mendicância no metrô de Moscou, sinal dos tempos

## Político muda mais que economia

Assim como a economia soviética, os políticos russos mudam dramaticamente — e de maneira desorientada. De neste para o dia, surgem partidos, fusões e outros, mas alguns agrupam-se em movimentos ou facções, dissolvem-se grupinhos e países de cada um formam uma nova corrente. Assim, quando um contramão faz possível alguma mudança política, os comunistas do Congresso de Partidos, uma espécie de mesa diretora do Parlamento russo, perder um pouco mais de cabeça a cada dia. "Na verdade, não se consegue entender todos os líderes de partidos, se os seus representantes", admite o sociólogo.

Assim como os líderes dos partidos, os representantes que o golpe de agosto, se fosse possível não conseguiriam assumir as alterações formais que aconteceriam dentro do âmbito da Federação Russa, a Casa Branca de Moscou. "Uma liderança que não quer mesmo mudar para que o golpe continue o líder do momento", diz Perlov, ao admitir que a proibição de seu partido democrático e que, por isso, está "percebendo a in-

fluência" sobre a política. Para a formação de um novo partido, basta que 50 deputados assinem um documento a favor do Partido.

Para uma democracia impetuosa, que pode se beneficiar de um novo sistema, os russos estão se dando conta de ser uma situação complicada. Pelo primeiro vez em sua história, se prevê que haverá no Brasil, acontecendo a nível do poder de uma liderança autoritária, podem ocorrer por políticos e partidos com uma estabilidade que não tem sido de qualquer maneira política brasileira.

**NOVO CIAE** — Até a semana passada, por exemplo, 14 partidos, movimentos e facções estavam oficialmente representados no Parlamento russo. Há um pouco de tempo, porém, a maioria dos partidos se uniram a um movimento "Rússia Livre Agora", de apoio a Yeltsin, sob o "comitê de direção" no momento, permitindo que os russos possam ter uma facção que, sem organização, repre-

sentem-se com o nome oficial de "Deputados Sem Partido", segundo o líder de Yeltsin. No total, o presidente da Federação Russa ainda tem o apoio de seis partidos ou facções, quatro estão em algum momento e outros quatro estão com o nome de apoio ao antigo Partido Comunista Sem Representação.

Apesar de ainda esperar, Yeltsin não tem certeza no Parlamento um problema que não resolveu em grande medida de momento, quando o Parlamento discutiu pela primeira vez um tratado de paz com o Ocidente e depois se agitou — a declaração estado de emergência na república autônoma rebelde de Chechenya-Ingushetia, no norte do Cáucaso. O mesmo Yeltsin que não pôde ser abalado pelo ataque dentro da Casa Branca durante os 100 dias de golpe sofreu um grande momento político. Em meio ao caos, o mesmo Yeltsin, que não tem filhos e tem partido e controla o poder político de toda a nação, espera ter a maioria no parlamento. E aí, sim, ele estará pronto para enfrentar o novo erro de hoje em Moscou.

3. Capa do dia 3 de dezembro de 1991

**ZERO HORA**

PORTO ALEGRE, 3ª FEIRA — 3.12.91  
ANO XXVIII — Nº 9588 — Cr\$ 400,00

**URSS**

*Economia em ruínas anuncia um inverno de fome*

/16 e 17



**Dificuldades:** longas filas para obter alimentos nos ruas das principais cidades da URSS

**HOJE**

**IMPRESA**



ZH conquista os principais prêmios ARI

/33

**ANTIDOPING**  
Grêmio pressiona a Federação

/48

**ÔNIBUS**  
Passagens da Capital a Cr\$ 260,00

/32

**ELETRICITÁRIOS**  
Greve começa à meia-noite

/38

**TRIBUTOS**  
9,5 milhões na justiça contra o IR

/25

**APOSENTADOS**

**Suspensas todas as liminares que concediam os 147%**

**UNIÃO LATINA**



Cartagena: presidentes Fulmont (Brasil), Sotomaior (México), Culler e Pérez (Espanha) preparam um fórum. Pág. 17

O Superior Tribunal de Justiça suspendeu ontem o cumprimento das 17 liminares concedidas pela Justiça Federal de todo o País, que determinavam o pagamento dos 147,06% de reajuste aos aposentados e pensionistas da Previdência Social. A medida atende a determinação da Procuradoria da República, José Arnaldo de Fozes, e sem causar tempo morto, para aguardar a interpretação do Tribunal até o julgamento de mérito da questão, prevista para os próximos dias.

**PROJETO** — O Governo enviou hoje ao Congresso um projeto de lei que eleva o reajuste dos benefícios de aposentados e pensionistas de 147% para 78,55%, mas condiciona esse aumento à criação de vagas de emprego da Previdência Social. E a Comissão de Trabalho do Senado vota hoje o projeto de lei que aumenta em 20% os salários dos servidores públicos da União, em início de estudos em comissão.

/6 e 31

**EDUCAÇÃO**

**Justiça confirma o ano letivo de 200 dias**

/34



*Sua sala é só de estar ou de bem-estar?*

**POSTERS**

24 - Gráfica e Editora de Artes Gráficas - Porto Alegre - RS

3.1. Página 16 do dia 3 de dezembro de 1991

16 Terça-feira, 3 de dezembro de 1991



# FANTASMA DO RACIONAMENTO RONDA MOSCOU

□ Incertezas da transição da economia centralizada para o mercado complicam vida de todos os russos. E possibilidade de fome no inverno é maior ameaça

**MARCELO BECH**  
Corredor e Moscou-201

Nesta tarde de novembro, depois de ficar cinco horas sentado no apartamento à espera da mãe que fazera promessa de não ficar mais do que uma hora na Mosca, Madri, de cinco anos, perguntou: "Mamãe, quando eu vou vir aqui para ficar?". A mãe, a estrangeira Irina Sivkova, respondeu com um sorriso: "Quando eu voltar, mas não sei se vou vir".

Os filhos de Irina Sivkova — os estrangeiros de Moscou — são chamados de "mestres do dinheiro", mas não são muito bem vistos. Eles são vistos como aqueles que não sabem o que é o trabalho duro, aqueles que não sabem o que é a fome.

Desde o início do ano passado, as estruturas econômicas estão sendo reestruturadas na Rússia e não há mais o mesmo nível de estabilidade que havia no período soviético. Isso não é novidade para quem sabe que a economia da Rússia está sendo reestruturada para se adaptar ao novo mundo. Mas, enquanto isso acontece, há um grande medo: o medo da fome.

**ROBLO DESPREZADO** — A nova moeda russa, o rublo, não tem valor e não é aceita em nenhum lugar. Isso não é novidade para quem sabe que a economia da Rússia está sendo reestruturada para se adaptar ao novo mundo. Mas, enquanto isso acontece, há um grande medo: o medo da fome.

Os russos não sabem o que é o trabalho duro, aqueles que não sabem o que é a fome. Desde o início do ano passado, as estruturas econômicas estão sendo reestruturadas na Rússia e não há mais o mesmo nível de estabilidade que havia no período soviético.

Com os preços disparando para cima, os russos estão perdendo o controle da situação. A inflação está chegando a níveis alarmantes. Isso não é novidade para quem sabe que a economia da Rússia está sendo reestruturada para se adaptar ao novo mundo. Mas, enquanto isso acontece, há um grande medo: o medo da fome.

Para tentar resolver isso, o governo russo está tomando medidas drásticas. Isso não é novidade para quem sabe que a economia da Rússia está sendo reestruturada para se adaptar ao novo mundo. Mas, enquanto isso acontece, há um grande medo: o medo da fome.

Em algumas situações, os russos estão sendo obrigados a viver com o que há disponível. Isso não é novidade para quem sabe que a economia da Rússia está sendo reestruturada para se adaptar ao novo mundo. Mas, enquanto isso acontece, há um grande medo: o medo da fome.

Problemas para os russos que não sabem o que é o trabalho duro, aqueles que não sabem o que é a fome. Desde o início do ano passado, as estruturas econômicas estão sendo reestruturadas na Rússia e não há mais o mesmo nível de estabilidade que havia no período soviético.

**NEBULIÇÃO** — A situação econômica da Rússia está se tornando cada vez mais incerta. Isso não é novidade para quem sabe que a economia da Rússia está sendo reestruturada para se adaptar ao novo mundo. Mas, enquanto isso acontece, há um grande medo: o medo da fome.

No mesmo ano, que provocou a queda do preço das ações, a Rússia está enfrentando problemas econômicos. Isso não é novidade para quem sabe que a economia da Rússia está sendo reestruturada para se adaptar ao novo mundo. Mas, enquanto isso acontece, há um grande medo: o medo da fome.



Escassez: produtos raros e muita gente buscando, sinal dos tempos

## ECONOMIA DESPENCA

Inflação	27% ao mês
PIB	-10%
Produtividade	-10%
Produção industrial	-12% a 15%
Produção de carvão	-10%
Produção de petróleo	-5%
Dívida externa	US\$ 17 bilhão
Déficit oficial do orçamento federal	US\$ 11,2 bilhão
Reservas de ouro	340 toneladas (três vezes o nível de 1989)
Importação de carne em 1991	400 mil toneladas
Importação de cereais em 91	2 milhões de toneladas
Exportações	-20%
Importações	+10%

\* Dados do primeiro semestre de 1991, em comparação com o mesmo período de 1990. Fonte: "Panorama do Mercado Soviético", editado pelo Departamento Econômico da Unesco.

## Paciência na privatização, pois não há regras

Os burocratas políticos de São Petersburgo, uma cidade de 1 milhão de habitantes, estão tentando vender suas empresas. Isso não é novidade para quem sabe que a economia da Rússia está sendo reestruturada para se adaptar ao novo mundo. Mas, enquanto isso acontece, há um grande medo: o medo da fome.

Os russos não sabem o que é o trabalho duro, aqueles que não sabem o que é a fome. Desde o início do ano passado, as estruturas econômicas estão sendo reestruturadas na Rússia e não há mais o mesmo nível de estabilidade que havia no período soviético.

comprar, seja-se em preço público. No caso de grandes empresas, a situação fica ainda mais complicada. Isso não é novidade para quem sabe que a economia da Rússia está sendo reestruturada para se adaptar ao novo mundo. Mas, enquanto isso acontece, há um grande medo: o medo da fome.

A privatização, por exemplo, está sendo feita de forma muito lenta. Isso não é novidade para quem sabe que a economia da Rússia está sendo reestruturada para se adaptar ao novo mundo. Mas, enquanto isso acontece, há um grande medo: o medo da fome.

Além disso, há um grande medo: o medo da fome. Desde o início do ano passado, as estruturas econômicas estão sendo reestruturadas na Rússia e não há mais o mesmo nível de estabilidade que havia no período soviético.

esperavam pela política industrial comunista. Um dos casos mais conhecidos é do estado de Leningrado, onde a indústria estatal está sendo reestruturada para se adaptar ao novo mundo. Mas, enquanto isso acontece, há um grande medo: o medo da fome.

**PACIÊNCIA** — Embora os preços das empresas estejam em queda, a privatização não está sendo feita de forma muito rápida. Isso não é novidade para quem sabe que a economia da Rússia está sendo reestruturada para se adaptar ao novo mundo. Mas, enquanto isso acontece, há um grande medo: o medo da fome.

patrimônio e não se quer mais vender. Isso não é novidade para quem sabe que a economia da Rússia está sendo reestruturada para se adaptar ao novo mundo. Mas, enquanto isso acontece, há um grande medo: o medo da fome.

Isso não é novidade para quem sabe que a economia da Rússia está sendo reestruturada para se adaptar ao novo mundo. Mas, enquanto isso acontece, há um grande medo: o medo da fome. Desde o início do ano passado, as estruturas econômicas estão sendo reestruturadas na Rússia e não há mais o mesmo nível de estabilidade que havia no período soviético.



3.2. Página 17 do dia 3 de dezembro de 1991

ZERO HORA

MUNDO

Terça-feira, 3 de dezembro de 1991

# Uma babushka com medo das filas cada vez maiores

Larisa Vlasova acorda com borboletas. A hora e sua guerra pessoal, mas a última que chegou foi há um ano, quando o filho Akvat tomou um cacho após uma viagem à Finlândia. Há três anos, burros e dentas de outros produtos desaparecem dos mercados de Moscou. Apesar de há um mês, depois de ter trabalhado 42 anos como engenheira metalúrgica, professora e, por último, funcionária da biblioteca da Academia de Agricultura da URSS, Larisa guarda uma pensão de 215 rublos (R\$ 2.800,00), a aposentadoria média de 150 rublos e mais 65 rublos como adicional pela situação de pensão.

Ara, de 80 anos, que também recebe 215 rublos do governo. Mesmo com a oferta de dinheiro de parentes, as duas não conhecem a ideia de entrar num mercado onde os preços sejam livres. "Eu não consigo, para mim é impossível", desepera-se a babushka, habituada desde moça a pagar os preços subsidiados. São valores mínimos, como os 25 rublos (R\$ 300,00) que mãe e filha pagam pelo aluguel. Luz, água e telefone do apartamento.

**SALVADES** — Da miligrama da juventude comunista, ela se desentendeu com seus orientadores, mas continuou acreditando nos ideais de Marx e Lenin até o início da perestroika. Larisa, que se considerava "uma comunista sem partido", tem avulsões da doutrina do passado.

— Sempre houve filas, mas não passavam de umas 15 pessoas. Até 1985, a gente encontrava de tudo nos mercados. Havia das tipos de queijos, hoje não tem nenhum. E na época de Stalin eles até embriagavam as crianças com catapuzes numa iguaria muito apreciada por eles rapazes — relembra.

Apesar de sequestrar o filho e a mãe, finalmente ele para comprar pão. Larisa não esquece uma compra por Boris Yeltsin.

— Tu gosto das democracia, não sabes mais coisa de Politburo. Eles não sabem fazer nada e estão fazendo mal. Agora, está apontando como podem. Eu tenho tanta, muitos vagões, desvamo tudo para que a economia não vá para o inferno. Então com muita

— Três anos depois de decidir montar seu próprio negócio, Vadala se transformou num sucesso russo, um dos muitos representantes da ex-URSS americana que se atreveu de sorte a cima na economia de mercado. Camada da burocracia e da falta de perspectivas quando trabalhava para o governo — "não tenho medo para dar dinheiro" —, Vadala tomou um empreendimento de iniciativa privada participando de uma cooperativa para recuperação de escolas de ferro e ferragemeiros. Não deu certo. "O lucro foi insignificante", recorda ele, que



Região: Vadala e a sócia, comanda das firmas

# Na Sibéria, grandes lucros

— Não há bem pouco tempo, a Sibéria era o território dos Gulgos, os tempos de nichado dos dissidentes. Agora, a migração de terra e das coisas giradas se tornam o mercado capitalista para homens como Valdo de Vadala, um empreendedor que em 1988 deixou em Novosibirsk, 2 mil km a Leste de Moscou, a empresa estatal Pilbor, especializada em manutenção de equipamentos de laboratório.

— Três anos depois de decidir montar seu próprio negócio, Vadala se transformou num sucesso russo, um dos muitos representantes da ex-URSS americana que se atreveu de sorte a cima na economia de mercado. Camada da burocracia e da falta de perspectivas quando trabalhava para o governo — "não tenho medo para dar dinheiro" —, Vadala tomou um empreendimento de iniciativa privada participando de uma cooperativa para recuperação de escolas de ferro e ferragemeiros. Não deu certo. "O lucro foi insignificante", recorda ele, que

mesmo assim foi em frente. No início deste ano, abriu sozinho uma microempresa para cuidar da compra e venda de produtos e de serviços em marketing e turismo a quem o sugere, mesmo em modo Profit (Lucro).

O que era uma palavra euzonizada pelo regime comunista foi de Vadala o padrão de alta fratura de funcionamento, que, além de salutar fixa de mil rublos, podem receber mensalidades que chegam os vencimentos a 1.700 rublos. Embora seja muito pouco para os padrões ocidentais, isso significa um bom valor o salário de um médico que trabalha num hospital estatal russo.

Retornando pela Sibéria, produzidos como rublos reportados da Bolívia, Vadala chega a ganhar 20% em cada transação, o que rende no fim do mês não menos do que 100 mil rublos (R\$ 1,2 milhão). Tudo o lucro é reinvestido no negócio", garante ele, que tem um capital de giro de 10 milhões de rublos (R\$ 120 milhões). Os quase 1.500 dólares

que ele acumula incrementalmente pagam os salários de 150 trabalhadores locais contratados.

**TÊNIS E VIAGENS** — Exceto momentos de perestroika, Vadala deixou o PC em 1988 e agora ocupa o tempo livre com partidas de tênis, com sua biblioteca de 200 volumes e três piscinas por Novosibirsk, uma cidade de 2 milhões de habitantes, em um novo Lada 2106, e duas sofisticadas casas privadas. De uma viagem marcada para 14 de janeiro, ele ainda não se atreve a anunciar uma saída para os ocidentais. "Não é muito fácil para mim", afirma. Mas se o caso de Vadala, a coisa, em algum momento é surpreendente e por isso há de se não ser para Vadala, na América. "É o meu sonho", diz ele. Aos 40 anos, Vadala quer deixar as fronteiras "semos para trás". Sua produção agora é que ele trabalhe para ensinar uma língua de negócios em Novosibirsk. "Tênis e viagens", diz ele a um amigo.



Desemprego: Analfabetos são punidos em subdesenvolvidos

# Na Kalinina, um mendigo que não vê nada de bom no futuro

— Sentado no chão próximo da Avenida Kafalina, uma das ruas mais movimentadas de Moscou, Anatoly pede esmolas exibindo uma pena de tristeza. Ele não ganha nada, não tem documentos, no dia filhas e rogam. Ex-funcionário de um hospital, Anatoly saiu de férias de um mês em 1987 e perdeu a porta empurrada. Logo depois, o marido se divorciou, mas o Estado ainda garante um subsídio mínimo.

Agora, há anos vive de um vagão abandonado, substituído de outro, em lugares baratos — e emprega seus filhos de deserdados que é a saída da família do Estado para não pagar. "Tenho vergonha de pedir esmola, mas o que posso fazer", diz Anatoly, que vive de o pouco em limões nos mercados improvisados da Kalinina para sustentar dois filhos. "Se eu conseguir documentos, não vou mais voltar aqui".

Uma imagem desoladora dos desempregados em Moscou. Anatoly aceita esmolas pedindo o fim de seu giro, incluindo uma calçada, com roupas e comida de um mês. "Antes eu ajudava mais, mas agora não dá para isso", reclama Anatoly, sem revelar nada. No fim do dia, ele chega a ganhar 50 rublos (R\$ 600,00), o que vale um dia de trabalho em outros setores da economia dos subdesenvolvidos russos.

Seu ex-emprego deserdado de Anatoly para não ficar desempregado na URSS, Anatoly vive o cotidiano de um mendigo pobre, mas não quer ser punido e vive numa cidade sem esmola em um quarto alugado. Quando chega a vez de trabalhar e que ele não tem futuro, não sabe se trabalhar de qualquer coisa. "É um pouco ruim", afirma.

4. Capa do dia 4 de dezembro de 1991



**TRIBUTOS**

*Crescem as ações na Justiça contra IR*

/24



Cartagena: Diretor Executivo do FMI, Pierre de Coubertin, em reunião com o ministro da Economia

**ZERO HORA**  
 PORTO ALEGRE, 2ª FEIRA — 4.12.91  
 ASS. EXLITH — N° 9589 — CxS 400,00

# FMI vai apoiar o Brasil junto aos bancos privados

O Diretor do Fundo Monetário Internacional (FMI), Pierre de Coubertin, anunciou a aprovação da carta de intenções a ser assinada pelo Governo Collor — ao visitar recentemente o documento em Cartagena, na Colômbia. Coubertin afirmou que, após os propósitos do governo brasileiro, é-lhe que os agentes privados de Collor na economia terão seu

aval junto aos credores internacionais. Coubertin conversou com Collor durante a V Reunião de Cúpula de Chefes de Estado do Grupo do Rio, que o documento será entregue oficialmente hoje em Washington pelo ministro da Economia, Márcio Marinho Mendes. "O programa trata os problemas pela raiz, e se for aplicado após a assinatura, o Brasil vai

ter uma nova etapa de crescimento e estabilidade", disse o diretor do FMI. A carta a ser assinada por Collor contém medidas para a melhoria da política econômica, aumento do nível de ensino nos estados e municípios, e mudanças na política salarial.

centralmente, com o objetivo de garantir a estabilidade", disse o diretor do FMI. A carta a ser assinada por Collor contém medidas para a melhoria da política econômica, aumento do nível de ensino nos estados e municípios, e mudanças na política salarial.

CENTRAL

**HOJE**

**SALÁRIOS**  
 Aposentados não vão ter os 16,36%

/6 e 37

**ALIMENTAÇÃO**



O Brasil deve receber ainda em agosto a primeira parcela do empréstimo de US\$ 2 bilhões, sob o nome do Fundo Monetário Internacional (FMI)

**Cesto do IEPE**  
 sobe 30,43%

/28

**CONSÓRCIOS**  
 Governo propõe novas regras

/24

**PROFESSORES**  
 CPI para investigar discriminação

/30

**URSS/ESPECIAL**  
 O desmonte da máquina estatal

/18 e 19

**AIDS NO PRESIDIO**



Inspeção: deputados verificam os resultados de um teste de soropositividade para o vírus da AIDS em um dos 187 presidiários do Brasil, quem 60% são infectados. Página 37

**GAUCHÃO**  
 Federação garante o Gre-Nal de domingo

/52 e 53

4.1. Página 18 do dia 4 de dezembro de 1991



**A SEGUNDA REVOLUÇÃO**

**ANUNCI**

Tudo o que não é Deus é considerado pecado...  
 Tudo o que não é Deus é considerado pecado...  
 Tudo o que não é Deus é considerado pecado...

# A MÁQUINA DO PC DESMONTADA



**Manifestação** - manifestação política realizada no centro de São Paulo.

**77** - Anúncio de institucional...  
 Anúncio de institucional...  
 Anúncio de institucional...

**REDAÇÃO**

Os membros que...  
 Os membros que...  
 Os membros que...

Os membros que...  
 Os membros que...  
 Os membros que...

Os membros que...  
 Os membros que...  
 Os membros que...

Os membros que...  
 Os membros que...  
 Os membros que...

Os membros que...  
 Os membros que...  
 Os membros que...

Os membros que...  
 Os membros que...  
 Os membros que...

Os membros que...  
 Os membros que...  
 Os membros que...

## Segredos do KGB podem ser revelados

Segredos do KGB podem ser revelados...  
 Segredos do KGB podem ser revelados...  
 Segredos do KGB podem ser revelados...

Segredos do KGB podem ser revelados...  
 Segredos do KGB podem ser revelados...  
 Segredos do KGB podem ser revelados...

Segredos do KGB podem ser revelados...  
 Segredos do KGB podem ser revelados...  
 Segredos do KGB podem ser revelados...

### ANO DE LUTAS

ANO DE LUTAS...  
 ANO DE LUTAS...  
 ANO DE LUTAS...

**IMPRESSÃO**

4.2. Página 19 do dia 4 de dezembro de 1991



ZENZO BUENA

ESPECIAL

Quarta-feira, 4 de dezembro de 1991



Foto: J. M. de Almeida

# Museu que guarda história de Lenin está ficando sem verba

Os responsáveis pelo Museu de História da Revolução Socialista, em São Paulo, estão preocupados com a falta de verba para manter o museu em funcionamento. Desde o ano passado, o Museu de História da Revolução Socialista não recebe verba do governo estadual. O Museu de História da Revolução Socialista, que fica no bairro de São Carlos, em São Paulo, está com o orçamento de 1991 praticamente zerado. Isso significa que o museu não recebe verba do governo estadual. O Museu de História da Revolução Socialista, que fica no bairro de São Carlos, em São Paulo, está com o orçamento de 1991 praticamente zerado. Isso significa que o museu não recebe verba do governo estadual.

Os responsáveis pelo Museu de História da Revolução Socialista, em São Paulo, estão preocupados com a falta de verba para manter o museu em funcionamento. Desde o ano passado, o Museu de História da Revolução Socialista não recebe verba do governo estadual. O Museu de História da Revolução Socialista, que fica no bairro de São Carlos, em São Paulo, está com o orçamento de 1991 praticamente zerado. Isso significa que o museu não recebe verba do governo estadual.

Os responsáveis pelo Museu de História da Revolução Socialista, em São Paulo, estão preocupados com a falta de verba para manter o museu em funcionamento. Desde o ano passado, o Museu de História da Revolução Socialista não recebe verba do governo estadual. O Museu de História da Revolução Socialista, que fica no bairro de São Carlos, em São Paulo, está com o orçamento de 1991 praticamente zerado. Isso significa que o museu não recebe verba do governo estadual.

## Patrice Lumumba sofre com mudanças

As mudanças no governo de Patrice Lumumba, em Congo, estão causando preocupação entre os líderes da comunidade lusófona em São Paulo. Os líderes da comunidade lusófona em São Paulo estão preocupados com as mudanças no governo de Patrice Lumumba, em Congo. As mudanças no governo de Patrice Lumumba, em Congo, estão causando preocupação entre os líderes da comunidade lusófona em São Paulo.

As mudanças no governo de Patrice Lumumba, em Congo, estão causando preocupação entre os líderes da comunidade lusófona em São Paulo. Os líderes da comunidade lusófona em São Paulo estão preocupados com as mudanças no governo de Patrice Lumumba, em Congo. As mudanças no governo de Patrice Lumumba, em Congo, estão causando preocupação entre os líderes da comunidade lusófona em São Paulo.

As mudanças no governo de Patrice Lumumba, em Congo, estão causando preocupação entre os líderes da comunidade lusófona em São Paulo. Os líderes da comunidade lusófona em São Paulo estão preocupados com as mudanças no governo de Patrice Lumumba, em Congo. As mudanças no governo de Patrice Lumumba, em Congo, estão causando preocupação entre os líderes da comunidade lusófona em São Paulo.

## Sal o marxismo, entram os empresários

Com a chegada dos empresários ao Brasil, o marxismo está sendo substituído por uma nova ideologia. Os empresários estão chegando ao Brasil e o marxismo está sendo substituído por uma nova ideologia. Os empresários estão chegando ao Brasil e o marxismo está sendo substituído por uma nova ideologia.

Com a chegada dos empresários ao Brasil, o marxismo está sendo substituído por uma nova ideologia. Os empresários estão chegando ao Brasil e o marxismo está sendo substituído por uma nova ideologia. Os empresários estão chegando ao Brasil e o marxismo está sendo substituído por uma nova ideologia.

Com a chegada dos empresários ao Brasil, o marxismo está sendo substituído por uma nova ideologia. Os empresários estão chegando ao Brasil e o marxismo está sendo substituído por uma nova ideologia. Os empresários estão chegando ao Brasil e o marxismo está sendo substituído por uma nova ideologia.



Foto: J. M. de Almeida

Foto: J. M. de Almeida

5. Capa do dia 5 de dezembro de 1991

**ZERO HORA**

PORTO ALEGRE, 5ª FEIRA — 5.12.91  
ANO XXVIII — Nº 9590 — Cr\$ 400,00



Transtorno: falta de gasolina afetando a economia. Para a instalação de CEEE

**GREVE**

CEEE entra com pedido de abusividade

/42 e 43

**HOJE**

**URSS/ESPECIAL**  
O desafio de se adaptar aos novos tempos

/18 e 19

**HOSPITAIS**  
Atrasos do Inamps levam ao caos

/32

**ANTIDOPING**  
Procurador se manifesta em 48 horas

/52

**AVIAÇÃO**  
Pan Am encerra as atividades

/28

**POLÍCIA**  
Cinco PMs condenados por assassinato

/50

**LEIA**

**ZH CLASSIFICADOS**

Hoje com 9.026 ofertas

**NOVA TABELA**

# Governo anuncia hoje a redução do IR na fonte

**JUSTIÇA DE LUXO**



Desapropriação: governo quer prédio de Cr\$ 11 bi para Justiça Federal. Pág. 31

Ordem para o reajuste foi dada pelo presidente Collor. Há duas opções, ambas retroativas a 1º de dezembro. Empresas devem compensar o desconto

O Governo anuncia hoje, depois de meses de várias tentativas e do encaminhamento de ações à Justiça, a correção para a tabela de desconto do Imposto de Renda na fonte. A ordem para que a tabela fosse corrigida partiu do presidente Fernando Collor, após receber a sugestão de Carlagem, na Colômbia. "Não sei porque a correção ainda não aconteceu, pois já deveria ter sido feita", disse Collor, apressando o lançamento.

A nova economia tem duas alternativas, ambas com efeito retroativo a 1º de dezembro. A primeira prevê um reajuste de 11,5% para a faixa de renda

que vigora atualmente, de Cr\$ 190 mil, que passaria para Cr\$ 210 mil. As outras faixas seriam corrigidas em 20,9%. Pela segunda proposta, o limite de renda passaria a Cr\$ 228.400,00, com as outras faixas sendo corrigidas em 14%.

Os maiores beneficiados com a correção serão os trabalhadores que recebem o salário do mês anterior até o quinto dia útil do mês seguinte. Quem recebe, por exemplo, o salário de novembro a partir de 1º de dezembro, já terá o desconto do IR afetado pela nova tabela. As empresas que fecharam seus livros de pagamento deverão compensar a diferença em folha remuneratória no mês seguinte ao ano-juro. A nova tabela incidirá ainda sobre o 13º salário que será a segunda parcela paga em dezembro.

/24

**CARTA AO FMI**

*Brasil promete pagar os credores em dia*

/Central

**10 dias de tempo**

VEJA QUEM NASCOU E CAMIHO ESTA SEMANA

**SANTANA**  
SANTANA  
APOLLO  
SAVEIRO  
UNO MILLE  
CICLOMOTOR  
JET SKI

5.1. Página 18 do dia 5 de dezembro de 1991

18 Quarta-feira, 5 de dezembro de 1991



5

VIVENDO OS NOVOS TEMPOS

AMANHÃ
A Ucrânia continua, dentro da
independência. Mas uma demonstração da
força do nacionalismo que surge em oposição
que fazemos a URSS.

Imitando cantor de rock, tentando criar empresas ao estilo ocidental, os povos da antiga URSS procuram se adaptar a um mundo inteiramente mudado

MARCELO RECH
Escritor e jornalista

Em dois minutos mais aproximadamente, o céu de Moscou é de um azul de púrpura que se torna um doído. Com uma penca de nuvens, ela tenta se fazer ouvir através dos vidros escuros do restaurante. No final de dois segundos, ela dá um passo para trás e desaparece sem deixar qualquer rasto.

O trânsito está entupido nos dois sentidos na Rua de Moscou e de um casal de polícias que se tenta ser visto. Com uma penca de nuvens, ela tenta se fazer ouvir através dos vidros escuros do restaurante. No final de dois segundos, ela dá um passo para trás e desaparece sem deixar qualquer rasto.

Na Rua Arbat, em Moscou, por exemplo, os ônibus, um misto de massa e diversão, são apontados para serem um pouco mais modernos. Para uma praça que gostava de falar com máquinas de calcular em vez de fazer suas contas mais simplesmente, o bem-bom de zaprátois está chegando em muito tempo.

Para um pouco, porém, a confusão de estradas já chegou em todos os seus pontos. São os dois nos ruas, uma classe por momento limitada a 2.500 pessoas em Moscou que desde suas portas — de preferência, sempre Mercedes ou BMW — para a cidade e que depois se vai ao restaurante de os primeiros, parte da cidade. Com sua presença, os sinais são raras e o "High Flight", uma empresa americana que agora vende todos os tipos de helicópteros para os ricos, está em um estado de emergência.

Essa noite tem até um guru, German Shteyn, um especialista em fazer dinheiro e marketing nos Estados Unidos. Ele é um dos poucos que sabem falar inglês e sabe falar francês, espanhol e alemão. Ele é um dos poucos que sabem falar inglês e sabe falar francês, espanhol e alemão.

As bancas de jornais na terra de Kiev, Yelisei exibem decenas de novos títulos que se opõem aos tradicionais diários Pravda e Izvestia, que passam por reformas para se adaptar aos novos tempos. Nos jornais que podem ser considerados novos e virgens da Seção de Redação da URSS, a Bíblia de Internet, um livro de 100 páginas, com 100 capítulos, está sendo publicado em cinco volumes de Moscou. Por apenas 2 rubles (C\$ 3,00), a primeira edição em russo de Seções para um agente e agora seu amigo são devorados por milhares na fila do pão e jornal em mãos.

Tão estranha como as Seções, o Banco Interbancário soviético, que usa o nome informal de "Interbanc", se tornou o mais popular entre a juventude da URSS, que ainda aguarda a primeira leva de videogames. A um custo de 25 rubles (C\$ 30,00) nos lojas, o jogo é um jogo de cartas que simula a economia soviética. O "interbanc" do Restaurante Moscow, um dos mais sofisticados de Moscou que se encontra em Moscou hoje, tem que distribuir 25 mil rubles para melhorar sua posição em Moscou. Já com 7 mil rubles o jogador pode se sentir o proprietário de uma pequena fábrica estatal de televisão.

Aulas de inglês, maior atração da hora nobre

As TVs, o canal 4 (TV) mais próximo de um canal nos países do Ocidente, oferece um horário noturno de programas educativos. Como em outros tempos, o horário nobre é ocupado por programas em inglês, a língua de comércio e de todos que esperam ser bem-sucedidos na era que está surgindo. Para quem não estiver interessado em assistir às aventuras de uma família americana conversando de novo nos países e legendas em inglês, o canal 1 (TV) da URSS está sendo atraído por um novo horário de programas educativos, uma das atrações do momento nos países soviéticos, que tem sido apontado de novo se desgrataram da televisão Escrava há.

As propostas de audiência ainda estão engatilhando na nova União, mas depois do golpe frustrado de agosto os programadores do Canal 2 (TV) da URSS foram obrigados a fazer uma mudança geral no conteúdo que inclui programas de entretenimento e notícias locais do governo e outros serviços de programação de notícias de agosto, de substituir por um programa mais ligeiro e divertido com dois novos programas semanais como "Luzes, Câmeras e Música" e "Dance Kooler". A mo-

As bancas de jornais na terra de Kiev, Yelisei exibem decenas de novos títulos que se opõem aos tradicionais diários Pravda e Izvestia, que passam por reformas para se adaptar aos novos tempos. Nos jornais que podem ser considerados novos e virgens da Seção de Redação da URSS, a Bíblia de Internet, um livro de 100 páginas, com 100 capítulos, está sendo publicado em cinco volumes de Moscou. Por apenas 2 rubles (C\$ 3,00), a primeira edição em russo de Seções para um agente e agora seu amigo são devorados por milhares na fila do pão e jornal em mãos.

Tão estranha como as Seções, o Banco Interbancário soviético, que usa o nome informal de "Interbanc", se tornou o mais popular entre a juventude da URSS, que ainda aguarda a primeira leva de videogames. A um custo de 25 rubles (C\$ 30,00) nos lojas, o jogo é um jogo de cartas que simula a economia soviética. O "interbanc" do Restaurante Moscow, um dos mais sofisticados de Moscou que se encontra em Moscou hoje, tem que distribuir 25 mil rubles para melhorar sua posição em Moscou. Já com 7 mil rubles o jogador pode se sentir o proprietário de uma pequena fábrica estatal de televisão.



Concordo de Miss — Moscú, 5 de dezembro de 1991. Uma noite de...



Passado: a última demonstração chamada de "computar"

Os novos tempos
dança foi tão grande que tem um novo horário para ser organizado para a televisão, e o programa foi lançado como "TV Interim". O ex-Veneta, porém, tem perdido o peso para os programas de TV da Federação Russa, como o Canal 3 de Leningrado, incluindo também em Moscou e não como um espetáculo.

Para um povo que sempre foi muito rico de fora do âmbito de um mundo de vida econômica, o caráter de qualidade e variedade. O futuro não pode ser criado por um único tipo de programa. O futuro não pode ser criado por um único tipo de programa. O futuro não pode ser criado por um único tipo de programa.

5.2. Página 19 do dia 5 de dezembro de 1991

ZERO HORA

MUNDO

Quinta-feira, 5 de dezembro de 1991

# Só a publicidade pode salvar antiga voz da revolução

A antiga voz do comunismo, quem diria, está atrás de publicidade de Pop Decades, o serviço brasileiro de Rádio Moscou. Foi um dos fatores que passaram em comissões brasileiras, ouvindo também para as ondas curtas e as veredades da revolução que um dia, desapareceriam.

— Temos uma audiência grande e podemos fazer anúncios para todo o mundo — avisa o chefe do serviço brasileiro, Vladimir Pugachev, que, depois de 18 anos à frente da seção, está aproveitando os momentos de vida de contatos publicitários. Paga, como a sociedade pela propaganda brasileira em Moscou, não mais nada dos outros tempos. "Aguarda sempre possibilidade de fazer mais coisas, sempre mais coisas e mais material e mais coisas", afirma ele.

Velhos hábitos, porém, não se podem de um dia para o outro

Essa 19 de agosto passado, primeiro dia da frenética tentativa de golpe, a Rádio Moscou escapou a maior parte de suas três horas diárias de transmissão para o Brasil com músicas clássicas recitadas — com um allegro que pareciam enlatadas, nem tão adaptadas quanto aquelas conhecidas: "Muita gente não compreendeu o que se passava", admite Pugachev.

**SVINDAS** — No passado, a rádio transmitia em mais de 100 línguas. As vezes, em algumas regiões da Índia que não tinham com emissora própria, a Rádio de Moscou chegava lá como única fonte de informação. Hoje, sem o estranho idealismo, as línguas foram reduzidas a apenas de 70 e surgiram divórcios sobre o futuro dos 1.300 funcionários que trabalham nos serviços estrangeiros — 25 deles no Brasil.

Ante o golpe, a rádio estava no negatograma do Conselho de Ministros da URSS, mas com a confusão que se estabeleceu na União houve desinformação que se fez quem



**Realização.** Rádio Moscou prepara a adaptação de suas emissões.

vai parar o rádio daqui para a frente. "Eu nem sei quem é o político hoje", diz um repórter contratado há quatro meses. O chefe do serviço brasileiro, porém, não acredita que a ex-voz do comunismo sobreviverá. "A Rádio Moscou não vai acabar", garante Pugachev.

# Crime e a violência também chegam com onda capitalista

Quase todo mundo tem uma história de arrebatamento para contar e cada manhã milhares de carros abandonados em asfaltos quebra-quebra e no meio fuma fumadas, a rotina da segurança — refração de partes, alarmes para autorôndas, guarda-costas — é uma das mais permitidas, sempre públicas e ostentadas pelo detrapado de centros. Não é Nova York, Bogotá ou Porto Alegre. É a Moscou de 1991, em anos depois que as emissões comunistas começaram a mudar e alguns dos trajes do Guêtero pareciam pelos flocos.

Anunciando ao Parque Gorki não é mais apenas uma das áreas de segurança estabelecida no KGB. Agora vem a pé as áreas de segurança de Moscou. A noite se tornou um período de segurança para enfrentar os ataques que voltaram pesados com fuzis e revólveres. "Esta noite houve atirador se armar", diz Alexei Vlasov, antigo capitão da Polícia Militar que pediu ajuda internacional com os novos métodos. Em novembro um policial parlatava 100 milhas RUM (RUB) roubadas, um tremocromo dentro das paredes ovais de um que serve para controlar a segurança. "No período de esta situação é possível, quem não consegue fazer outra coisa", afirma Alexei.

Oficialmente, há apenas 30 mil armas — o número máximo registrado de cada — registrada em Moscou, mas o contrabando ocorre. No mês passado, por exemplo, era possível comprar no mercado negro um fuzil automático AK-47, desarmado de 1.000 mil, por um preço que variava entre 10 mil e 12 mil rublos RUM (100 mil a US\$ 140 mil). Os compradores são policiais não treinados de áreas anteriormente livres, que foram perdidos das vistas fronteiras de segurança soviéticas e da falta de equipamento de polícia para lutar com o crime.

**SEM CONTROLE** — Por medo em um ataque, os moradores se



**Taxi.** Uma geladeira especial.

transporte em Moscou está entre os alvos prioritários dos ataques. Em agosto uma rede de lojas vendidas na URSS (lojas especializadas de comércio de exportação, que existem na Alemanha, Rússia, etc.) em um edifício de Moscou controlado por as autoridades do Corpo Diplomático. Para um desenvolvimento da BBC, Kevin Connolly, há a 11ª vez em 20 minutos URSS que um ataque resultou em arrebatado. "É possível que o comércio entre os países de produção seja impossível, já que os países não estão seguros", afirma o chefe de delegações públicas do Departamento de Negócios Internos de Moscou, Vladimir Verbitskiy, sob cuja direção está a polícia de capital.

Verbitskiy não nega o crime e afirma: "A situação na área de segurança é muito ruim. Não há polícia e não há segurança que já há um mês, milhares de 100 apartamentos e apartamentos por dia, não é mais uma pequena de segurança.

# Filho de Prestes é dono de empresa

João tinha 16 anos quando chegou a Moscou, em 1970. Um dos seus filhos do segundo casamento de Lina Carlos Prestes, o mais velho, foi chamado brasileiro de início no tempo, morto em campo de um campo, João acompanhava a mãe, Maria Ribeiro, que levou a mãe para a URSS em busca de proteção contra a ditadura militar brasileira. João aprendeu russo, tornou-se em Secretaria Médica e trabalhou no comércio de rua e frequentava as reuniões do Partido Comunista. Em 1981, com a partida, retornou ao Brasil, mas em 1988 voltou de volta à Rússia.

Hoje, João Prestes é o gerente da área comercial que atuava no setor União Soviética. Com bons contatos no exterior, mantém uma correspondência e se dedica a viajar, atuar em Moscou, viajar à Argentina e ao Brasil, servir à Agn. Espanha e do Brasil, servir à Agn. Trading e à Set Informática. "Aqui como brasileiro não se consegue, as relações não", diz João, que trabalha em um apartamento transformado em escritório quase no centro de Moscou.

Empreendedor soviético, ele não dispensa um correspondente pessoal sobre sua mãe. Foi chamado por Moscou, seu um contato japonês com a glória americana, indicado por a falta de contato pessoal e representações comerciais estrangeiras. Mas, para passar as férias de semana em sua cidade, não há contato nos assuntos de capital russo. João possui um Land Rover com licença em seu nome. "Eu sou brasileiro em meu nome", Jo-



**Segurança.** João Prestes vai viajar hoje por Moscou.

ão em obter a parte 91% das coisas, é uma vida acima da média", afirma ele.

**BIQUELI** — Na cidade de João, há espaço para boas recordações de João — uma filha de Prestes, feita por Jacques Focier em 7 de março de 1987 numa visita do filho-estudante à Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, onde sua presença de sua existência. Mas ele se aferra aos de estudos. "Por ser filho de Prestes, ao passar no teste psicológico, é chamado", afirma João, que diz que do pai por ele não em tudo como importante ao momento de formação do PT. Já a

parentela, na sua juventude, que lhe proporcionou uma nova carreira. "Em 1985 eu era uma pessoa, hoje sou totalmente diferente", diz João.

Mãe e filho moram, sua mulher, a americana, Rosa Jereza, uma ex-companheira de carreira, se converteu ao que ele chama de "moderno esportivo" — na URSS, a maioria são os esportistas de sucesso, e a doença, os sintomas de alcoolismo — "que vai a muitos os estudos de Verbitskiy". Ela sofreu ataques, João se afastou o tempo à la "Stalin". "Mas quando que não tem de lá a voz", diz ele, eu não é uma geladeira.

6. Capa do dia 6 de dezembro de 1991

**ZERO HORA**

PORTO ALEGRE: 4ª FEIRA — 6.12.91  
ANO XXVIII — Nº 9591 — Cr\$ 400,00

Feiticeiro: 1.500 pessoas são atendidas diariamente nos hospitais do Grupo Conceição

**O CAOS NO ATENDIMENTO**

**Greve em quatro hospitais ameaça levar saúde ao colapso**

Grupo Conceição deve pagar hoje devido ao não pagamento dos salários, agravando a crise no RS. Planalto deve anunciar MP com solução para o Impamp

horas suas atividades pelo atraso no pagamento dos salários de dezembro. Essa reunião aconteceu para avaliar a greve por tempo indeterminado nos hospitais. Conceição, Cristo Redentor, Criança Conceição e Filomena, além de nove postos de saúde, que atendem, juntos, a cerca de 5.500 pessoas por dia. "Com esta greve entra em risco a rede de saúde do Rio Grande do Sul", acredita o presidente do

Apresentado nos Hospitais do Estado, Cláudio Albuquerque. "O pagamento dos empregados do grupo teria de ser feito até hoje, mas o Ministério da Saúde não repassou o dinheiro. No total, a dívida do Ministério com o grupo chega hoje a Cr\$ 11 milhões.

MP — O presidente Collor pode tomar hoje medida prevista

na criação solução para o Impamp pagar o débito de Cr\$ 420 milhões acumulado desde setembro com os hospitais, que ameaçam paralisar suas atividades em todo o País por falta de dinheiro. A decisão foi tomada ontem à noite, quando foi divulgada qual seria a solução.

/CENTRAL

**SINUCA E PROTESTO**

Colossal: governador Klebberling, Rogério e Collor se divertem com a distribuição de bolinhas de bilhar no fim de semana em Florianópolis. Página 20

**IMPOSTO DE RENDA**

Isenção para quem ganha até Cr\$ 250 mil

/20

**HOJE**

**CÂMARA**  
Deputados dobram seus salários

/6

**GAUÇÃO**  
Campeão pode ser proclamado só em 92

/58 e 60

**CEE**  
Vários bairros sem luz

/40

**URSS/ESPECIAL**  
Nacionalismo e racismo, mistura explosiva

/18 e 19

**ALIMENTAÇÃO**

Porto Alegre, a capital mais cara

/24

**DESAPROPRIAÇÃO**  
Donos do prédio vão à Justiça

/Central

**ROUBO DE CARROS**  
Descoberta a conexão Paraguai-Porto Alegre

/58



6.1. Página 18 do dia 6 de dezembro de 1991



**A SEGUNDA REVOLUÇÃO**

18 Santa Terra, 6 de dezembro de 1991

**6**

# NACIONALIDADES EM GUERRA

**Força do império ocidental**  
 séculos seculares entre os povos da URSS. Agora, quase todos procuram assegurar vantagens e as liberdades ressurgem.

**MARCELO RUCH**  
 Especialista em História

Para identificar quem é russo ou ucraniano, bastaria olhar o mapa de Kieva e os algarismos a flutuam no nome de cada país de modo que não se esqueça ao passar. Se a resposta for Kieva, grande ou pequena, o cidadão está em uma república soviética. Mas se a resposta for Kieva, grande ou pequena, o cidadão está em uma república soviética. Mas se a resposta for Kieva, grande ou pequena, o cidadão está em uma república soviética.

A demarcação do império soviético após o golpe de agosto produziu mudanças históricas, como a reorganização de sua estrutura administrativa, mas, sob o aspecto das nacionalidades e do direito à liberdade de expressão, criou de repente situações de graves tensões por séculos e de longa data. A demarcação do império soviético após o golpe de agosto produziu mudanças históricas, como a reorganização de sua estrutura administrativa, mas, sob o aspecto das nacionalidades e do direito à liberdade de expressão, criou de repente situações de graves tensões por séculos e de longa data.

De todas as repúblicas da República da Ucrânia, nenhuma se opõe a uma grande de fazer entre os seus de modo que, em 22 milhões de habitantes de Ucrânia soviética, há cerca de 10 milhões que não são ucranianos. Há cerca de 10 milhões que não são ucranianos. Há cerca de 10 milhões que não são ucranianos.

**DIVISÃO TOTAL**



**REPÚBLICAS AUTÔNOMAS**

- 1 Bielorrússia
- 2 Bieluzia
- 3 Daguiestão
- 4 Cabárdia-Balcaria
- 5 Checheno-Ingúche
- 6 Karélia
- 7 Tártaria
- 8 Mordóvia
- 9 Mordóvia
- 10 Casa da Rússia
- 11 Tártaria
- 12 Tuva
- 13 Udmúria
- 14 Checheno-Ingúche
- 15 Chuváquia
- 16 Ingúche
- 17 Kara-Fúturo
- 18 Adiguiá
- 19 Adiguiá
- 20 Tatarstão

**REGIÕES AUTÔNOMAS**

- 21 Gorno-Altaia
- 22 Adiguiá
- 23 Khabarovsk
- 24 Karacháievo-Checheno
- 25 Tuva
- 26 Orel do Sul
- 27 Nagorno-Karabakh
- 28 Gorno-Baldicão

**DISTRITOS AUTÔNOMOS**

- 29 Samara
- 30 Estónia
- 31 Letónia
- 32 Islã Ortã Russa
- 33 Bieluzia
- 34 Chuváquia
- 35 Kara-Fúturo
- 36 Yamalo-Nenets
- 37 Nenets
- 38 Aga-Burúlia

Repúblicas, regiões e distritos autônomos mostram a força do nacionalismo que agora ressurgiu com o fim do império soviético.

**DESTINO** — No total, mais de 100 povos, com línguas, religiões, hábitos e costumes diferentes, foram obrigados a conviver sob o mesmo teto. Nos tempos de comunismo, quase todos os povos foram obrigados a conviver sob o mesmo teto. Nos tempos de comunismo, quase todos os povos foram obrigados a conviver sob o mesmo teto.

70 milhões de pessoas por território como as repúblicas. Em apenas três anos, o número de repúblicas passou de 15 para 25. A Bielorrússia e a Bieluzia são as únicas repúblicas com o nome de uma língua, mas não de um povo. Há cerca de 10 milhões que não são ucranianos.



**Protesta** em Baku. Aparentemente, multidão protestando contra o nacionalismo.

**O MOSAICO ÉTNICO**

República	População*	Nacionalidade (%)	Etnias
Rússia	150	82	4% de tártaros
Ucrânia	21,8	75	22% de russos
Letónia	19,8	71	3% de russos
Estónia	19,3	40	38% de russos e 3% de alemães
Bielorrússia	12,3	76	12% de russos
Armênia	7	80	6% de russos e 8% de armênios
Geórgia	5,4	70	8% de armênios, 6% de russos e 4% de abasos
Tadjiquistão	5,1	82	22% de uzbecos e 7% de russos
Moldávia	4,7	85	19% de romenos e 7% de russos
Geórgia	4,2	85	22% de russos e 12% de uzbecos
Tártaria	2,8	72	3% de russos e 3% de uzbecos
Armênia	2,3	81	2% de abasos

\* Em milhões

**ANEDOTA** — Em nome da língua e do território, foram colocados os seus respectivos nomes de nacionalidade. Os ucranianos, por exemplo, foram proibidos de terem nomes próprios no grande mosaico soviético por mais de 70 anos (1915). Muitos nomes foram mudados ou apagados. Com o fim do império soviético, o nome voltou a ser usado. Mas não se esqueça que o império soviético foi criado por um povo.



7. Capa do dia 7 de dezembro de 1991

# ZERO HORA

PORTO ALEGRE, SÁBADO — 7.12.91  
ANO XXVIII — Nº 9592 — Cr\$ 400,00

segundo caderno

Nos presépios, a arte dos povos

Os grandes filmes em cartaz

DANÇA Um espetáculo do século XVIII

## Alceni suspende compras do Ministério da Saúde

□ A medida foi tomada devido a acusações de superfaturamento em dois dias seguidos. Além disso, presidente Collor exige rigor em todas as compras

Depois de uma conversa com o presidente Fernando Collor, o ministro da Saúde, Alceni Guerra,

determinou a suspensão de todas as licitações do Ministério e o afastamento da diretoria da Fundação Nacional de Saúde por 15 dias. O órgão é suspeito de ter comprado com superfaturamento 22.500 licenças e 22.500 guarda-chuvas. Também foi afastado o diretor de Assistência Médica do Inamps, Carlos Alberto Ferri, e será aberta sindicância sobre todas as licitações

da Central de Medicamentos. Além disso, o presidente Collor tomou mais uma medida para evitar irregularidades nas licitações. Foi encaminhado ao Congresso um projeto com regras mais rigorosas para as licitações. E fez a todos os ministros a exigência de que as disposições constantes no projeto passem a ser cumpridas imediatamente, antes mesmo da votação. Apesar da crise, o ministro da

Saúde, Alceni Guerra, continua prestigiado. Além de exigir rigor nas investigações, o que, segundo o porta-voz da Presidência da República, Cláudio Humberto Rosa e Silva, "mostra que o Ministério é um bom administrador e merecedor da confiança do presidente."

HOJE

JUSTIÇA DE LUXO  
Desapropriação do prédio deve ser suspensa

/31

CODESUL

ICMS será unificado e aumentado

CENTRAL

SINDICAL  
Impasse na greve da CEEE

/29

URSS/ESPECIAL  
A religião renasce com força

/16 e 17

GREVE

Conceição para até receber salários

GREVE

PARALISAÇÃO

NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

SODIMEX

FIATALLIS

28

GAUCHÃO

### Grêmios garante que joga amanhã

/42 a 44

ZH

1.067 AUTOMÓVEIS

5.093 EMPREGOS

9.173 IMÓVEIS

CLASSIFICADOS

7.1. Página 16 do dia 7 de dezembro de 1991

16 Sábado, 7 de dezembro de 1991



**7**

**A SEGUNDA REVOLUÇÃO**

# RENASCIMENTO RELIGIOSO TEM FORÇA TOTAL

**Ortodoxos russos e de fora do país, televangelistas americanos, islâmicos. Todos querem aproveitar os benefícios da liberdade (recuperada) de culto**

**MARCELLO RECH**  
*Intervista por Marcelo Rech*

Meses após a Revolução de Outubro de 1917, os bispoevques decaíram por abismo em Moscou a Igreja do Redentor, uma das mais belas da Igreja Ortodoxa Russa. Construída na primeira metade do século XVIII para comemorar a vitória contra Napoleão, a igreja foi destruída, mas em seu lugar surgiu um muro o de que nada conseguira ficar de pé em sua história.

Durante 50 anos, o terreno pertencendo ao antigo templo ficou em abandono. Mas em 1960 Nikita Kruchev resolveu acabar com a lista mantendo apenas no local, próximo ao centro da cidade, a procissão de Moscou, tal como uma das maiores do mundo. Há meses, milhares constroem uma série de infiltrações na piscina principal e agora a comunidade ortodoxa da capital russa, que conseguiu resgatar o projeto original do templo, está coletando dinheiro para uma nova igreja do Redentor.

A reconstrução é apenas uma das centenas que se espalham pela Rússia e república com a retomada do antigo vigor religioso na União Soviética. Com a Revolução, milhares de templos foram fechados e muitos se transformaram em armazéns, armazéns e até cinemas de patinação. Ainda hoje, apenas em Moscou, 175 igrejas ortodoxas permanecem sob os olhos do Estado, como a famosa catedral de São Basílio, que ganhou uma das laterais da Praça Vermelha. Em Kiev, na Ucrânia, a Igreja de Santo André, uma igreja-prata barroca construída em 1747, continua sendo um museu, mas já há um movimento para sua reconstrução.

Em Voronezh, a 60 km de Moscou, a reconstrução da Igreja do Salvador já começou. O campanário de dois andares ainda havia sido destruído durante a II Guerra Mundial e está sendo recuperado graças a doações da comunidade. "Entrembramos as plantas antigas", conta Svetlana Nagayeva, uma música que se transformou numa das beatas da igreja, que não chegou a ser fechada pelos comunistas. Na infância, Svetlana rezava escondida em casa com a família numa alcega dos ardechoes e, quando adulta, foi ser xale parafusada em empregos por sua fé. Com o fim das restrições religiosas, ela vai quase todos os dias à igreja. "Hoje sou uma pessoa feliz", definiu.

**TELEVANGELHO** — Apesar do esmagamento do leitor religioso, não tem sido fácil para o patriarca da Igreja Ortodoxa Russa, Alexei II, controlar seu rebulho, estimado entre 70 e 100 milhões de pessoas. Ele enfrenta uma dissidência, formada de Igreja Ortodoxa das Cazaquistãs, que acusa o patriarca de ter sentido à mesa com os comunistas para negligenciar a abertura de alguns templos. E sob o auspício da Igreja Ortodoxa na Estónia, criada após a Revolução, que chegou a fazer o chamado de volta para a Rússia com uma procissão comunitária, os ortodoxos se pediram resgatar mais almejos destruídos a II Guerra Mundial, sendo do batim foi lançado a pedir a

Rússia e república com a retomada do antigo vigor religioso na União Soviética. Com a Revolução, milhares de templos foram fechados e muitos se transformaram em armazéns, armazéns e até cinemas de patinação. Ainda hoje, apenas em Moscou, 175 igrejas ortodoxas permanecem sob os olhos do Estado, como a famosa catedral de São Basílio, que ganhou uma das laterais da Praça Vermelha. Em Kiev, na Ucrânia, a Igreja de Santo André, uma igreja-prata barroca construída em 1747, continua sendo um museu, mas já há um movimento para sua reconstrução.

Em Voronezh, a 60 km de Moscou, a reconstrução da Igreja do Salvador já começou. O campanário de dois andares ainda havia sido destruído durante a II Guerra Mundial e está sendo recuperado graças a doações da comunidade. "Entrembramos as plantas antigas", conta Svetlana Nagayeva, uma música que se transformou numa das beatas da igreja, que não chegou a ser fechada pelos comunistas. Na infância, Svetlana rezava escondida em casa com a família numa alcega dos ardechoes e, quando adulta, foi ser xale parafusada em empregos por sua fé. Com o fim das restrições religiosas, ela vai quase todos os dias à igreja. "Hoje sou uma pessoa feliz", definiu.

**AMANHÃ**  
Alguns se lembram da "matéria educacional" da escola de histórias, como as 180 pessoas de Krasnoyarsk, uma cidade perto de Moscou. Ali, por um acaso, o velho templo ortodoxo...



**Reconstrução:** Igreja ortodoxa. Uma estrutura de aço e concreto...

## PAPAI NOEL VAI LHE TRAZER 210 PRESENTES

Faça uma assinatura semestral de Zero Hora e ganhe um mês, em vez de 180, recebe 210 edições

**ZERO HORA**  
O SEU JORNAL

**LIGUE JÁ 234-500**



**ALCORÃO** — Não se pode acreditar e sentir ao mesmo tempo a abertura. O islamismo, que não tem nunca foi tolerado pelos comunistas, está resurgindo. Na Ásia Central, onde há grande número de muçulmanos, o movimento islâmico (PRI) de Tadjiquistão, o Partido de Revolucionários Islâmicos (PRI) de Uzbequistão, o Partido de Revolucionários Islâmicos (PRI) de Turcomenistão, estão se organizando. Há cerca de 70 milhões de muçulmanos no mundo, sendo 100 milhões de muçulmanos no Estado Lenin, em Moscou.

Também pouco explorado pela II, o Unido experimenta também a chegada do televangelismo — pastores americanos criando o infêrnico para os pecadores e a procura para os crentes pela TV russa nos

## 7.2. Página 17 do dia 7 de dezembro de 1991



**Megria:** padre Dmitry até perde a conta dos batizados do dia

## Padre Dmitry batiza até 20 pessoas por dia. E está feliz

Desde que os moscovitas se dão conta de que podem frequentar, sem risco de represálias no emprego, a igreja que bem entenderem, o padre Dmitry Akinfiyev, pároco da igreja ortodoxa russa de São Nicolau, às margens do Rio Moscou, tem tido pouco tempo para descansar. A cada dia, ele batiza uma média de dez a 20 pessoas — um número que ultrapassa a 30 nos domingos — e reza pelo menos uma missa à tarde, sempre com frequência de féis garantida.

Até que Mikhail Gorbachev assinasse, em outubro de 1988, a Lei de Liberdade de Consciência, não mais do que mil pessoas a cada ano se arriscavam a cruzar as portas da igreja para se batizar. Agora, mais da metade dos cerca de 6 mil novos

féis atuais são adultos que querem recuperar o tempo perdido. "Uma pessoa pode ser feita de escravo, mas não a sua mente e sua crença", afirma o padre Dmitry para explicar a manutenção do fervor religioso após 74 anos de regime comunista.

Filho de um padre ortodoxo que morreu numa cadeia do regime em 1937, padre Dmitry se tornou sacerdote 17 anos depois graças aos ensinamentos que recebeu da mãe. "Não adiantou os comunistas terem destruído as igrejas ou prendido padres", diz ele, satisfeito ao ver sua igreja, uma reliquia arquitetônica do século XVII, ficar mais cheia a cada dia.

**SEMINARISTAS** — Padre Dmitry

## Até estética leva muita gente às igrejas

O casal Sergiy Yanovitch e Ira Androskiuk incluiu um novo tema em suas discussões sobre a educação do filho Dmitry, de quatro anos. Representantes de uma geração criada à margem da religião, os dois não sabem se vão batizar o filho, como boa parte de seus amigos está fazendo desde que ir à igreja se tornou moda na União Soviética.

— Há 20 anos tínhamos medo, algumas pessoas se batizavam escondidas, mas agora estamos mais tranquilos — diz Sergiy, um engenheiro metalúrgico e físico que vive em Kiev, na Ucrânia. O marido

está mais propenso a levar Dmitry até uma pia batismal, mas Ira não se mostra muito interessada. "Não tive oportunidade ainda", desconfia ela, diante da catedral de Vladimir, a maior igreja de Kiev. "Viermos mais por motivos estéticos, não para rezar", avisa, para explicar sua presença na catedral numa manhã de domingo.

Assim como ocorre com milhões de soviéticos, os dois aproveitam a onda de liberdade para conhecer um mundo antes cercado de mistério e que, sob as cúpulas douradas dos templos ortodoxos, esconde tesouros artísticos e históricos. O primeiro contato de Sergiy

ainda tem bem presentes os anos negros do stalinismo, quando seu pai foi morto, e do governo de Nikita Krushev, que em 1960 estabeleceu o ano de 1980 como prazo máximo para acabar com todas as igrejas na URSS. Krushev encontrou 14 seminários em funcionamento ao chegar o poder. Em 1964, quando assumiu Leonid Brejnev, restavam apenas três — em Moscou, Odessa e São Petersburgo. E até 1988 havia um limite de 40 novos seminaristas por ano para toda a URSS. No início de 1991, só o semitário de Moscou recebeu 164 novos alunos. "Agora que as portas das igrejas estão abertas precisamos de muitos sacerdotes", afirma o padre Dmitry.

com este mundo foi como estudante numa excursão à Pochtiak, na Ucrânia, onde ao lado de um mosteiro havia sido erguido o que ele chama de "museu do ateísmo", com um acervo recordando as conquistas comunistas e condenando as práticas religiosas.

— Éramos obrigados a visitar o museu, mas estávamos interessados mesmo era no mosteiro, que tinha sabor de coisa proibida. Agora também muita gente está frequentando a igreja porque é um modismo. Muitos jovens casam diante de um padre apenas porque acham bonito — afirma Sergiy.

trário de considerar a migração para Israel como única alternativa, tentar construir um futuro dentro da URSS. Desde 1972, cerca de 1 milhão de judeus deixou a União Soviética, mas nos últimos meses menos avôes decidindo estudar em Tel Aviv.

— Vamos tentar manter a vida judaica aqui mesmo — adverte Moshe, presidente da Sinagoga Ortodoxa de Moscou, a maior das três existentes na cidade, cerca de 3 mil membros da comunidade da sinagoga. 10% migraram para Israel, mas as notícias que são mandadas de lá nem sempre são convidativas. No terceiro trimestre deste ano, 30.250 judeus soviéticos se mudaram para Israel, 40% menos do que no segundo sem uma diminuição de ritmo produzida pelas dificuldades de achar emprego e se adaptar a um meio ambientalmente radicalmente diferente do que vivem na URSS.

Mesmo com um fluxo na direção, a fila de candidatos é enorme e gigantesca. Um dos problemas que as sinagogas são obrigadas a lidar é a fabricação de passaportes.



**Deixa:** Sergiy e Ira, na catedral

8. Capa do dia 8 de dezembro de 1991



ESPECIAL

A Rússia que não mudou

124 x 25

**ZERO HORA**

PORTO ALEGRE, DOMINGO — 8.12.91  
ANO XXVIII — Nº 9592 — Cr\$ 600,00

DESAPROPRIAÇÃO

Prédio da Carlos Gomes não vai para a Justiça

140

GRE-NAL

No campo, a hora da verdade

Internacional e Grêmio encaram em campo...  
O jogo, a segunda da decisão da Libertadores...  
A imprensa tem a obrigação de ser credula...  
O jogo será a verdadeira hora da verdade...



Bruno Perillat

Luiz Carlos Wood

152 a 57

MATA

A incrível cidade de pedra

CADERNO VIDA

CRISE

Classe média entrega os anéis

CADERNO DE ECONOMIA

VIAGEM

A Europa a poucos quilômetros

CADERNO DE TURISMO

Leilão ZH Classificados apresenta mais ofertas e preço de referência a cada semana disponível para ler e em qualquer lugar domingo em

**ZH** até 4.994 em 22m  
até 16.427 em 1m

<b>1.067</b>	<b>AUTOMÓVEIS</b>	<b>9.173</b>
<b>EMPREGOS</b>	<b>5.093</b>	<b>IMÓVEIS</b>

CLASSIFICADOS

8.1. Página 24 do dia 8 de dezembro de 1991

**A SEGUNDA REVOLUÇÃO**

Faturando administração de empresas capitalistas, passando em rock e videogame, tentando e sempre voltando ao seu trabalho, Mikhail não se adapta ao que seu acúmulo de anos que ainda virá. Critiqueiros

# ONDE A VIDA POUCO MUDOU

Os dogmas não morreram na aldeia de Kristie. Ali, só se dividiu de que tudo tenha realmente mudado no país de Lenin. Daí, a desconfiança geral

**MARCELO RUCI**  
*Crônica e Memórias*

Kristie é uma aldeia igual a milhar de outras na Rússia. São 130 moradores, não vivem em um lugar, não sabem de nada do mundo há três dias de greve em agosto passado, não são ouvintes nos reportes da TV e não sabem nada sobre os fatos — a maioria sequer viu uma mesa de bilhar na vida. Estrada de 80 km a oeste de Moscou, Kristie é um mundo esquecido pelos russos, um lugar onde as estruturas administrativas permaneceram quase intactas e uma terra onde os novos governantes são encarados com ceticismo.

Porém, como Kristie, existem nos outros vilos paradas e as agrárias, desamparadas e isoladas de tudo quanto se vive na Rússia, mas não de alguns tipos de operação. São 130 milhões de habitantes que se sentem livres por um território duas vezes o tamanho do Brasil. Desconfiados dos funcionários, presos a uma vida repetida e apertada a alguma doutrina comunista, os habitantes de Kristie sabem muito pouco sobre o mundo que se abriu em 1991.

A vida na aldeia mudou pouco com a perestroika e, desde agosto, algumas alterações visíveis são o fechamento de um campo de "trabalho voluntário" — uma colônia de 800 pessoas isoladas da vida — que funcionava a dois quilômetros da vila e uma pequena área mais ao lado na única loja estatal de ligar. Certo se ainda viveiam na era de Stalin ou Nikita Krushchev, milhares transportam água de poços públicos em carrinhos e se dirigem oito a dez milhas por hora, a 30 km de distância, para beber água tratada, mesmo depois de agosto, quando os moradores não tinham que se deslocar para a Perestroika. No período das vitórias, os trabalhadores das duas aldeias de Kristie e os estudantes que passavam semanas trabalhando na floresta não gastavam mais de 500 rublos por mês, pouco mais do que um salário médio de nível superior em Moscou. No fim de agosto, cada um tinha um rublo, metade de um salário de produtividade — quem tinha mais podia mais, mas tudo na perestroika. A produtividade de setembro, mas a produção total sempre a car de novo no período anterior cada vez mais caro.

**ALDEIA COMUNISTA** — Como a

vida de privatização na Rússia, os trabalhadores decidiram tentar arrumar a fazenda do governo. Não é uma tarefa simples. O preço mínimo foi estabelecido em 15 milhões de rublos, mas até novembro a população só havia conseguido pagar 1 milhão de rublos. "Não temos como comprar o terreno, precisamos de um pouco que nos dê", diz Konstantin Mikhailovich, o líder da aldeia.

Eleito há um ano e meio deputado para o conselho de Páskov, a sede regional da qual Kristie está ligada, Konstantin, de 46 anos, era o chefe local do Partido Comunista. Ele já não trabalha mais nem nos períodos em que os filhos se partem e trabalhadores, nem antes, não, em consequência, também não queriam ser associados de membros do PC. "Pode ser que seja tudo", prometeu.

Quando foi eleito Konstantin se para sua influência para atender as principais reivindicações da comunidade, iguais às de qualquer outro do interior russo: a melhoria da rede de comunicações e a melhoria da saúde pública. Em outubro o anúncio não mudou o chefe sobre os assuntos governamentais de Kristie. "Não sei se vou sair ou não, mas vou ficar aqui", disse.

**A DÍVIDA DE MIKHAIL VASSILICH** — Há assim há alguns meses quando a casa de um dos moradores pegou fogo e teve de ser reconstruída. Mas a reconstrução, segundo Mikhail, não chegou a nada. "A reconstrução é muito pouco para ser reparada", diz ele, dizendo que esperava para a casa do estado. Porém, considerando o preço da obra por ter um carro e algumas coisas que era um seu terreno. É o mesmo que a vida mudou pouco quando alguém tem dinheiro e precisa ser levado ao hospital de Páskov. "Se houver alguma coisa, o dinheiro morto", disse e acabou sentado.

**BANHO** — Como em outras aldeias, Mikhail não tem água quente em sua casa de madeira, quando essa há, não há e não há do filho, em Páskov, e é um de divórcio, onde está também o filho mais próximo. Apesar de não desconfiar, Mikhail tem medo de ser perseguido por causa da greve de agosto. "Não está tudo bem, mas penso que não estou sendo perseguido", diz ele, acrescentando que não se declara. "O estado não quer saber de você", disse.

A comunidade sempre trabalha em silêncio quando alguém está em



Kristie: a aldeia que não consegue esquecer os tempos do comunismo

8.2. Página 25 do dia 8 de dezembro de 1991



TERÇO-HORA

MUNDO

Domingo, 8 de dezembro de 1991/25

### Aldeia é garantia de sobrevivência no inverno da fome

Kaslov Yevgeni, de 22 anos, e sua mulher Tatiana, de 17, tinham tudo para serem atraídos pelas luzes de Moscou, mas não recuou: casados e com uma filha de seis meses, Angéla, eles não querem saber de deixar a aldeia na secura do temido inverno da fome. "Em Moscou não tem nada para comer", afirma Tatiana, reproduzindo as informações que chegam à Kráiev pelos vizinhos. Ela trabalha como costureira no refeitório da maternidade, enquanto Kaslov é vigilante da estrada de ferro que passa a menos de um quilômetro do povoado.

"Vai ser difícil, não impossível". Em Kráiev, as opções de diversão são escassas, mas os dois não se queixam. Na verdade, eles acendem foguetas com amigos e conversam em visita do fogo. No inverno, deslizam sobre patins num lago a menos de 100 metros da casa. "É o meu esporte preferido", diz Tatiana. Nos tempos de nanicos, eles ainda davam uma escapada até Moscou para ir ao cinema, mas agora gostam de ficar em casa, lendo e brincando com a filha. "A vida aqui é mais tranquila", diz Kaslov, que se imbuirte e grito enterrado na caboca.

Em vez de sustarem com a cidade grande, os dois preferem fazer pratos de um dia congelados numa casa para morrer. Mesmo após o casamento e com a filha, eles não se foram da casa do pai de Tatiana, junto com mais umas pasturas. "Não temos dinheiro para comprar material de construção", conta ela. "Mas daqui a cinco anos espero estar fazendo a casa", avalia Kaslov.

O futuro, para o casal, é tão incerto quanto o da própria Rússia. "Nas aldeias não deve ser tão ruim, mas nas cidades sim", acredita Kaslov. "Como todos dizem, acho que vai ser muito ruim", diz Tatiana, que dá de ombros quando confrontada com a opção entre comunistas e reformistas democratas. "Não sei, para mim não faz diferença", desconfia.



Diferença: no campo, a paisagem garante o pão fresco

### Saudades do comunismo. Era alegre

Estákov Soltanov, de 61 anos, perdeu um dos prazeres da vida em Kráiev: reunir os amigos em festas sagradas à vodka. "Nenhuma garrafa chega à loja oficial desde o início do ano e há três meses soube o acidente de beurrálo que, fomentado e desiludido, servia para a produção do saquê, umis vodka caseira. Por isso e por outras, Estákov sente saudade do comunismo. "Parecia que a vida era mais alegre, a gente se reunia para comer e cantar", lembra ele. "Agora não tem mais nada disso".

Comparado aos habitantes das grandes cidades da Rússia, Estákov não tem muito do que se queixar. Em seu tempo com cerca de 1.300 metros quadrados, ele cria 30 galinhas e um leitão — "o outro, infelizmente, morreu que matar para comer". Lembado, Estákov passa as horas livres acompanhado do vizinho Chirak, um xirute russo, e cuidando de duas vacas com morangos e tomates e da plantação de batatas, que lhe dá uma das diversões neste ano. "Não sei o que houve, guardamos as batatas no porão, mas elas estão apodrecendo com muita rapidez".

Ele e a mulher Simona — os dois filhos nasceram nos outros lados — não passam fome no inverno. "Eu só como um pouco, mas tenho o dinheiro para não morrer", diz Estákov, preocupado com o destino dos habitantes de Moscou. "Eles vão só passar fome", acredita ele, que não capta de racionamento para comprar 600 gramas de farinha por semana para o casal. E pouco para o pão diário, mas melhor do que no caso da maioria, desaparecida das prateleiras da loja há três meses. "Desde julho, o que podemos fazer?", pergunta ele.



Segurança: Tatiana e Kaslov, com a filha, não querem mudança

### Psicologia explica razões da crise

O Instituto de Economia da URSS resolveu investigar se motivos que levam a União Soviética a ser um dos maiores produtores de alimentos do mundo e ao mesmo tempo estar diante da fome no inverno. O resultado foi surpreendente. De 100 galinhas de fazenda produzidas, 25 são separadas para consumo e 20 são dadas aos colibris e outras pequenas aves. Em outros 12 chegam à mesa do consumidor; o restante apodrece na armadilha ou a qualificação é tão ruim que as aves morrem de 25% de um saquê produzido sem supervisão. Em média, 47% da produção de galinhas e subprodutos são desperdiçados.

aguardado para o final do inverno. No ano passado, segundo estimativa da Faculdade de Agronomia da Universidade de Moscou, foram produzidos 240 milhões de toneladas de grãos, mas na realidade apenas 30 milhões chegaram ao consumidor — o que não se perdeu pelo caminho foi usado para alimentar o gado. Mesmo na produção de carne comestível, os erros persistem. Para produzir as metras necessárias, um boi é abatido com um 250 quilos. E os restos abutidos são usados longe das grandes cidades de consumo e muitos boi chega a perder 10% de seu peso na viagem de trem.

A psicologia da massa prova é derrubada — diz a economista Keva Leitina, que pesquisou seu estudo. — Em todo o mundo, as pessoas querem viver melhor do que o vizinho. Aqui, elas querem que o vizinho não seja pior do que elas. Os desperdícios consideráveis que os agricultores preferem deixar a produção apodrecer no campo, por falta de mão-de-obra para a colheita, é o que pensam que outros pessoas realizarão os alimentos. Além disso, desconfiam no sentido de salutar e há de sempre abandonar os meios de transporte, não por de iniciativa de salvar os preços em produção e de salvar os planos econômicos elaborados em prática pelos reformistas.

**MEDO DE LIBERDADE** — O governo da Rússia acredita que a vida pode estar na preservação da terra, uma reforma agrícola desastrosa que de acidentes e produtividade. Em 1º de setembro, já havia 30 mil hectares de terras agrícolas vazias, duas mil cercadas por um pouco de palha e fardos que se comprometem a crescer em matizais e a impedir o renascimento da produção. O preço do produto é sustentado pelo governo numa relação com equipamentos, como uma colheitadeira, mas se as metas de produção não foram atingidas, o consumidor perde o direito sobre a terra. "Nos fazendas estatais, não há colheita além de 100 toneladas", critica o professor de agronomia Anatoly Krasnov. "Se a colheita não for garantida, não há que trabalhar", acrescenta ele.

**INEFICIÊNCIA** — Em nenhum outro segmento da economia soviética há tanta ineficiência como na produção e distribuição dos produtos agrícolas, um setor ainda fortemente estatal. Com a colheitadeira baseada de fazendas, um hectare de 30 a 40 hectares produz um tipo de produtividade em um serviço fixado no tempo, com ajuda de 1 mil hectares, administrados por fazendeiros indicados pelo Partido Comunista e os milhares de trabalhadores empregados, sustentados pela própria comunidade. Com a reforma, parte da produção dos kolхозes pode ser vendida no mercado livre e mesmo diretamente. A produtividade melhorou, mas a perda de trabalhadores não está relacionada ao problema de distribuição total e do sistema dos preços.

A produtividade no campo, contudo, está em marcha lenta. As previsões erráticas foram respondidas por apenas 1% de produção total da URSS, um crescimento muito pequeno para alguns anos para que o índice cresça para pouco 7%. "Esses ganhos de crescimento só são alcançados com o velho sistema e a vida dentro para crescer que o governo não mudou", acredita Anatoly Yevchenkov, da Faculdade de Agronomia de Moscou. "O objetivo que a reforma deve atingir não está em liberdade em um tempo", acrescenta.



9. Capa do dia 9 de dezembro de 1991

MEIA DE CAMBÓRIO DO BRASIL  
"MOLTO AGRÁRIA E CORDA"  
**Começa devassa no Ministério da Saúde** /6

**ZERO HORA**

PORTO ALEGRE, 2ª FEIRA — R\$ 12,91  
ANO XXVIII — Nº 9594 — C15-400,00

**HOJE**

**MUNDO**  
Acordo entre repúblicas leva ao fim da URSS /18

Especial: a geração do pós-comunismo /20 e 21

**SEGUNDO CADERNO**



**A obra-prima de Disney em vídeo**

**PORTO ALEGRE**  
Até o fim do verão, 2.500 roubos /45

**LEIA**

**ZH CLASSIFICADOS**  
Hoje com 1.382 ofertas



**Definição:** no final da partida, Acari devassa na saída do goleiro Fernandes e faz o segundo gol do Grêmio, que já mantinha um de penalti marcado de Lira

# Grêmio ganha de 2 a 0 e faz festa no Beira-Rio

## Mas a decisão do campeonato ainda depende da Justiça

O Grêmio venceu o Inter no Beira-Rio, por 2 a 0, no segundo Grêmio da decisão do Campeonato Gaúcho, e, pelo regulamento, provoquei um terceiro jogo para apontar o campeão. Mas a questão do antidoping da partida anterior ainda está pendente na Justiça.

A equipe foi superior numericamente e o resultado final foi lógico. O primeiro gol foi marcado por Lira, de penalti, no

início do segundo tempo, e Acari fez o 2 a 0 já nos descontos. Com a vitória do Inter no primeiro clássico, ambos estão com dois pontos, embora ao Inter sirva o empate na terceira e última partida. Os jogadores e a torcida do Grêmio fizeram a festa na casa do adversário, inclusive carregando uma taça simbólica de campeão gaúcho de 1958.

O pedido oficializado pelo Grêmio para que o Inter seja

punido com perda de pontos por não permitir o antidoping de seus jogadores no primeiro Grêmio está na Justiça. O presidente do TJD, Sérgio Marone, espera a entrega da decisão por parte do procurador "para ver em que artigo o Inter será incriminado. Depois, é aguardar o julgamento na quarta-feira".

um terceiro jogo. Pelo regulamento, seria no Beira-Rio. Mas, no próximo domingo, o estádio está reservado para a festa de Chegada do Papa Nicol. A Federação define em reunião, hoje, se marca ou não o jogo, em que local e dia, pois não se registra para isso, independentemente do julgamento.

**DATA** — Não estão marcadas local e data para a realização de

/CAMERINO DE ESPORTES

**TRAGÉDIA**  
Acidente mata 21 no Paraná /44

**APOSENTADOS**  
*Collor regulamenta reajustes e INSS vai refazer cálculos* /29

9.1. Página 20 do dia 9 de dezembro de 1991



20 Segunda-feira, 9 de dezembro de 1991



**AMANHÃ**  
 Três semanas em Moscou. Pôde ter-se  
 para descobrir tudo, mas o esforço não  
 aprende a sobreviver

9  
**A GERAÇÃO DO PÓS-COMUNISMO**

□ Jovens por todas as áreas da antiga URSS tratam de enfrentar concorrência, um dos pontos que as gerações anteriores não chegaram a conhecer

**MARCULO RECH**  
 (Tradução de Marcelino)

Os jovens em Moscou estão todos ocultos no Distrito Central nº 110, no bairro de Kuznetsov, a sudoeste de Moscou. Antes de ir para a sala de aula, as crianças levantam pertiçalões no saguão sem um bônus de Lenin e comemoram com flores, criando um tipo de rituais mais refinado dentro da rotina austeridade dos dias de guerra. Com o fim do golpe de agosto, não há mais medo, o bairro de Lenin foi para o esquecimento, as crianças deixaram de usar seus tradicionais bonés vermelhos ao passeio e a professora de História passou a ler a Bíblia na sala de aula.

A revolução que chegou há mais de duas décadas, em um momento econômico desastrosamente ruim, trouxe as primeiras mudanças por dentro em volta do Parlamento da Federação Russa durante os três dias do golpe e a aproximação de um novo sistema de educação, mesmo visto da perspectiva de conciliação com os valores mais tradicionais em termos de individualidade de crianças e adolescentes.

É o nascimento de uma geração que passa os dias de volta atrás, tentando e tenta se aproximar do novo mundo que está surgindo a sua frente. São crianças de famílias de funcionários públicos, criados graças ao medo e apavorados com o mundo que os cercava, por alguns rublos, milhares de pessoas em seu movimento e sob a guarda. Os jovens de revolução estão geralmente também sem da mais antiga tradição soviética: os campos de este-dão em que eles vivem em primeiro plano para o que se considerava a sociedade perfeita. Após a restauração do golpe, os campos foram fechados na Rússia.

**RUSSO** — Russos Desobedientes, uma lista de cerca de 40 áreas, com nomes que são, na verdade, no topo da cadeia que adquirem os seus nomes, mas que agora se tornam fáceis. A situação de grande parte da juventude soviética, na fronteira do grupo de Facção de Ochiolkov, está de novo atrás, quando defensores de tudo o que eles acreditavam ser o bem, com um exemplo de Lenin, sobre o assunto de sua liberdade, e a presença em Moscou. Mas também há uma certa sensação de revolta para com o mundo que os cercava, mesmo que o mundo de Lenin quando ele se foi em 1924.

... e o quanto eles gostam de se sentir no Partido Comunista. Nas crianças de Lenin que frequentavam os cursos, havia um sentimento que o modo de vida soviético era o melhor do mundo e que se acreditava não se aproximava com facilidade ou cultura, nem apenas com dinheiro. Nos acontecimentos soviéticos e através deles por não serem capazes de "America", exceto. Nas das ocasiões, se introduziam recreativos um filme em sua sala de aula nos Estados Unidos, onde as crianças faziam um serenostando e se iam comovendo de seus lugares. "Eles queriam mostrar como os americanos eram iluminados, como não tinham qualquer educação", lembra Russa. "Mas, meu Deus, hoje eu vejo que aquele filme mostra apenas que as pessoas podem se comportar de maneira diferente."

**LENIN EM INGLÊS** — A descomunicação do ensino não está acontecendo de uma hora para outra. O culto à personalidade e a subjugação do poder, nos estudos de Depar-tamento de Imprensa e Propaganda de Gueórgio Vargás no dia antes de Mu-til e Cívica da ditadura sovieta, são da vida do movimento apagado, como nos livros de inglês de Maria Kurkov, aluno da 7ª série de Mu-til, em Moscou em 1991, o livro de-clarou vários temas sobre Lenin, in-teresse não que faz o livro de Rus-sia, mas que não tem o livro de Rus-sia. "Antes de você, criança, se-ria melhor, havia muitas, muitas, muitas coisas boas e maravilhosas no nosso país. Não souso constrin-ção e entregue para você". Mas de não ter ouvido sobre Lenin, mas sua vida, nada, se lembra. "Eles começaram as crianças a se rebelar

com o que de fato se não foram comunistas".  
 Pode ser chamado oportunista, mas a verdade é que agora são os jovens os mais preparados para enfrentar as mudanças que ocorrem no mundo soviético. São eles que mais rapidamente se adaptam à queda do regime e às necessidades de sobreviver, visto que sofreram um pouco de necessidade de um mundo que sobe suas circunstâncias e sob a ordem.

**CAMBISTA** — O decréscimo do sistema, porém, está ficando muito mais visível, como a de um estudante de 21 anos, que se identifica como Vladimir, um tipo cada vez mais frequente nos ruas de Moscou. Para trabalhar e obter que esteja para um ser Engenheiro, "Vladimir" vive há três meses em um dos cambistas que oferecem simulação para o Ruble de novo por dez dólares. 70 vezes acima do preço oficial estabelecido pelo governo. "Entrei nesta porque não tinha outro jeito", afirma ele, que faz pouco nos negócios de ma-neira e precisa trabalhar a mão de poli-cia para não ser descoberto.

Não houve mais, tinha tremada da Rua Alfas, uma espécie de Rua da Paz de Moscou, um rapaz que se trata para ser mecânico de avião e diz se chama Nikolai, adquire um passaporte para trabalhar de igreja soviética. "É um tipo de igreja soviética", afirma, que nunca pôde ir. "Mas sempre tivemos de bom-queir e agora em volta não comu-nicamos". "Nikolai" chega a fa-zer 1.400 rublos por dia, duas vezes o salário médio de um funciona-rio estatal de nível superior, mas não de ter que trabalhar muito com o trabalho difícil de manter para quem que já não tem a vida soviética com o de seus pais.



Gleb: vive em um apartamento

**Rock e jeans, a vida de Gleb**

Se não fosse pelo nome como li-gua inglesa, Gleb Goussakow, de 19 anos, poderia ser confundido com qualquer rapaz de sua idade em Los Angeles, Londres ou Rio de Janeiro. Sem quarto, um apartamento de classe média alta perto do bairro Li-tovo de Moscou, é decorado com posters de grupos de rock e bem abarba-dado de fitas musicais que são seus mais valiosos objetos. Seus livros: David Byrne — "grave todos os dias de vida" — e Alice, um grupo punk soviético que agora é conhecido em Moscou.

Gleb vive em uma casa que não era para ele, mas que ele não tem por, portanto, ele quer comprar, mesmo para ir ao trabalho, no departamento de administração de uma casa so-vietica brasileira e soviética, onde ga-nha 1.200 rublos por mês. É um bom salário, melhor do que os de quem se de seu pai, mas extremamente modesto que fazemos, cada um, 700 rublos mensais.

Com o dinheiro, ele acredita e organizou um empreendimento com o mesmo nome não com letras, epi-grama, também, vale a dizer para a sociedade. Gleb não gosta com mui-to — uma instituição não des-empenhada mesmo na terra Lenin. Quando ele e a sociedade que-rem fazer negócios, apresentam-se todos e apresentam negócios de seu

pai.

**CLIPS** — Gleb se orgulha de ter viajado para fora de URSS. Quando tinha 11 e 14 anos, esteve em Angola, onde o pai trabalhava como consultor técnico, e agora trabalha em casa, com mais de dez anos de idade passou as férias de verão em um estado a Europa Central. Ele tem um apartamento em uma ilha que o ajudou há alguns anos atrás, ele está comovido com o país, mas não tem certeza se a própria igreja não é representativa de uma forma de comunismo que é muito mais simples, ligando-se ao "Povo" que ele tem. Ele não sabe como de manter um sonho grande, mas ele quer ser um profissional de rock de grupos soviéticos e quer trabalhar para os EUA, mesmo.

Não são apenas eles de quem ficamos de acordo. Com o grupo de amigos de Gleb, que foram para um curso da Casa Russa, onde da Federação Russa, em 1991. Muitos acreditavam que eles não tinham nada de comum com o mundo soviético. Mas eles não são apenas eles, e um deles, que não tem nada de comum com o mundo soviético.



Gleb: não se lembra por muitos

9.2. Página 21 do dia 9 de dezembro de 1991

Segunda-feira, 9 de dezembro de 1991 | 21

ESPECIAL

ZERO HORA

### Da Sibéria até Moscou, só para ver Lenin

Com sua família sendo o destino de viagem, Viktor Datshevskiy aproveitou um fim de semana de folga de trabalho para passar pela Praça Vermelha e visitar o túmulo da última vez ao mauolho onde Lenin está sepultado. Um dos 7,3 milhões de jovens que saíram para o Exército soviético, ele nasceu em Moscou, mas foi deslocado para uma unidade militar a 8 mil km de distância, no extremo oeste da Sibéria.

Aos 19 anos, Viktor, que servia como uma guerra militar, está acostumado com o trabalho de assistente técnico desde o golpe de agosto. Quando sua mãe recebeu Lenin e desfilou seu pai da antiga capital, ele ainda não consegue dizer a segunda revolução que sempre a URSS. "Não estive dentro de Vostok e não intendo de voltar", diz ele. "Estou muito orgulho".

Assinar de seus interesses, Viktor tentou entrar no curso de direito que deveria ser dado ao corpo embalsamado de Lenin. "Sou católico desde que pela lei de Deus, ele deve ser enterrado num túmulo santo", disse sobre o corpo no momento em que saiu dali em vão, ele entrou na fila dos que não podem ir e a distância elevada, no tempo limitado do líder da Revolução. Vai ao cemitério da nascerada, Katherine, com quem ele não se separa e se feriu. "Se não sei quando, porque não tenho dinheiro e não tenho como voltar", justifica, entristecido.

Simboto: surgido em Moscou, viajando sozinho

### A sociedade dos ambulantes quer só lucro na Arbat

Sergi Grebner e Roma Suldin, ambos de 18 anos, deveriam estar ansiosos para conquistar uma profissão e depois um bom emprego que lhes desse estabilidade no futuro. Embora filhos de famílias com pais de nível superior, os dois preferem passar os dias sob temperatura ideal de zero graus de um tabuleiro montado na Rua Arbat, em Moscou, onde vendem as tradicionais matrizes, bonecas de madeira encaixadas uma dentro da outra.

Amigos há um ano, eles se juntaram numa sociedade informal e se tornaram vendedores ambulantes — uma atividade que rende quatro vez mais do que os salários dos pais, todos empregados do Estado. "Em casa eu sou o milionário", diz Roma, que faz um comércio com apenas uma moedinha pequena, vendida a preços baixos e freqüentemente em dólar, até 500 rublos, 100 a menos do que paga mensalmente de aluguel pelo apartamento de um quarto em que passou a viver sozinho desde que começou a buscar o bôbo de dinheiro.

Roma chegou a se formar num curso técnico de engenheiro, mas não quer mais saber de fogão. "Descobri que podia ganhar muito mais aqui na rua", explica ele, embora parte do dinheiro tenha que ser empregado no pagamento da taxa de proteção à mafia dos ambulantes da Arbat e no suborno a policiais. Os dois não se queixam da extorsão, que consideram uma cotituidade de quem vive na economia informal.

Sergi, que conseguiu ingressar na faculdade de Engenharia Elétrica, pretende obter o diploma, mesmo sem muita esperança de um futuro melhor. "Amos a gente não dá importância com emprego garantido, mas hoje é muito difícil", lamenta ele. "O que eu quero mesmo é terminar a faculdade para não ser um qualquer e depois montar meu próprio negócio." Já seu colega tem até uma lista de suas prioridades a longo prazo. "Quero um carro, uma chacha (uma de campo) e um apartamento". E quanto ao futuro da Rússia? "Não se pode prever o amanhã", diz Roma.

### Era uma escola do PC. Hoje, forma empresário

Até a primavera, o prédio imponente no número 15 da Rua Gorki, no centro de Moscou, abrigava a escola superior do Partido Comunista, onde se formavam alguns dos futuros medalhões da administração estatal. Hoje, segundo a Universidade Russa de Humanidades, a edificação serve para dar guarida a projetos sociais de formação de empresários pelo modelo capitalista na Rússia.

— Somos pioneiros — diz Anatoly Buzgin, Ph.D em Economia e diretor do Instituto Independente de Administração Russa, centro e facultade há fundado. A criação pela administração, a instituição é revisto considerável para os padrões soviéticos. Primeiro curso superior privado de Moscou, os 20 alunos, que estão no segundo semestre do curso, pagam 4 mil rublos de mensalidade para receber 28 horas de aula por semana.

Não há fácil entrar no 15 pessoas, que mostram desconfiança como legal. Filosofia e História do Movimento. "Eles são profissionais e sabem de se extrair a coisa máxima, porque o comunista havia muito estudado sua mente", co-

menta Buzgin. O ensino de administração capitalista não inclui discussões em aula sobre o marxismo, embora de um ponto de vista oposto ao que se encontra nas últimas décadas na URSS. "Ainda analisamos como tratar a questão, mas o melhor caminho é dizer aos nossos alunos que o marxismo chegou ao fim da linha", observa o diretor.

Os alunos, ao que parece, estão aprendendo rápido. Para Mikhail Iudin, 17 anos, a economia de mercado "é a liberdade de cada um produzir o que quiser e o consumidor fazer a sua escolha". Acompanhado de maioria dos adeptos da livre iniciativa na Rússia, Mikhail não pretende se tornar comerciante. "Quero tornar dinheiro empregado para a produção de bens de consumo", diz ele. Seu colega de classe Pavel Buzgin, de 17 anos, discursa. "A criação do que está tão difícil que, para fazer dinheiro, primeiro é preciso criar um empreendimento", acredita.

**AMBIÇÕES** — Outros alunos, Taras Chudnov, de 18 anos, já mostra também inclinação para o marketing

Estudante: na antiga escola do PC, agora diariamente é o capitalismo

possível. "Posso entrar em qualquer curso de engenharia que eu quiser fazer, mas acho que vou abrir uma empresa de lojas", afirma ele. "Não tenho certeza se um ponto tão crítico que é preciso fazer alguma coisa para não se a sua situação, mas eu acredito bem desconfiada", avalia Taras.

Pelo menos em teoria, os três futuros capitalistas começaram a receber o dinheiro através das suas atividades pessoais. "Gostaria de fazer algo útil para a URSS com meu dinheiro, como reformar o apartamento de Donetsk, que fiz alguns dias de férias", conta Mikhail. Pavel aceita um "uma casa bonita no centro de

Moscou", mas garante que, até se tornando rico, vai desistir parte do dinheiro à sociedade em forma de doações. Já Taras garante: "Se tiver meu próprio negócio, vou me dedicar a este instituto. Mas não há que se esquecer que posso começar um negócio próprio".

10. Capa do dia 10 de dezembro de 1991

7. RODAGEM

# ZERO HORA

PORTO ALEGRE, 3ª FEIRA — 10.12.91  
ANO XXVIII — Nº 9595 — Cr\$ 400,00

NOTÍCIAS DE CONVICÇÃO SOCIAL  
"JORNAL DO DIA DA CORRUPÇÃO"

## GAUCHÃO

Caso do antidoping será julgado na quinta

/50 e 51

Federação: reunião define data. E sereno Ge Nil vai-se durante ao Boto Rosa

GREVE DA CEEE

# Falta de energia causa confusão em toda Capital

/CENTRAL

## COMBOIO AMBIENTAL

Carga: 27 carros partem hoje do porto da Capital com equipamento desenvolvido para África de combater os Camêlo do Sul

/40

## HOJE

AUMENTOS  
Combustíveis estão 25,89% mais caros /20

INFLAÇÃO  
Índices apontam estabilização /22

SENA

Amazonense ganha sozinho Cr\$ 1,3 bi /16

SECRETÁRIO ALERTA  
É inevitável a chegada da cólera ao RS /32

## ESTADO

### Collares deflagra a reforma da máquina

/29

## IRREGULARIDADES

### Alceni depõe hoje na Câmara

Não houve qualquer manifestação nutiva do Ministério da Saúde sobre as inúmeras denúncias de irregularidades em licitações feitas por órgãos de sua pasta. Mas hoje o ministro Alceni Guerra terá que se submeter a um bombardeio de perguntas dos deputados para explicar os escândalos dos últimos dias envolvendo sua administração. Ele depõe na Comissão de Finanças e Organização da Câmara e explica em especial a compra de 23.500 bicicletas pela Fundação Nacional de Saúde e outros equipamentos sob suspeita de superfaturamento.

RESULTADOS — O ministro de se apresentar também os primeiros resultados da auditoria que está sendo realizada nos comitês do Ministério da Saúde e de seus anexos vinculados. Na última vez em que esteve na Câmara, o ministro chegou a dizer: "superfaturado é a mãe de quem está inventando tudo isso".

/6

## URSS/ESPECIAL

Moscou, centro das mudanças nos anos 90 /18 e 19

10.1. Página 18 do dia 10 de dezembro de 1991

18 Tempo Brasil, 10 de Dezembro de 1991

**A SEGUNDA REVOLUÇÃO**

**Final**

# MOSCOU, O CENTRO DO MUNDO

□ Tudo muda no império que era soviético. E rapidez das alterações é tamanha que viver na Rússia pode ser uma experiência para entrar na História

**MARCELO RUCH**  
Brasília, 27/10/91

O Teatro Bolshoi atua todos os meses sem o Inês Cavalcanti, sobrinha de Vladimir de Jesus da UNES se apresentarem a cada dia com a orquestra da Praça Vermelha, o Clube de Moscou ainda é a grande atração da cidade, o metrô — quase um ano sem interrupções pelo seu fecho — continua funcionando, de manhã à noite, 10 milhões de moscovitas que possuem indolentemente as que vivem na superfície.

Além da cortina de marmalade, Moscou, a capital de todos os Russos soviéticos e a cidade de um regime que mudou a face do mundo novo século, vive um terremoto político e cultural. O jornalista David Wainwright, correspondente do jornal Washington Post, não deixa por tudo: ele considera Moscou "o centro do universo dos anos 90, uma cidade onde toda a conversa se volta para o desmembrado destino do humanista".

Não é tão insuperável o conceito. Nossa fase de pós-comunismo e de pré-capitalismo, Moscou tem o mesmo cheiro de efervescência encalada e imersão e perigo que fizeram de Paris de hábil espírito, de Nova York quando foi guerra e de Londres dos anos 60 os capitais que fomentaram a cultura do planeta. Em Moscou, viver os dias constituintes da segunda revolução significa pensar em filas de pão de nove em horas de um pedaço de pão e, logo em seguida, esperar com um copo de milk que um prego fache de laser tenha efeito especial.

**SONHO COM SENNA** — Não há revolução no momento que apague todos hábitos, como os de moscovitas devorarem sorvete mesmo abastado de leite ou de obterem bucha de flanelas a cada vez que se visitam. E sem toda a indignação de produtores impede que nos esportes se fizessem as milhas, vitórias de bibelôs que dividem uma garrafa de vodka onde se sabe lá a que conta. Depois, se um deles não se aguentar, tudo se põe ali mesmo no sujeito. Tudo o que se passava fazem é desviar com naturalidade daquele corpo que expõe uma das maiores chagas de uma sociedade onde as pessoas vivem de se alimentar por décadas com uma vida em preto-e-branco.

Apesar de tudo, em poucos lugares do mundo há tanto êxito para o jogador de tênis Sacha Bickiauskas. Durante 20 anos, ele gastou todas as suas economias comprando peças de carro no mercado negro para engrandecer automóveis e disputar competições amadoras em circuitos locais. Um dia, Sacha deu-se ao seu nome e tirou adiante a carreira. O sobrinho ressurge agora na figura de seu filho Renato, de 14 anos, seu três meses russo que já conseguiu se estabelecer no cenário. Renato corre na Itália pela Ferrari na fórmula A.2.c. e claro, que seu pai Aymon Senna. "Quem sabe um dia transitará as corridas de Fórmula 1 para lá e eu não posso ser meu filho na pista", imagina Sacha.

**BANCO DE ARAQUE** — Com um modelo sólido sendo construído à sua frente, os moscovitas ainda não tem o mesmo sucesso duplamente ali que se apresenta em publicidade na rua e se apresenta com a capacidade de alguns bancos internacionais pagar em até 50 mil rublos (mais de 70 salários mínimos) por um comercial de 30 segundos no horário nobre da TV. E não podem se reportar ao di. principalmente depois de dois ou três meses com vodka, coararam a mais nova pista da cidade, como a de um homem que pergunta para outro se ele sabia por que sempre sem fila diante do McDonald's. A resposta: "É para ver russos trufando".

A capacidade de autogeração serve como válvula de escape de uma rotina sobrada, em que os filhos russos e no lugar onde se constroem outros. Nem o jovem que ficou conhecido como o "Rambo Soviético" e que se tornou um dos símbolos da resistência ao golpe de agonia passa do período por muito tempo. A Revista de Moscou revelou que Nino Arnelin, o rapaz que recebeu o convite que sabia sem dúvida em sala de aula e na barba da Federação Russa, era, na verdade, um sobrevivente de um. Quando saiu a notícia do golpe pelo rádio se se fantasias de Rambo e não a convocação de soldados russos a serem mortos. Ninguém tem a ideia que Moscou do fim de 1991, não se tornou mais um novo cenário de todos os jeitos, desmembrando-se pelo a história.

**Esperaça:** numa espera, não pode ser encontrado. O preço é alto para depois.

**Sobrinho:** presença do capitalismo emergente em Moscou

**Sacha:** Sacha mostra com filho Renato a Senna

10.2. Página 19 do dia 10 de dezembro de 1991

ZÉRO HORA

ESPECIAL

Terça-feira, 10 de dezembro de 1991/19

### Meu nome é nalyeva mas podem me chamar de jeitinho russo

Os brasileiros que vivem do "jeiti-rê" não aprendem da mansuetude que levou a Valesa Sobrinha a escapar. Como se estivessem num pequiço, em que a palavra de ordem é guerra a sobrevivência pelas próprias mãos. Há guerra, uma espécie de função social, política, econômica e moralmente imposta aqui, pela ordem de jogo oficial, visando à sobrevivência e à própria sobrevivência de cada um. É através das brechas da desorganização desta fase de transição, mais se de garantir o jogo de cada dia.

Se não se quiser enfrentar a ordem de jogo, é melhor que se ataque o pélo — pela porta de trás da padaria, ou seja, de um mundo de relações pessoais. Se não estiver disposto a pagar sob as regras do jogo de um mundo de relações pessoais, é melhor que se ataque o pélo — pela porta de trás da padaria, ou seja, de um mundo de relações pessoais.

Se não tem certeza em Moscou, dê-se a segurança de novo. Basta mudar 20 quilômetros em direção ao oeste e o mercado negro vai trazer de imediato uma variedade de produtos em termos de qualidade dos produtos, mas mesmo estranhos sobre isso. Não há dúvida. Paga-se de vez em quando um pouco mais caro, mas a segurança é maior.

### Onde o preço é em dólar, nada falta

A 10 quilômetros da porta principal do prédio do KGB, no centro de Moscou, uma multidão de estrangeiros todos os dias se aglomera em frente à loja "Mundo de Crianças", o maior mercado de brinquedos da capital russa. Ao se aproximar, percebe-se que não há nada de novo, mas sim produtos de qualidade. Há produtos de qualidade, mas mesmo estranhos sobre isso. Não há dúvida. Paga-se de vez em quando um pouco mais caro, mas a segurança é maior.

A certa, que se reproduz no decorrer de períodos semelhantes por Moscou, também o grande mercado negro em que se transformam a cidade desde que os produtos começaram a desaparecer das lojas estatais, que resistem à propagação da desconfiança. Mesmo hoje, apesar de ser algo não parecer tão fácil — se tornam, muitas vezes, mercados de produtos vindos a preços baixos.

Como já foi dito, os mercados são muito mais seguros para fazer seus negócios. A não ser quando vão às lojas estatais, geralmente desconfiam por um tempo com o cenário de "produtos". Para isso se há alguma coisa dentro de casa, basta conferir se não estão se enganando para evitar erros. É, para desconfiar e a maioria dos produtos não a parte, o momento da vida que se torna na vida e o melhor jeito

caro, se você desistiu de estar dentro da família do governo, é garantido.

**DÓLAR REALTIVE** — A situação econômica russa não é um mistério. É a corrupção, os subsídios, a propriedade, mas agora a abertura é de que a crise econômica afetou os negócios de lucro e honestidade no trato da coisa pública. Não se ouve relato sobre alguns guardas de trânsito que sofria reclamações apenas para manter uma rotina, ou seja, a comunidade estrangeira, mas se, com uma pitada de vergonha, como a simples compra qualquer produto com uma nota de dólar.

Uma destas histórias ocorreu numa madrugada de sábado em outubro passado, quando um grupo de diplomatas latino-americanos foi de taxi na rua por uma jornada. Essa vez todos equipados de vodka e o caminho correto seria a abertura da carteira do motorista e até sua prisão, se não fosse a intervenção diplomática. Para evitar os problemas, os diplomatas foram até a polícia para explicar a situação, com muita paciência e cordialidade, como se não tivessem sido os culpados.

Quem não tem dólar suficiente para comprar ou beber. É assim, por exemplo, quando uma filha de casa próxima de um comércio caçador. Em Moscou, apesar de não ter vergonha de comprar produtos em que



Improvisação: carne no café, dez vezes o preço oficial

há coisas proibidas: a estrangeira mora dos comércios ainda precisa ser atendida por funcionários estatais estabelecidos por decreto e somente a eles os negócios da zona podem ocorrer. A vida continua leve uma semana e finalmente não há peças para o comércio, até que surge uma partida de vodka.

**CAMINHOS DESVIADOS** — A história dos negócios só existe atualmente: um comércio livre, a preços proibidos para o comércio dos outros, ou em circunstâncias. É o preço de uma refeição que se fecha o negócio junto com a conta, uma poluente que se fecha com a presença de um pequeno levar algumas garrafas, destinadas aos negócios do comércio de rua. Um procedimento generalizado, o dinheiro serve

também para a compra de carne — não raro, dentro de um dos restaurantes carregados com as latas que jamais foram encontradas numa loja do governo.

A vodka e o café são servidos para mais um elo da cadeia de corrupção. Coisas são feitas: material de construção disponível, e materiais utilizados para os negócios em instalações transportadas o material de um lado para o outro. O negócio é mantido ali mesmo e o material, mais difícil de ganhar de volta a casa, mas, mesmo em condições de risco ao comércio, segue-se com o comércio como se nada tivesse acontecido. Se o superior reclama, tudo o que ele precisa é uma boa dose de dinheiro que acaba de receber.

### Conduzir a travessia, uma tarefa mais do que difícil

Para se entender uma crise de verdade, nada melhor do que a realidade dos mercados. Ali não existe apenas o dólar no paralelo, mas uma sociedade dividida entre aqueles que sobrevivem em rublo, ainda a moeda oficial, e uma outra que sempre o que tem em mãos em dólares. Para a maioria oficial, um rublo vale 138 centavos. Se que não é o chamado "rublo de mão" — é o rublo real, o que vale para se transacionar de dia-a-dia e o chamado "rublo paralelo", derrado no início de dezembro na Rússia. No bairro Irev, um dólar alcança uma cotação em torno de 70 rublos.

Um livro publicado pelo governo — um manual que trabalha com o mercado paralelo, por exemplo — ganhava em setembro 700 rublos, ou o equivalente a dez dólares. Se ele vale na realidade em rublos, não é uma novidade. Ele pagará 13 rublos pelo aluguel de um apartamento, dois rublos pelo custo de luz e três água fervente nas torneiras de água. Se um livro que trabalha com o mercado paralelo custa 700 rublos, o que vale em dólares, não é uma novidade. Ele pagará 13 rublos pelo aluguel de um apartamento, dois rublos pelo custo de luz e três água fervente nas torneiras de água. Se um livro que trabalha com o mercado paralelo custa 700 rublos, o que vale em dólares, não é uma novidade.

Para todos os que não têm dinheiro e não podem o dia a dia em rublo, mesmo aqueles que precisam resistir à

escassez? Dois dólares fazem a diferença misteriosa. Não há nada no Brasil? Enquanto alguns garantem a diáspora de duas pessoas. O que é possível seria pelo menos o dobro, mas há própria já está incluída o taxa para não registrar documentos. O trabalho de cada estado não quer pagar? Além de uma taxa de entrada de 100 rublos, o governo, deve dar taxa e parte do material, mas não os dois rublos. Mas não se desespere apenas do chover. Dos 90 rublos que há restaram, um tempo vai para a parte que dá impressão e estresse os sobreviventes. É que também vai pagar a sua cotação à Polícia para não ser imobilizado.

### EMERGENCIA

O hospital de emergência de emergência de graça, mas quem não pode pagar, não pode pagar. Mas se quiser pagar, não há problema. Mas se quiser pagar, não há problema. Mas se quiser pagar, não há problema.

Um livro publicado pelo governo — um manual que trabalha com o mercado paralelo, por exemplo — ganhava em setembro 700 rublos, ou o equivalente a dez dólares. Se ele vale na realidade em rublos, não é uma novidade. Ele pagará 13 rublos pelo aluguel de um apartamento, dois rublos pelo custo de luz e três água fervente nas torneiras de água. Se um livro que trabalha com o mercado paralelo custa 700 rublos, o que vale em dólares, não é uma novidade. Ele pagará 13 rublos pelo aluguel de um apartamento, dois rublos pelo custo de luz e três água fervente nas torneiras de água. Se um livro que trabalha com o mercado paralelo custa 700 rublos, o que vale em dólares, não é uma novidade.

Para todos os que não têm dinheiro e não podem o dia a dia em rublo, mesmo aqueles que precisam resistir à